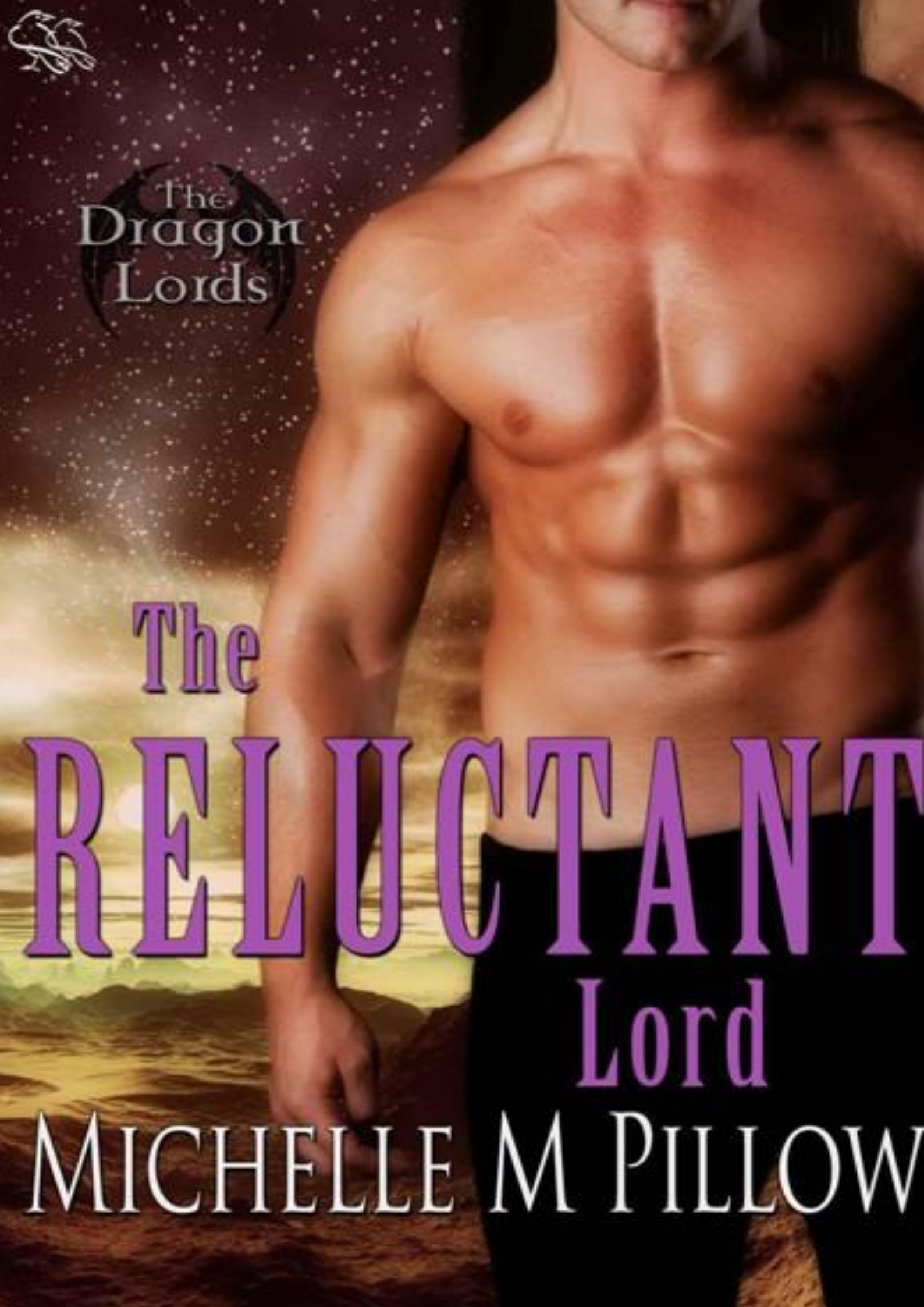
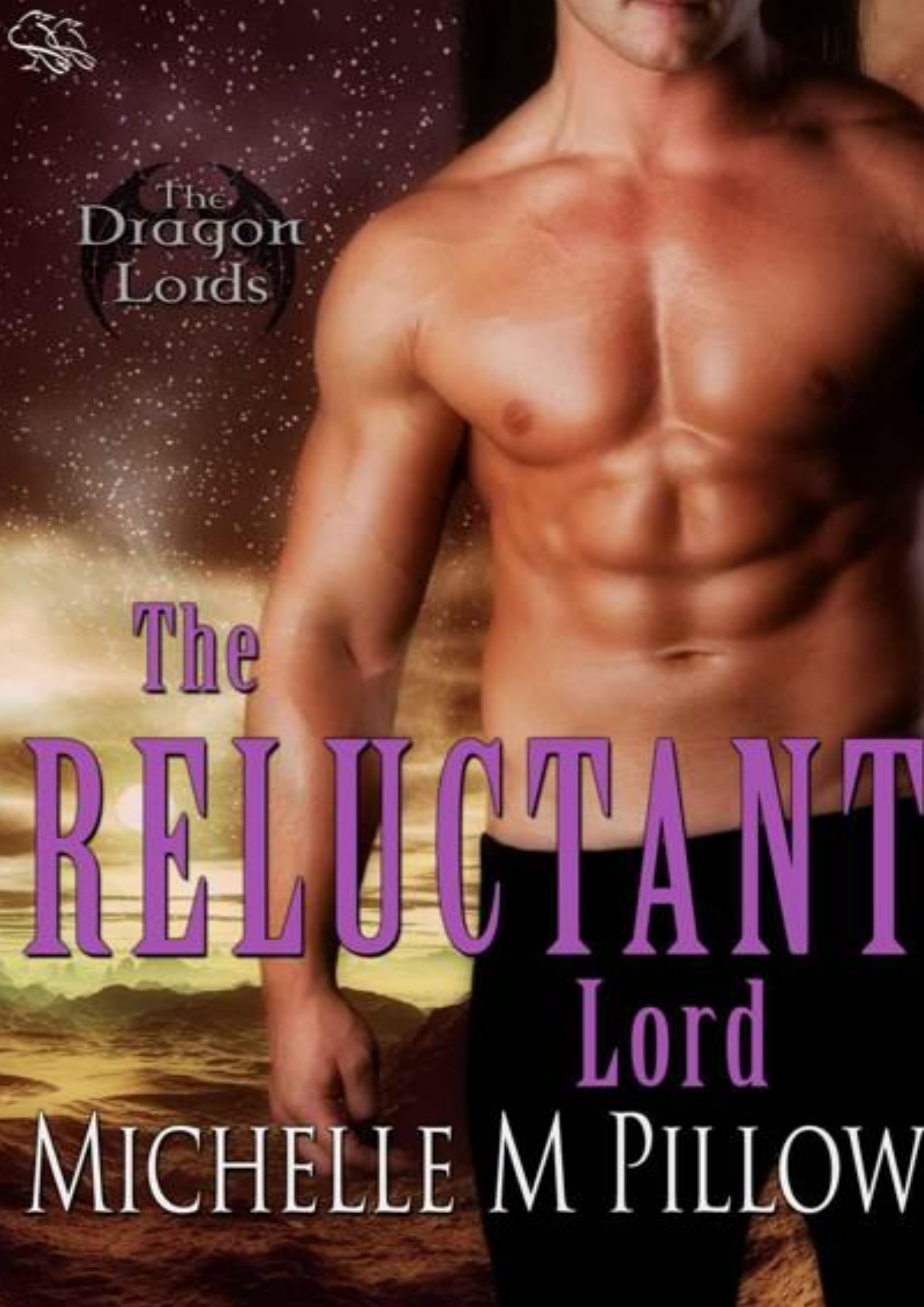




The
Dragon
Lords

The

RELUCTANT

Lord

MICHELLE M PILLOW





Seigneur Reluctant

THE RELUCTANT LORD

Série
Dragon Lords
Livro Sete

Michelle M. Dillon





Envio: Parceira PRT e PL

Tradução: PRT

Revisão Inicial: Silvia

Revisão Final: Bliss Tambora

Leitura Final: Sofia

Formatação: ChayraMoom

A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pegasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código

By Lola

Favor Não Publicar Nossos Arquivos No Facebook

Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a moderação
Se Você gosta dos livros feito pelo PL ajude !!!
Quem gosta respeita nosso grupo !
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo
de forma desnecessária

Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo !

Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pegasus Lançamentos



Polido, digno e reservado em todas as coisas. Assim era um verdadeiro nobre.

Lady Clara de Redding, uma estátua viva de perfeição, era uma verdadeira nobre de Redde. Ela foi ensinada a nunca mostrar emoção, nunca levantar a voz, tocar tão pouco quanto possível, e nunca agir de modo selvagem ou temerariamente. De acordo com os costumes de seu povo, a nova geração não poderia começar até que a mais nova estivesse pronta. Ela era a última das irmãs sem um marido, e suas irmãs grávidas permaneceriam em êxtase até que ela estivesse casada.

Depois de Clara negar todos os machos adequados no seu mundo, seus pais tinham apenas uma escolha, mandá-la para um planeta primitivo, onde vários nobres aguardavam casamento. Os homens quase não pareciam exigentes sobre suas escolhas, um acordo perfeito para uma noiva relutante.

Uma mulher desinibida para combinar com sua alma indomada. Esta seria a esposa ideal.

Lorde Vladan, O Conde Honorário de Draig, não era como seus irmãos nobres. Adotado pela família depois que um acidente de mineração que matou seus pais, ele recebeu títulos e foi bem aceito entre seus novos irmãos. No entanto, não pode evitar sentir a força de seu passado plebeu. Ele amava sua família, e sempre cumprirá com os deveres exigidos, mas uma parte dele ainda ansiava por transformar-se em dragão e correr livremente na natureza. Ele se entrega a cada chance que recebe. Esta é a forma como sabe que sua noiva será a mais selvagem das criaturas, pois ele quer paixão, não perfeição. Seguramente os deuses se enganaram quando o prenderam a mais refinada, reservada e frustrante criatura no universo.

Capítulo 1

Galeria de NoblaePortraite, Grande Palácio dos Lordes

País de Redding, Planeta deRedde

—Esta é minha decisão, Clara. Assim será.

Lady Clara deRedding olhou fixamente para seu pai com uma falta de paixão que não sentia. Seu olhar foi treinado desde o nascimento, para a cobertura completa das emoções internas, a natureza estoica e um entusiasmo móvel. Não que ela estivesse sentindo qualquer coisa perto de entusiasmo. De fato, era bastante o oposto. Ela uma vez viu uma empregada gritando e chutando seus membros, em uma manifestação pública altamente imprópria e exatamente o que Clara sentia internamente. Ela nunca descobriu exatamente o que deixou a empregada tão irritada. Talvez algo dentro da mulher simplesmente tivesse se rompido. O que quer que fosse, a empregada nunca mais foi ouvida novamente, depois que os oficiais de execução a levaram para longe.

Clara respirou fundo, e então outra vez, antes de fechar os olhos diante de seu reflexo na parede espelhada. Seu olhar violeta devolveu o olhar debaixo de sua peruca branca alta que cobria seu cabelo loiro. O corpete de seu vestido estava impecavelmente costurado e tinha um aro largo sob sua saia. Ela estava sentada no

final da cadeira, se equilibrando com facilidade. As costas de uma mulher nunca tocaram o encosto da cadeira, nem suas mãos os braços dos moveis. De fato, com as mãos não tocava quase nada, nunca. Clara era um ornamento, uma dama. Ela foi autorizada a ter uma mente, desde que estivesse linda, refinada e não falasse os seus pensamentos fora de hora. Havia hora e lugar designado para o intelecto e havia momento e lugares para o silêncio. Decoro tinha muitas regras e ela seguia todas, naturalmente, regamente, sem hesitação. Ela não tinha escolha, pois nasceu uma dama, permanecia uma dama e seria para sempre uma dama.

As armações douradas dos espelhos brilhavam com pequenas sugestões minúsculas de luz ao longo de seus traços esculpidos. A beleza do detalhe se perdia ao mesmo tempo em que chamava sua atenção. Os retratos de família enfileiravam as paredes, parecendo desaparecer sob uma passarela interminável. Com cada geração, o corredor ficava mais longo, até que todo membro da família fosse catalogado de modo a marcar sua importância como um todo.

Finalmente, depois da quantidade adequada de contemplação necessária, ela olhou para seu pai. Sua peruca e casaco longo combinavam com a roupa dela, até o bordado floral delicado ao longo da bainha. Ele traçou um dedo sobre a extremidade traseira de uma cadeira. Os homens em seu planeta não tinham o fardo das mãos sensíveis.

Suavemente, ela respondeu em um tom uniforme:— Devo protestar, papai. Olhei as informações planetárias e o local é inaceitável. Seguramente tal escolha não honra meu nome.

—Talvez devesse ter pensado nisto antes de rejeitar os vinte pretendentes apresentados a você no último baile. Age como se a nobreza crescesse no jardim, para ser escolhida e arrancada por um capricho. Suas irmãs foram capazes de encontrar homens nobres. É hora de você fazer o mesmo. Nós temos estas leis por uma razão.

Leis de casamento. Uma piada. Ninguém sequer podia lhe dizer a razão delas, apenas que sempre foi assim. Suas aulas de história falavam de um tema da população devido ao fratricídio, e ela deduziu que talvez gerações fossem iniciadas ao mesmo tempo e só depois que se casavam por causa da herança. Filhos solteiros eram particularmente problemáticos para as complicadas leis de herança dos Redding, especialmente se eram varias gerações. Seu povo preferia assuntos bem organizados. Quando ela perguntou ao seu tutor, ele pareceu desinteressado em discutir uma resposta.

O único modo de evitar o casamento seria se cada criatura masculina solteira de reconhecimento nobre morresse de repente para que pudesse participar de um matrimônio espiritual e converter-se em uma viúva imediata. Nos velhos tempos, isso não era tão difícil. Mas agora, com a viagem interplanetária e avanços médicos que estendiam as vidas dos povos em centenas de anos? Uma praga teria que varrer todos os universos conhecidos antes que pudesse sair da obrigação do casamento.

Clara pensou em suas dezenove irmãs. Apenas três tinhamo que ela chamaria de um bom casamento, não era genial, mas muito decente.

—Por que nós não podemos mudar as leis? Eu não vejo

nenhuma razão para que eu deva me casar, apenas para que minhas irmãs possam sair do êxtase para ter seus filhos. Desperte-as e deixe que tenham seus filhos agora. Vou revocar meu direito de casamento e procriação— Clara disse, sem se mover em sua cadeira almofadada.

As palavras em si eram audazes. Ter nadamenos que dez filhos, era mal visto em uma família nobre, mas não ter filhos? A menos que tivesse autorização médica, em cujo caso teria piedade de sua situação, não ter filhos era uma desonra.

Imediatamente, ela desejou poder pegar suas palavras de volta, mas permaneceu tranquila e não deixou sua culpa se mostrar. Se alguém passasse por eles com certeza pensaria que ela era feita de mármore e esculpida em perfeição. Seu rosto era pálido pelo brilho dos cosméticos com os lábios brilhantes e bochechas que não se produziam naturalmente em seu mundo. Seus cílios e sobrancelhas estavam cobertos de púrpura para combinar com seus olhos.

—Não pode haver nenhuma criança até que a geração atual seja povoada. Você conhece as leis—Seu pai disse. Suas palavras ficaram mais baixas, um tom de advertência. —Doze de suas irmãs dormem, à espera que você se case, e as outras logo se juntarão a elas. Você é a filha do Grande Senhor de Redding. Existe apenas um nível mais alto neste planeta. Como veriam nossa família se ignorássemos as leis sobre o casamento, o costume de nosso povo, para acomodar o capricho de uma jovem dama que pensa em si mesmo ao invés do casamento? Você impede toda uma geração de nascer. Eu quero conhecer meus netos!

Clara sentiu um pequeno tremor quando ele levantou sua voz. Raramente seu pai falava com ela desta forma. Viu que suas mãos tremiam de raiva e soube que ela foi muito longe.

—Perdoe-me, Grande Senhor, por mostrar meu medo de viajar para este novo mundo. Não acredito que estou acima de nosso povo. Rogo que encontre outra forma. Não me faça ir para Qurilixen. Até o nome é difícil na língua.

—Foi decretado e você tem a bênção do imperador. Em menos de um mês, eles terão sua cerimônia de casamento anual. Quatro príncipes e vários nobres Draig assistirão. Tenho certeza de que você poderá escolher qualquer um deles. Irá chegar quando as outras noivas potenciais o fizerem, mas terá seu próprio transporte. Não vejo nenhuma razão para você viajar com os cidadãos. O rei de Draig sabe de sua chegada e os acordos foram feitos para que seja apresentada antes àqueles de nascimento nobre, antes das outras mulheres terem uma chance com eles. Escolha quem você quiser. Os homens não protestarão uma vez que a dama fizer sua escolha.

—Mas eles não decidem antecipadamente com quem se casarão? Eles simplesmente escolhem nesse grupo de mulheres? É selvagem.

—É como eles fazem as coisas. O que importa? Você decidiu contra seus pretendentes com apenas uma reunião. Os homens de Draig decidem em apenas uma reunião. E, se eles fossem tão selvagens quanto você acaba de deduzir nestes poucos momentos de audição, então deve ter nenhum problema para manter o controle sobre seu cônjuge. Você é uma dama. É difícil fazer valer sua

autoridade sobre um bárbaro? Desde que ele seja um nobre, nossas leis serão cumpridas. Tenho certeza que fará uma boa escolha Clara. Você sempre teve um olho perspicaz e duvido que um homem primitivo possa resistir a você, uma vez que decidir que o terá. Vá. Escolha seu marido. Seu casamento deixará suas irmãs fora do êxtase. Eu terei meus netos. Viva com o lorde bárbaro por um ano, e então volte para casa se quiser ter seu primeiro filho aqui. Então voltará, fique grávida novamente e retorne. Vamos criar seus filhos na nobreza e serão tomadas medidas necessárias para assegurar que não sejam bárbaros, pode ficar tranquila sobre isso. Uma vez que tiver cinco filhos nascidos vivos, se ainda gostar de seu marido primitivo administre o problema. Mas você se casará. Deixe suas irmãs terem seus bebês. Deixe a próxima geração começar.

—Cinco?— Clara tomou uma respiração profunda. A quantidade era um número alto quando enfrentava a sua situação atual, mas dificilmente era uma quantia respeitável. Talvez seu pai acreditasse que se a convencesse com isso, ela estaria disposta a honrar a quantidade familiar.

—Suas irmãs alegremente terão mais filhos para cobrir sua falta.

Inclusive a forma como ele disse, a fez envergonhar-se dela mesmo. A culpa que tentava suprimir brotou de dentro dela.

—Eles ficarão felizes em por serem capazes de prover nossa nova linhagem — O grande senhor fez uma pausa antes de acrescentar.—E estamos um pouco inseguros quanto à mistura de linhagens. É melhor não ter muitos.

Ela novamente pensou naquela empregada, gritando e batendo seus membros. Clara movimentou a cabeça uma vez ante o olhar de expectativa de seu pai.

Dezenove irmãs. Onze irmãos. Um pai nobre. Uma mãe nobre. Todos esperavam que Clara, a última Redding encontrasse um marido. Ela sabia quando mandou embora os últimos pretendentes que seria um risco. Mas como poderia se casar com Lorde Camern? Ele era apaixonado por si mesmo. E o irmão de Lorde Camern, Lorde Dane? Lorde Dane não era tão secretamente apaixonado pelo irmão de Clara?

—E se eles não me aceitarem?—Inclusive quando perguntou Clara não considerava isto uma possibilidade real. Conhecia a si mesmo. Diziam que ela era bonita. Ela tinha dinheiro. Sua família tinha poder. Tinha refinamento. Qualquer homem teria sorte de tê-la. Além disso, a experiência a ensinou que aqueles nobres não eram tão exigentes quando se tratava de cumprir com seu dever de casamento.

Estava errado que às vezes, à noite quando ela estava sozinha, imaginasse um tipo diferente de casamento? Um onde a conversa não se concentrasse na próxima geração?

—Então não volte para casa— A ameaça era clara. Se ela não fizesse como foi decretado, seria exilada. Sem dinheiro. Impotente. Voltar solteira significaria a morte.

Um ano com um homem primitivo de repente soou tão duro. Seu pai disse cinco crianças, mas ela poderia encontrar uma forma de parar em três, quando a novidade do anúncio de seu casamento

fosse esquecida por outra fofoca. Um ano fora deste mundo. Duas viagens de volta. Três crianças. Talvez o marido selvagem não fosse tão ruim. Talvez encontrasse alguém refinado e disposto a aprender qualquer etiqueta que não possuísse. E então havia aquela esperança minúscula de que não se atrevia a mostrar que talvez gostasse deste novo mundo, talvez até pudesse encontrar algo que não tinha em sua vida atual.

Clara fechou seus olhos e lentamente movimentou a cabeça.

—Eu farei como desejar, Pai. Sempre como desejar.

— Informarei a família—Ele disse, depressa. —Ficarão aliviados ao ouvir sobre sua sensibilidade. Tenho certeza que sua mãe irá querer conversar com você como fez com suas irmãs. Fique onde está. Eu a enviarei a você.

—Sim, Pai — Clara respondeu no mesmo tom. —Eu farei o que você deseja.

Clara não moveu, meramente olhava para seu reflexo e a cena que a cercava. Ela parecia uma das pinturas. O lugar era impecável, desde as armações ovais de ouro, uniformemente separadas, que se utilizava para manter as pessoas do outro lado da parede. Três vezes por ano, pessoas visitavam a casa pelos corredores de retratos para ver a glória de sua família.

Uma família que não poderia continuar se não fizesse isto.

Clara sentiu a dor e o medo, e empurrou isso profundamente em seu estômago.

—Filha feliz! O grande senhor contou-me sobre tudo —Jaene, a Grande Dama de Redding, parecia uma versão envelhecida de sua filha solteira, ainda que os cosméticos suavizassem as rugas e escondesse as linhas cansadas, que Clara sabia que estavam ali. Ainda que as pedras preciosas do vestido de sua mãe, provavelmente pesassem quase trinta libras, a mulher se movia sob o peso com facilidade e graça. —Eu lamentarei sua ida.

Clara não achava que sua mãe parecia muito triste. De fato, seus olhos pareciam aliviados, como se finalmente seus deveres acabassem quando enviasse sua última filha. O fato de que ela não tivesse que planejar uma celebração de casamento no seu planeta, era uma gratificação.

—E eu lamentarei ir— Clara disse, ficando em pé. Seu próprio vestido era pesado, mas longe de ser tão pesado quanto o da grande dama. Quando se enfrentavam de frente, as saias impediam que se aproximassem muito.

—Não, não, não o faça. Você deve sorrir e aceitar o mundo e a casa de seu novo marido— Sua mãe ergueu seu pulso para colocar na frente de olhos da Clara em um gesto amoroso. Ela viu as veias azuis finas, tão familiares para ela. Mantiveram-se inalteradas desde as mudanças de juventude de Clara quando ela e seus irmãos passaram pela sala para a saudação diária de seus pais. Sem tocar o rosto perfeitamente pintado de sua filha, Jaene deixou cair o gesto. Clara repetiu o movimento com seu próprio pulso, segurando-o diante de sua mãe. O decoro ditava que elas não deveriam se tocar. A onda de sentimentos causados pelo contato de pele seria opressivo para os seus sentidos. O cheiro de seu perfume demorou no ar.

Logo, deixou cair sua mão com graça ao lado, ela ficou de pé com calma e esperou.

—Nós devemos prepará-la — Jaene continuou. —Venha. As costureiras estão trabalhando em um traje nativo de Qurilixen para seu enxoval, e seu pai solicitou ao sapateiro algo para esconder asjoias e créditos espaciais. Não quero minha filha sem meios.

As palavras disseram mais do que sua mãe jamais admitiu. Claramente o casamento de Clara foi planejado à muito tempo, já que tudo estava sendo arrumado. E, se estavam preocupados com seus meios, isso significava que não pensavam que sua nova casa seria muito refinada.

Um pequeno calafrio de medo percorreu Clara dos pés a cabeça e teria tropeçado se não fosse pelo peso do vestido. Ela seguiu sua mãe pelas portas largas, sem tocar o marco ou as paredes. Apenas seus pés e a barra do vestido tocavam o chão. Seus passos eram curtos, mas rápidos, as botas altas sussurravam pelo mármore duro.

Sua mãe chegou a uma porta de vidro e uma caixa dourada, entrou na jaula e subiu até o quarto andar, antes enviá-la para baixo para sua filha. Clara entrou, virando-se para olhar a sala, desaparecendo sob seus pés. O espaço fechado sentia-se mais apertado que de costume e começou a ofegar em busca de ar. Era sua imaginação ou a gaiola não se movia? Sua cabeça começou a dar voltas. Ela piscou, tentando focar sua visão de repente turva. O coração estava acelerado, mas forte do que se lembrava antes, sem contar seu tempo de exercício. Levantou as mãos, quase tocando o

vidro antes de se conter e voltá-las para a cintura. A gaiola deixou de mover-se para deixá-la sair, mas não podia obrigar-se a caminhar.

—Clara? Clara!— Sua mãe insistiu em voz baixa atrás dela.

Clara sacudiu com surpresa e girou para ver a mulher olhando-a com desaprovação.

— Controle-se e me encontre no quarto. Vou preparar as costureiras.

—Sim, Grande Dama — Clara sussurrou.

Sua mãe se apressou para dar tempo de sua filha se recuperar.



Palácio Real de Draig, Planeta de Qurilixen

Considerando o estado de ânimo de seus três irmãos mais velhos, LordeVladan, O Honorário Duque de Draig, tentava conter sua emoção. Era difícil. Esta noite ele finalmente se juntaria aos noivos, em busca de uma noiva em sua primeira cerimônia de casamento, se os deuses estivessem dispostos.

Era possível que, em questão de horas, enquanto permanecia em pé na fila de recepção olhando as mulheres estrangeiras que

passavam por eles, ele encontrasse a que estava destinada a ele pelos deuses. Imaginou a cerimônia muitas vezes. Ele a veria, e com esse primeiro olhar ao cristal em seu pescoço, este começaria a brilhar, mostrando-lhe seu destino. Muitos esposos afirmaram saber intuitivamente quem eram suas noivas, segundos antes da vontade dos deuses se confirmarem pela pedra sagrada. Ele seria assim? Sentiria que ela era parte de si mesmo? A antecipação e a emoção aumentaram dentro dele. Ele cumpriu com seu dever. Fez suas oferendas. Seguramente os deuses o abençoariam.

Vlad não podia culpar seus irmãos pela falta de entusiasmo. O destino foi severo com os três. Este não era o primeiro Festival de procriação à procura de uma esposa.

Para o primogênito deles, Bron, esta noite marcava sua sétima tentativa para encontrar uma noiva. Vlad não podia imaginar ter que esperar, e esperar, por sete longos anos. Não era nenhuma maravilha que o Gran Duque estivesse com um humor vil. O segundo mais velho, Alek, enfrentava sua quinta tentativa em encontrar uma companheira e Mirek sua quarta. Vlad tentava não deixar aquele cinismo conseguir o melhor dele, assim, se viu obrigado a esconder sua excitação. Eles tinham todo direito de serem cínicos. Apenas não desejava desistir antes de mesmo ter tentado.

Vlad, como todo outro homem de Draig, queria ser abençoado com uma esposa. As mulheres eram escassas em seu planeta devido à radiação azul dos três sóis. Durante gerações, a genética alterou os homens para produzirem apenas guerreiros fortes. Talvez uma vez a cada mil nascimentos em Qurilixian um era mulher. Antigamente, os homens de Draig usavam portais para buscar

noivas de suas pátrias e levá-las para Qurilixen. Aqueles portais estavam agora perdidos. Havia rumores de que seu povo se originou de um planeta chamado Terra, um planeta povoado com mais mulheres que homens, mas não havia nenhuma prova, apenas histórias.

Ainda assim, eles eram homens e homens tinham que encontrar suas noivas de alguma maneira. Era seu dever se casar e ter filhos, continuar o sobrenome e a cultura de Draig. Mas, mais egoísta, ansiava sua outra metade, uma mulher para manter e proteger, amar e cuidar, experimentar e apreciar. Sem amor, a vida não era nada além de tarefas e batalhas infinitas.

O fato dos Draig não terem mulheres próprias fazia com que a Corporação de Noivas da Galáxia fosse tão inestimável. Em troca da corporação buscar e transportar as mulheres dispostas para o planeta, com esperanças de casamento, Qurilixian dava-lhe um minério valioso que era encontrado apenas em suas cavernas. O metal era uma grande fonte de poder e combustíveis para nave espaciais e era inútil para Qurilixian, que preferia viver tão simples quanto possível. Era trabalho de Vlad supervisionar as minas, assegurar que os trabalhadores estivessem bem cuidados, que a produção se mantivesse para a data prevista e que todas as necessidades fossem atendidas. Nesta tarefa, trabalhava em estreita colaboração com seu irmão Lorde Mirek, o Embaixador das minas.

Girando sua atenção para seu tio, o Rei Llyr de Draig, Vlad tentou prestar atenção nas palavras do homem. Ele viajou ao sul com seus irmãos, de sua casa nas montanhas, para frequentar a cerimônia. Era a uma noite por ano que a escuridão caía sobre o

planeta normalmente brilhante, e era o único momento no qual os homens tinham permissão para se casar. Com ar ausente, ele tocou o cristal sagrado em seu pescoço. No dia seguinte ele o quebraria e selaria sua vida. No dia que nasceu, seu pai viajou para o Lago de Cristal, mergulhou nas ondas e puxou a pedra da terra. Vlad, como todo Draig, usava o cristal desde então. Mas não era apenas um costume. Era como recebiam o legado dos deuses.

—Eu vejo que nem todos perderam as esperanças —O rei disse, sorrindo diante da expressão despreocupada de Vlad.

Vladriu, não se aborrecendo em negar. Não havia nenhuma vergonha em desejar uma companheira para toda vida. Como bem vivia um homem que não tinha família?

—É bom vê-los meninos —O rei continuou. Podiam ter trezentos anos de idade e o rei ainda os chamaria de meninos. Eles eram mais jovens que os filhos do rei por alguns anos, mas não tantos que importasse. —Como está o reino do norte?

—Tudo está bem— Bron respondeu.

—E as minas?— O rei Llyr perguntou.

—Em pé—Vlad disse.

—Negociações?— O rei girou sua atenção para Mirek.

—Lento, mas na normalidade— Mirek disse. —Eu trouxe para o Príncipe Olek um documento de proposta da República de Lithor. Eu fiz o que podia, mas eles insistem em ter um membro da família real nas negociações finais.

—Bom. Bom. A rainha ficará contente ao ouvir falar do progresso com osLithorians— O rei movimentou a cabeça. Então, para o último irmão ele perguntou. —E o rebanho?

—Eu tenho uma éguapara parir — Alek respondeu. Como Criador Superior no planeta, a vida toda de Alek foi ao redor dosceffyl. Os animais eram usados por soldados, ajudava os fazendeiros e em tempos extremos eram usados para carne. Infelizmente, tinham um período de gestação de três anos e apenas metade das fêmeas chegavam ao final. — Tenho a intenção de sair tão logo como possível para assistir ao nascimento.

O rei movimentou a cabeça, sabendo a importância de tal tarefa.

—Vamos esperar que sua noiva esteja disposta a uma jornada rápida, mas se não estiver, deixe-a com seus irmãos e eles podem levá-la em um passo mais devagar.

Alek movimentou a cabeça, mas não respondeu. Vlad sabia que o homem não achava que poderia ter um casamento.

O que eles disseram a ele momentos antes de entrar no corredor do rei?

Se você não encontrar uma noiva, não deixe nenhuma emoção aparecer em seu rosto. Você irá gritar aos deuses sua decepção. Porém, outros estarão contando que saibamos como agir.

Se você não encontrar uma noiva, nos encontraremos na área de acampamento no precipício, de forma possamos partir assim que acabar a cerimônia. Confie em nós. Você não irá gostar de ficar na

celebração. Beba com seus irmãos. Não é tão ruim dormir sob o céu da noite.

Se você não encontrar uma noiva...

Se você não encontrar uma noiva...

Se...

Vlad podia bem entender seu significado. Eles disseram estas coisas durante toda a viagem pelas montanhas, preparando-o para a decepção que, acreditavam, estava por vir. Ele sabia que as intenções eram boas, mas não queria que sua primeira vez no Festival fosse contaminada por seus humores. Onde sentiam renúncia, ele sentia esperança. Queria encontrar uma esposa, queria olhar o rosto das mulheres que viria a eles.

As noivas sabiam que vinham para o casamento e estavam dispostas a aceitar o que o destino escolhesse para elas. Ele imaginou todo o tipo de mulher que poderia abençoá-lo, fantasiou sobre ela, não apenas no quarto, mas na vida cotidiana das atividades, nos acampamentos no bosque, na caça, na travessia das montanhas a toda velocidade com o suor e a poeira em suas roupas. Ela seria selvagem e forte, como ele e fariam amor de forma selvagem. Ela percorreria as montanhas com ele. Escaparia da nobreza com ele e iriam para a floresta. Ele podia não imaginar nenhum outro tipo de noiva, para fazerem juntos, aquelas coisas que ele amava. Era por isso que rezava.

Vlad sorriu. Uma alma indomada para minha alma indomada.

—Agora que falamos de negócios, sentem-se e comam — O rei

gesticulou para uma mesa próxima. Eles estavam no corredor principal onde os habitantes do palácio normalmente se juntavam para jantar. O chão de pedra vermelha estava limpo. O lugar abruptamente tinha tetos com uma cúpula no centro para luz. As bandeiras da família estavam enfileiradas nas paredes, uma cor para cada linhagem da família de seus primos, verde para o Príncipe Olek, vermelho para o Príncipe Zoran, negro para o Príncipe Yusef, azul e cinza para o Príncipe Ualan. Cada bandeira tinha o símbolo de dragão bordado em prata.

Havia uma fila de mesas no salão, mas vazias. O rei fez um gesto para os funcionários, dirigindo-os para atender aos visitantes. Com se antecipassem a ordem, os homens entraram no salão com pratos cobertos e colocaram na mesa.

Quando os empregados saíram, o rei disse:—Seus primos irão saudá-los em breve. Talvez a calma de vocês possa entrar em seus espíritos. Eles saltam ao redor como se fossem crianças que ganharam uma nova espada —Embora o homem grunhisse, seus próprios passos tinham um ar decisivo de excitação quando deixou os irmãos sozinhos.

Fora do palácio, na fortaleza da montanha, os terrenos do Festival estavam se construindo em um amplo vale cheio de tendas em forma de pirâmide e decorado por bandeiras. Empregados trabalhavam agitados para se assegurarem que tudo estivesse em ordem antes que as noivas chegassem. Vlad se perguntou se o festival era sempre tão grande. Nos anos anteriores, esteve muito ocupado para se unir a festa em qualidade de observador. Foi necessário que estivesse nas minas, atendendo alguns diplomatas

intergalácticos ou inclusive supervisionando a limpeza depois de um incêndio que levou a maior parte da cozinha do castelo. Ao ouvir seus irmãos a descreverem, a cerimônia era apenas digna de ser mencionada.

Talvez a cerimônia deste ano fosse diferente por causa de seus primos, os Príncipes de Draig, que iriam assistir, os quatro, pela primeira vez. Vlad esperava especialmente ver o Príncipe Yusef. Eles tinham muitas coisas em comum, vidas descomplicadas, um amor pelo ar livre, uma natureza calma que não prosperava na pompa e na circunstância habitual da nobreza. Com frequência caçavam juntos no norte. Yusefo entendia e talvez fosse parte de sua excitação, considerando que seus irmãos não faziam isso.

Vlad queria lhes dizer para não esperarem por ele, que ele e sua nova noiva ficariam alguns dias no palácio, mas quando olhou para seus rostos quietos, sentiu pela primeira vez uma pontada de preocupação. E se ele não encontrasse alguém? E se em sete anos estivesse sentando no mesmo lugar, tentando não pensar nas tendas em pirâmide sendo erguidas e advertindo a outros que não esperasse muito da cerimônia?

Seu coração acelerou e seu estômago transformou-se em uma bola apertada. A excitação virou preocupação, quase se transformando em medo. Mas Vlad era um guerreiro antes de tudo, como era todo Draig, e guerreiros não cediam ao medo e a dúvida. Esta noite ele encontraria uma esposa. Tinha que encontrar. Seu coração não aceitaria fracasso.

Capítulo 2

—Entendo que o que peço é altamente incomum—O rei disse para seus quatro filhos e quatro sobrinhos. Eles ficaram em pé, já vestidos para a cerimônia da noite, apesar da escuridão. Uma tenda branca longa foi construída próximo ao palácio, longe das tendas nupciais pontilhando o vale abaixo. O acordo que o rei propunha era altamente incomum.

A navedo'Noivas da Galáxia'ainda pairava no céu, fazendo as manobras necessárias para aterrissar na área designada. No interior, a nave estava cheia de mulheres, mulheres a espera de unir-se aos seus maridos. Precisou de toda força de vontade de Vlad para não olhar para o céu como um homem faminto vendo um pão azul.

As palavras do rei chamaram sua atenção novamente para tenda branca.

—No entanto, Lady Clara de Redding vem de uma família de costumes rígidos— Seu tio tinha uma expressão estranha, como se quisesse dizer mais que isso. —Suas tradições ditam que ela deve se casar com a nobreza ou realeza, ela não pode se misturar às outras mulheres solteiras. No caso dela não encontrar um marido, será escoltada novamente à sua nave e renunciará assistir a cerimônia desta noite. Seu povo está de acordo que, se ela se casar esta noite, a partir deste momento ela vai reconhecer nossos costumes como se

fosse seu, e então se colocará aos nossos cuidados.

—Eu nunca ouvi falar de tal acordo—O Príncipe Ualan disse.
—Por que ela não quer conhecer os outros solteiros? Como ela conhecerá a vontade dos deuses se não fizer isto?

—Não gosto de pensar que um homem poderá ficar sem esposa porque esta Clara não quer ir até lá —O Príncipe Yusefacrescentou.

—A razão de termos estas cerimônias é que todos são iguais. As decisões são feitas pelo destino, não por poder, dinheiro ou a posição do homem— Bron concordou. —Eu acho isto estranho.

—Então o destino decidirá se ela está destinada a algum de vocês ou nenhum—O rei interrompeu a discussão que começou. — Os deuses confiaram que os anciões serão suas vozes e, neste assunto, nós decidimos respeitar a cultura do povo de Lady Clara. Ela está dentro desta tenda. É uma ordem que se apresentem a ela.— Ele lançou um olhar duro para os três homens que falharam em encontrar uma esposa nas cerimônias anteriores.

Alek ergueu seu queixo obstinadamente. Bron franziu o cenho. Mirek manteve seus olhos na tenda.

—Eu não vejo nenhuma razão para não tentar —O rei insistiu.

Todos os noivos trocaram olhares e pouco a pouco começaram a colocar a mascara de couro tradicional sobre seus rostos desde a testa até o lábio superior. Como era costume que os noivos usassem ao redor do bíceps um bracelete de ouro, a máscara e seus cristais sagrado ao redor do pescoço. Os trajes eram para não identificar

ninguém, ainda que neste momento não parecesse importante. Lady Clara sabia que ali se apresentariam os nobres. No entanto, a escolha de um companheiro não se tratava de coisas tais como poder, dinheiro e posição. Era sobre compatibilidade, destino e o legado dos deuses.

Vladtinha duvidas sobre a escolha de Lady Clara, mas não o expressou, assim como os outros. As possibilidades eram escassas de que os deuses decidissem que ela seria sua esposa de todas as outras mulheres que iriam descer em seu planeta. Levantou o olhar para a nave. Estava mais perto agora, oculta pelas copas das arvores gigantes dos bosques que rodeavam os vales. Mirek cutucou seu ombro, chamando sua atenção para o fato de que deveria ser o seguinte de seus primos a entrar na tenda. Ele deu um sorriso triste e se dirigiu para a entrada. Logo. O destino o abençoaria com uma noiva logo. Podia sentir.



—Eu não quero usar este vestido— Clara olhou para o artigo de vestuário praticamente inexistente e então o despediu com um giro deliberado de seu corpo. O vestido Qurilixian tradicional era feito de um material suave com um brilho natural. O problema era que não havia material suficiente para cobrir seu corpo inteiro. De fato, não era mais que pequenos pedaços de um retângulo com tiras que iam a todas as direções que não tinha certeza de como vestir esta coisa nela. E, se por algum milagre o vestido pudesse ser modificado não deixava nada para imaginação. Além disso, a largura da saia

Redding iria mantê-los a uma distância respeitável. Não queria correr o risco accidental de tocar uma pele.

Clara manteve suas mãos em seus lados e afastou os olhos do vestido ofensivo. Pode ser que seja costume deste planeta primitivo, mas não havia maneira em todas as galáxias conhecidas que o usaria para alguém, ainda mais para estranhos.

—Tenho certeza de que minha mãe não sabe nada sobre isso. Eu simplesmente administrarei o que irei vestir agora.

—Nós temos de prepará-la com o costume do planeta—Eula protestou. Sua companheira de viagem se moveu para levantar o vestido até sua senhora. —Sua mãe deseja que tenha todas as vantagens para este trabalho.

As palavras foram como uma bofetada no seu rosto, entretanto Clara não reconheceu o insulto como intencional. Não era culpa deEula que a condição de solteira de Clara fosse publicamente conhecida. Os cidadãos gostavam de fofocar sobre a nobreza.

Confrontada com o vestido ofensivo novamente, Clara olhou para ela.

—Eu não sou como as noivas comuns sendo apresentada esta noite. Eu não me comprometerei usando isto— Ela olhou para asduas sapatilhas pequenas que combinavam com o vestido nupcial. —Eu irei, porém, usar os sapatos. Você pode tirar minhas botas e calçá-los.

Ela não quis soar tão exigente, mas suas emoções estavam começando a bater e estava tendo um momento difícil mantendo-as

suprimidas. Emoções sem obstáculos conduziam a pensamentos caóticos e ela não poderia colocar a carga de seus sentimentos sobre Eula. A mulher não tinha o mesmo nível de sensibilidade que corria na linhagem da família de Clara, mas a empregada seria capaz de detectar as emoções de Clara se ela permitisse.

Clara se sentou em um banco baixo, equilibrando-se facilmente como Eula começou o processo lento de tirar uma bota. O calçado ia todo caminho até sua coxa, abraçando suas pernas. Com o peso dos vestidos cheios de joias, as botas eram úteis para manter uma mulher sobre seus pés. Elas preparavam os músculos, apoiando-os durante um dia longo ficando parada.

A empregadatinha cuidado para tocá-la com suas mãos, usando apenas as pontas dos dedos para trabalhar. Para embotar sua sensibilidade, muitos plebeus esfregavam areia nas palmas de seus bebês. Às vezes Clara desejava ter tido tanta sorte. Houve momento em que caminhar ao ar livre podia ser aterrador e não era que as mulheres da nobreza saíssem muito. Se quisessem ver a natureza, podiam visitar a contenção de animais, a coleção de animais selvagens ou o aquário dentro do palácio dos Grandes Senhores. O número de animais era bem supervisionado, não como na natureza e o que fazia com que suas habilidades empáticas fossem suportáveis. Hoje seu vestido pareceu muito pesado.

Hoje seu vestido se sentia muito pesado. O corpete decor púrpura, apertado, era coberto com uma gaze de cor creme. Apesar de mostrar um pouco de pele, era uma quantidade respeitável. A saia rodada ficava em seus quadris, mais larga nos lados que na frente e atrás. Quando se sentou, descansou as mãos nos lados, os

cotovelos curvados atrás com os pulsos levemente apoiados na saia. O grande peso da peruca lhe impedia de inclinar-se para frente para ver o que Eula fazia. Sua companheira de viagem era bonita e jovem com um marido e cinco filhos. Seu marido, um homem estoico de poucas palavras, era o piloto da nave. Clara queria perguntar a mulher se o homem falava orações completas para sua esposa em particular, mas esta pergunta era imprópria. As pessoas não perguntavam sobre o casamento do outro.

Clara sentiu a bota sair só para ser substituída por uma sapatilha minúscula. Ela enrolou seus dedos do pé, testando a liberdade estranha de movimento quando seu outro pé e assim Eula poderia começar a remover a segunda bota. Os sapatos ficariam escondidos por sua saia, mas ela os sentia completamente.

Quando Eula terminou, Clara ficou em pé. As paredes da tenda eram de um branco brilhante, o suficiente para deixar passar a luz através da escuridão do exterior, mas grossa o suficiente para esconder o interior do lado de fora. Por desgraça, o chão era de terra, assim se viu obrigada a caminhar sobre o material extra que sua mãe enviou. Foram espalhados sobre o chão para criar um caminho de seu quarto até a parte principal da tenda. O teto era baixo em alguns lugares, perigosamente perto de sua peruca. Quando caminhou ao longo do caminho sedoso, sentiu a curva do chão sob seus pés. Os sapatos eram estranhos, como se ela caminhasse descalça, e pouco ajudava com o peso do vestido. Já seus músculos da perna começaram a protestar pela falta de suporte.

Sua saia roçava os materiais que tocava, fazendo um barulho sibilante a cada passo que dava. Eula caminhava adiante para

puxar a porta da tenda. No mesmo momento, o rei de Draig entrou do outro lado. Ela parou, ficando perfeitamente quieta. Ele era um homem amável, com um rosto muito expressivo, que achava tanto estranho como fascinante. Ela não estava acostumada a homens que sorriam e riam tão facilmente com muito pouca provocação. Quando ela o encontrou, ele realmente olhou como se pudesse tocar sua mão. Ela, claro, não se moveu para encorajar tal familiaridade, mas o fato de que ele se ofereceu com tão pouco pensamento a fez se perguntar que tipo de pessoas eram estes Draig do planeta Qurilixen.

Ela ouviu risada do lado de fora momentos antes de seus potenciais maridos começarem a entrar na tenda. Viu seus movimentos, mas não olhou diretamente para nenhum deles. À medida que avançava para o encontro do rei na metade da tenda ela ouviu a saudação.

—Lady Clara, espero que sua viagem tenha sido confortável e os acordos especiais que foram feitos estejam de sua satisfação.

Ela olhou até o chão onde Eulaesteve antes. Não existia nenhuma razão para ser rude.

—Sim, Rei Llyr. Obrigada pela hospitalidade— Então, girando sua atenção para o homem diretamente atrás dele, ela esperou esperançosamente.

—Meu filho mais velho, o Príncipe Ualan—O rei disse.

Ualan era um homem bárbaro, nu, salvo por um pedaço de pele ao redor de as cintura. Clara não tinha certeza de como reagir

diante da vestimenta. Tentou não olhar seu peito ou seu estomago, as pernas do homem ou seus ombros, os braços, mas era quase impossível olhar em sua direção sem ver algum pedaço de pele indecente exposta. Curiosamente, o único lugar onde poderia olhar sem ser mal educada era seu rosto coberto pela metade por uma máscara. Tanto o rei, como o príncipe, olharam o peito de Ualan. Clara sabia como funcionava sua cerimônia, mas ela quase esperava que o colar brilhante fosse uma metáfora da atração, não um cristal real que estivesse em seu pescoço.

Ualan olhou de volta para ela, movimentando a cabeça uma vez e disse: — Desejo que tenha uma boa jornada, minha senhora. — Com isto, ele se moveu para deixar a tenda, permitindo o próximo na fila ser apresentado a ela.

Isso foi tudo? Nenhum brilho, nenhum casamento? O homem nem sequer lhe fez uma pergunta ou participou de uma conversa adequada. Apenas a olhou, olhou o cristal e logo decidiu.

Clara sentiu uma linha minúscula de medo dentro dela. O próximo príncipe avançou, Príncipe Olek. Ele ficou olhando para sua peruca, não se aborrecendo em olhar para seu peito. Ela olhou para o cristal, desejando que tivesse uma reação. Nada aconteceu. Ele então pediu sua licença tão depressa quanto seu irmão o fez.

Preocupação torceu seu estômago. Não tinha certeza do que faria se nenhum deles desejasse-a. Deveria ter usado o vestido tradicional? Desonrando a si mesmo por atraí-los com sua pele? O rei disse que havia oito nobres. Isso significava que faltavam seis ainda.

O Príncipe Yuseftinha um sorriso fácil que brilhava em seus olhos. O olhar estava provavelmente destinado a que se sentisse à vontade, mas ele só deixou-a mais preocupada. Ela perguntou-se que emoção seu rosto delatou. Quando criança sempre foi chamada a atenção por olhos expressivos. Seu desespero se mostrou? Sabia o que aconteceria se ninguém gostasse dela? Se ninguém a quisesse? Não podia voltar para casa solteira. Seu pai assegurou estes fatos varias vezes antes de sua partida. De fato, foi o ultimo que disse para ela.

Quando o Príncipe Yusefsaiu, o Príncipe Zoran avançou. Ele era um homem de proporções enormes, cujo rosto estoico deveria ter lhe dado algum conforto. Infelizmente, ela não podia superar sua altura ou a largura espessa de seu corpo para deixar de lado sua respiração presa. Quando seu cristal não brilhou foi com alívio que ela o viu partir.

Estava a meio caminho com os homens sem indicação de que algum deles mudaria de ideia e a quereriam como esposa. Ela se preparou para conversas ou perguntas, mas ao invés encontrou soldados eficientes nos homens que marcharam diante dela como um objeto a ser inspecionado e desconsiderado.

—Estes são meus sobrinhos—O rei disse, chamando sua atenção para os últimos quatro homens. —Lorde Bronislaw, GranDuque de Draig— O homem curvou sua cabeça, disse algo e afastou-se sem o cristal arder. — LordeAleksej, O mais jovem Duque de Draig—Aleksej olhou sua cabeça tanto como o Príncipe Oleko fez. Seguramente Eula teria dito a ela se seu cabelo estava fora de lugar. O cristal deAleksej também não mudou.

Isto não podia estar acontecendo. Clara estava horrorizada. Ela era bonita. Era rica. Tinha um título. Por que estes bárbaros não viam sua boa criação e valor? Eles deviam todos querer uma noiva como ela. Deveriam querer ganhar seu afeto. Ela trabalhou tão duro para ser perfeita.

—Lorde Mirek, o Magistrado Chefe de Draig— Ela apenas ouviu a introdução do rei. Sua mente acelerou e ficava mais frenética a cada momento que passava. O que ela faria se eles a enviassem para casa?

—Eu... —Ela começou a falar com o impressionado Mirek, mas as palavras não saíram. Ela continuou em silêncio, *posso colocar o vestido e podemos começar novamente. Eu sou uma dama. Posso administrar uma casa. Tenho dinheiro. Isso não conta? Não me deixará provar meu no valor? Não quer se casar comigo? Eu não deveria ser tão orgulhosa. Deveria ter me casado com Lorde Dane. Por que pensei que a atração por meu irmão pudesse importar? O casamento não é sobre emoções.*

Me aceite, por favor, meu senhor, ou eles me matarão.

A profundidade de sua tolice caiu sobre ela quando Mirek andou de lado. O quanto vão foi rejeitar tantos pretendentes. Ela realmente pensou que seu pai esperaria que se casasse por amor? Ela pensou que ele a deixaria e lado se negasse a homens suficientes?

—Nós temos um noivo!— O rei exclamou, soando surpreso.

Clara piscou, saindo de seus pensamentos para uma luz

pulsando diante dela. Um cristal brilhou. O último homem seria seu noivo. Ela ficou tão frenética que não ouviu seu nome. Seu alívio durou pouco já que um novo temor abriu caminho nela. Isto significava que teria que morar no planeta primitivo. Este seria seu novo lar. Seus olhos se moveram do cristal para o rosto de seu futuro marido. Ele não havia falado, ainda não falava.

Ela viu as ondas loiras marrons de seu cabelo por sua máscara. Os olhos castanhos olhavam-na atentamente. Ninguém que ela conhecia tinha os olhos desta cor. Sua boca se ergueu nos cantos.

Clara sentiu os olhos dos homens nela. Sua expressão estava escondida pela máscara, mas ela viu a intensidade de seu olhar. Ele ergueu sua mão como se fosse tocá-la. Imediatamente, ela se afastou, curvando sua cabeça para reconhecer. Então, sem saber como reagir as estas expressões livres e o crescente murmúrio de vozes, rapidamente deu a volta e regressou por seu caminho.

—Parece que você foi abençoado, pequeno irmão—Um homem disse. —Uma bênção incomum nisto.

—Não zombe dele —Outro disse. —O legado dos deuses não pode ser questionado. Muitas bênçõespera sua casa, primo.

—Muitas bênções—Outro repetiu.

Clara os bloqueou, não querendo escutar. Um marido. Ela iria se casar. Finalmente, a próxima geração poderia começar.

—E vida que eu conheçoterminará —Ela sussurrou. —Isto não pode estar acontecendo.



—O legado dos deuses não pode ser questionado—Yusef disse, acabando com a brincadeira de Mirek embora estivesse sorrindo. — Muitas bênçõespera sua casa, primo.

—Muitas bênções —Ualan concordou.

—Muitas bênções —Olek e Alek disseram em uníssono. Seus cumprimentos foram seguidos pelo resto.

Os homens puxaram suas máscaras de seus rostos, todos menos Vlad que seria sua futura noiva quem o faria e ele não se arriscaria a romper a tradição deixando-a ver seu rosto até que julgasse estar na hora. Ele sorriu.

—Obrigado.

—Eu não pensei que aconteceria—O rei disse. Ele olhou para onde a mulher desapareceu e fez sinais aos homens para saírem. Quando se afastaram, ele continuou:—Ela está aqui como um favor para um velho amigo. Não tema, ainda que ela não se pareça conosco, ela é de uma família nobre, com uma reputação impecável na galáxia. Inclusive enviaram ao reino um presente considerável por permitirmos que viesse.

—Um presente? Que estranho—Ualandisse.

—Devolver seria rude—O rei disse. —Desde que Vlad vai casar-se com ela, eu pedirei aos empregados que levem o presente para sua casa— Então para Vlad, ele adicionou:—Éum bom partido

por muitas razões, sobrinho. Você será muito abençoado pelos deuses.

—Você viu seu cabelo?— Alek sussurrou. —É bem mais que a distância de um braço acima de sua cabeça. Você acha que seu crânio é formado da mesma forma?

Vladfranziu o cenho. Bron golpeou seu irmão no peito para calá-lo.

—Estou certo que é apenas seus costumes — Mirek explicou em um esforço para consolar Vlad. —Eu vi coisas estranhas quando lidei com espécie estrangeiras.

—Acha que nossos sobrinhos terão...?— Alek fez um gesto com sua mão sobre sua cabeça para indicar a forma do crânio presumivelmente alto de Clara.

—Suficiente. Vamos partir para Vladconhecer sua noiva— Ualan disse. O rei movimentou a cabeça de acordo, fazendo um gesto para os homens irem em direção o vale abaixo. Quando ficou sozinho com seu sobrinho, ele disse:—Vlad, eu sei que ela não se parececom as mulheres que estamos acostumados, mas tenho certeza de que o azul em sua pele é uma pintura e seu cabelo é simplesmente um estilo. Sua empregada não parece disforme de tal modo. Muitos planetas têm costumes diferentemente dos nossos. Além disso, quando ela se tornar sua esposa aprenderá os nossos costumes. Tudo ficará bem.

Vladse recusou a comentar, mas honestamente não via porque todos estavam preocupados com ele. Ele foi arrebatado pela

perfeição clara de seus olhos violetas. Eles eram diferentes de qualquer um que ele já viu, puros e profundos. A falta de expressão em seu rosto poderia ser devido a muitas coisas, a realidade opressiva de um novo mundo, fadiga de uma viagem longa, nervosismo nupcial. Todas as preocupações que sua família tinha, poderia facilmente sumir com um sono profundo, um banho quente e a garantia de sua devoção, tudo que poderia proporcionar para ela.

—Eu sinto muito que não possa participar da cerimônia, mas este é um dia abençoado para você. Eu espero que meus filhos tenham tanta sorte — O rei bateu levemente em seu ombro se saiu. —Você deve ir com os outros para agradecer pela bênção e então voltar aqui para sua noiva. Se ela estiver disposta, leve-a para sua tenda. Se ela não quiser, fique aqui para completar a cerimônia e os empregados trarão qualquer coisa que possa precisar. De qualquer modo, é uma bênção— O rei olhou para a tenda onde Lady Clara estava. Como dragão shifters eles podiam ouvir muito bem, e dentro da barraca estava silencioso. —De qualquer forma, ela não parece que se encaixaria entre as outras noivas. Pode ser melhor se ela não aparecer. Eu explicarei minha decisão para os anciões, direi que dei permissão para Lady Clara ficar na tenda nupcial com seu novo marido até que cerimônia se complete de manhã. Eles trarão provisões nesta noite e esperarão de manhã para a declaração. Nós viremos para você antes de recebermos os outros. Será cedo, então esteja pronto.

Vlad movimentou a cabeça uma vez. Seu tio parecia nervoso, explicando o que para Vlad era um assunto simples. Seu cristal pulsou. Clara foi escolhida para ser sua esposa. Seus sonhos

estavam realizando-se. O resto era simples detalhe.

Vladqueria ir para ela. Queria tirar as camadas espessas de seu vestido estranho de seu corpo para ver o que havia por baixo. Queria olhar naqueles olhos brilhantemente coloridos. Esta noite, a noite do casamento, era uma noite de pura descoberta. Eles não consumariam o casamento, mas a tradição permitia que eles pudessem fazer todo o resto. Depois que ela removesse sua máscara, ele estaria livre para conversar com ela. Antes dela remover a máscara, ele não estaria livre para se comunicar sem palavras.

—Eu vou para o templo— Vlad disse, sua voz era rouca. O som era estranho, até para seus próprios ouvidos.

—Muitas benções—O rei disse, saindo da tenda.



—Seu nobre pai ficará contente—Eula disse uniformemente. Ela sorriu. Era um olhar sereno, mas Clara viu o filtro de emoção nos olhos da mulher. —A próxima geração de sua família pode começar. Você tem sorte. Não haverá nenhum êxtase para você. Pode começar a sua família imediatamente.

Clara moveu uma mão para seu estômago. Imediatamente? Ela apenas conheceu o bárbaro e deveria dar a ele crianças? Claro, assim eram as coisas. Isto foi o que ela planejou desde o princípio, uma criança dentro do primeiro ano. Seu cérebro lógico sabia isto. Mas seu coração acelerado não pareceu entender isto.

Seu noivo era bem construído como os outros. Claro, eles eram os primeiros primitivos quase nus que via e assumiu que seria assim que um homem bem construído fosse. Tudo, relacionado com estas pessoas era tão...desprotegido.

—Você tem muita sorte. Minhas duas irmãs mais jovens ainda têm que encontrar seus maridos—Eula continuou. Ela levemente tocou em seu estômago. —Eu temo que não possa haver nenhuma esperança para eles.

Clara piscou, olhando para a mão de Eula.

—Você está esperando?

Eula movimentou a cabeça.

—Sim. Eu entrarei em êxtase quando chegar em casa.

Ela não precisou ver a expressão da mulher para saber como estava assustada. O fato de mencionar que sua gravidez significava êxtase entrou em sua mente. Clara parou perto de Eula.

—Eu estava com minhas irmãs. O processo é muito tranquilo.

Eula movimentou a cabeça.

—Claro.

—O que foi?— Clara sussurrou.

—Os homens não dormem.

A resposta era simples, mas dizia muito. Ainda, estranhamente, Clara nunca considerou os maridos. O que seria

como ir dormir, sabendo que seu marido ficaria sozinho? Ele acharia companhia com outras mulheres? Quantos anos ele envelheceria? Ele seria o homem que conheceu quando entrou em êxtase? Ou décadas se passariam e você despertaria com um estranho. Existia uma razão para levarem gerações a se casarem depressa de forma que não acontecesse isso, mas Clara era prova de que irmãos nem sempre cooperavam. Vendo a expressão de Eula uma culpa que não sentiu antes apareceu.

—Você quer que eu fique?—Eula perguntou.

Clara balançou a cabeça em negação.

—Não. Aqui é onde eu pertenço. Seu marido estará te esperando voltar. Eu não interromperei mais a sua vida.

Eula movimentou a cabeça.

—Você quer que eu entregue uma mensagem para sua mãe?

—Diga a ela que cumpri meu dever. Diga que a próxima geração pode começar — Clara queria dizer mais. Queria estar em casa. Queria implorar para sua mãe mandar buscá-la, que não a abandonasse ali. Queria ver as veias finas no pulso de sua mãe, a breve demonstração de afeto que lhe permitiu. Nenhuma daquelas coisas aconteceria. Eula partiria e Clara seria deixada sozinha neste planeta.

—Sua mensagem será entregue —Eula disse. —Honre sua união, Lady Clara.

—Honre sua família— Clara respondeu quando a mulher

partiu.

Sozinha na tenda, Clara simplesmente permaneceu no meio do quarto. Ela concentrou-se em sua respiração, contando os segundos à medida que eles passavam. Quando perdeu a conta, simplesmente começou novamente. Era um truque antigo, um que começou quando criança para se manter tranquila. Ela imaginou que ouviu sua nave decolar. Contou mais rápido.

Doze, treze, quatro, cinco, seis...

—Minha dama?

Clara congelou.

—Minha dama?

Ela hesitou antes de sair do quarto em direção ao homem que falava. Antes de vê-lo, ela soube que era seu marido. Clara parou na entrada.

O homem ainda usava a máscara na parte superior de seu rosto. A tenda parecia menor que antes, como se as paredes tivessem sido empurradas quando ela não prestou atenção.

Ele sorriu para ela.

—Venha.

Clara fez como ordenou, movendo-se em direção a ele. Ela não falou enquanto levantava as mãos. Ela tocou tão pouco dele como possível ao longo das correias laterais da máscara. Ela sabia o que se esperava dela e cumpriu com seu dever como uma boa noiva.

Puxou a máscara sobre sua cabeça. Olhos castanhos encontraram os seus. Seu sorriso aumentou.

—Estou muito contente, noiva—Ele disse.

Clara deixou a máscara oscilar em sua unha do polegar e ofereceu para ele. Ele pegou-a sem perguntas. Observou seu rosto esperançosamente. Ela apenas não tinha certeza do que ele esperava.

—Eu acredito que esta é toda cerimônia até amanhã— Clara declarou.

—Nós podemos conversar se quiser —O homem disse. —Ou...

Ela continuou olhando para ele, fazendo seu melhor para ignorar seu coração acelerado e suas mãos trêmulas. Calma, ela deveria ficar tranquila. Não havia conforto naquela demanda cultural.

—Conversar.

—Sim— Ele movimentou a cabeça. O homem tinha um rosto orgulhoso, um rosto bonito, ainda que suas expressões estivessem abertas, inundando seus sentidos empáticos com suas emoções. Ela ficou fascinada e transtornada ao mesmo tempo.

—Conversar sobre o que?

—Qualquer coisa. Você deve estar curiosa sobre sua nova casa— Ele olhou ao redor e então lançou a máscara de lado para o chão. Aterrissou na terra, fora do caminho deles. Não havia nada dentro desta seção da tenda. Ela foi informada que era porque este

era um lugar temporário para poder se preparar para a cerimônia.

—Claro— Ela movimentou a cabeça uma vez.

Momentos se passaram em silêncio. Ele parecia que queria agarrá-la.

—Eu vivo nas montanhas ao norte. Talvez você tenha visto quando chegou?

—Eu não tive permissão para olhar sobre o planeta— Clara explicou, perguntando-se se a pergunta era um teste para ver se ela realmente uma mulher da nobreza.—Só o piloto tem permissão, na cabine. Não é nenhum lugar para mulheres.

—Você aprecia o ar livre?— O homem continuou olhando fixamente para ela. Ela desejou que ele não olhasse, ou pelo menos não parecesse tão interessado.

Clara moveu o olhar para baixo.

—Eu aprecio a natureza. Há uma tela de visualização grande em... perdoe-me. Posso modificar com uma correção. Há uma grande tela de visualização em meu quarto, em minha antiga casa.

—Tela de visualização?— Ele repetiu. Seu sorriso sumiu um pouco.

—Sim— Ela tentou não olhar fixamente para ele, mas era difícil. Ela encontrou seus olhos em movimento como os dela nele.

—Você saiu ao ar livre?— Ele perguntou.

Que pergunta estranha.

—Eu deixei minha casa para ir para a nave. Passei por muitas portas. É o costume de meu povo usar as portas quando vão e vem.

Seus lábios se torceram um pouco de lado.

—O que você aprecia?

—Eu...— Clara hesitou. Ninguém em sua vida inteira perguntou a ela tal coisa. Estava insegura de como responder. —Eu leio. Coisas.

—Livros?

Ela movimentou a cabeça uma vez.

—Qualquer outra coisa?

—Eu...— Ela não estava certa do que seria adequado. Ela gostava de sonhar, mas isso não era honrado. Ela às vezes inventava histórias em sua cabeça. Gostava de dançar quando ninguém estava olhando. Zumbia para ela mesmo quando ninguém estava escutando.

Aparentemente, levou muito tempo para dar a ele uma resposta, porque ele continuou.

—Eu aprecio correr, caminhar nas montanhas, dormir ao ar livre, montar ceffyls, treinar com armas... — Ele sorriu, o olhar em seu rosto de forma espontânea. — Tento esculpir pedras, entretanto não posso dizer que sou muito talentoso nisto. As crianças de aldeia parecem gostar muito para brincar com elas.

—Eu...— Ela novamente hesitou. —Eu não faço nenhuma dessas coisas.

Ele olhou como se ele quisesse dizer mais, mas ficou sem palavras.

—Talvez deva pedir aos empregados para trazerem a comida e outras coisas para passar a noite nesta tenda mais confortável— Ele começou a girar, só para parar. —A menos que você esteja desconfortável com nosso costume para passar a noite em uma tenda?Garanto que é seguro. Estamos perto do palácio real, cercados por guardas do palácio.

—É seu costume. Estou preparada para honrá-lo —Ela disse, embora ele fosse considerado por pensar em seu conforto. Talvez houvesse alguma esperança para ele.

—Muito bem. Eu retornarei.

—Um momento, meu senhor—Ela disse quando ele agarrou a ponta da tenda. Ele olhou para trás e ela disse:— Eu tenho uma pergunta.

—Sim?

—Seu nome? Eu gostaria de saber o nome do meu marido— Ela tentou não deixar que seus olhos percorressem as costas fortes.

Nisto, ele riu.

—Eu sou LordeVladan, Duque Honorário de Draig.

—Este é seu nome com o título completo?

—Sim. Eu também sou responsável pela mina — Ele novamente agarrou a ponta da tenda. —Mas pode me chamar de

Vlad. Não há nenhuma razão para formalidades entre marido e esposa.

—Eu sou Lady Clara deRedding—Ela ofereceu. —Meu nome é Lady Clara.

—Eu sei,Lady Clara—Ele suavemente disse. Ele soltou a ponta como se decidindo não sair e moveu-se em direção a ela. Ela ficou rígida, mas não se afastou. Ele ergueu a mão para seu rosto. Aquele primeiro toque foi tão gentil, tão suave. Apenas podia senti-lo, o calor dele saltava para sua pele. —Você é muito bonita, Clara. Estou muito contente por chamá-la de minha esposa. Tudo que eu tenho é seu. É minha esperança que você ame sua nova casa.

— É meu dever amar —Ela logicamente respondeu.

—Vou respeitar esta resposta —Ele sussurrou. Era sua imaginação ou ele se aproximou mais?

Clara não se moveu. Vlad roçou sua boca contra ela. Um choque elétrico de consciência a percorreu. Ela parou de respirar enquanto seu coração explodia de modo selvagem em seu peito. Só durou um breve segundo, mas ela podia ainda senti-lo à medida que ele se afastava.

—Vou pedir comida e um banho, se desejar um. Disseram que você tem uma cama— Ele gesticulou para seu quarto. Ela movimentou a cabeça. —Muito bom. Eu voltarei,bela Clara.

Clara ficou olhando-o sair, só se moveu para tocar sua boca quando ficou sozinha. Um baixo zumbir a deixou, metade canção, metade exclamação pelo que ela estava sentindo muito dentro.

— Muito bom— Ela sussurrou.

Capítulo 3

Clara ficou olhando fixamente para o vapor da água do banho na banheira de metal. Vários empregados grandes, todos homens, levaram a banheira para a tenda. Ela sentiu seus olhos nela, estudando-a como as pessoas em seu mundo natal estudavam uma pintura na Galeria do Palácio NoblaePortraite. Eles arrastaram a tina até a madeira fina desprendeu-se na terra. Outros levaram uma mesa, outros alimentos, outros, peles para o chão de terra e outros, mais jarras de vinho. Realmente havia muita comida para duas pessoas.

—Outros se juntarão a nós?— Clara perguntou, ainda olhando para a tina. Ela leu sobre banhos de água, mas em seu mundo eles usavam laser. Saber nadar era uma condição prévia em sua casa, então ela sentiu a água, mas não ousava usá-la para se limpar.

—Você deseja que chame os empregados para te dar banho?— Vlad perguntou. —Isso não será necessário. Se precisar de ajuda posso fazê-lo.

Chocada, ela girou seus olhos arredondados para ele. Sua boca abriu, mas nenhum som saiu. Levou três segundos para se recompor. Ela forçou sua expressão de acordo.

—Eu estava falando da comida. Tem muita.

—Ah— Ele soltou uma pequena risada. —É uma noite de

feita. Eles querem ter certeza de que ficará bem satisfeita.

Ela olhou os pratos de carne cozida, três pães azuis, tortas azuis e muitas frutas e substâncias cremosas.

—Tem muita comida. Eu não posso comer tudo isso. Posto que foi preparado, devíamos ordenar que deem para os pobres.

Ele foi para a mesa e ergueu uma fruta pequena, redonda e colocou-a na boca.

—Todos podem comer tudo hoje a noite.

—Eu falo dos pobres que não tem condições de se alimentarem—Ela explicou.

Seu sorriso se alargou.

—Nós não temos tais pobres. Todos aqui são prósperos. Ninguém fica sem comida, roupa ou abrigo.

—Como é tal coisa possível? Eu nunca estive em um lugar que não tivesse seus pobres— Ela deu um passo pequeno mais perto dele. —Vocês são ricos, então deve haver pobres. Se não associa diretamente com eles, tenho certeza que os empregados saberão onde eles residem.

—Não é tão notável que nós não tenhamos pobreza. Espera-se que todos ganhem seu próprio sustento como podem. Aqueles que não podem, recebem algo. Se crianças ficam sem família, eles são levados à outra casa — Ele comeu outro pedaço de fruta antes de erguer uma terceira em oferecimento para ela.

—Pessoas cuidam das crianças dos outros?— Ela perguntou.
—Eles não servem na casa da nova família?

Sua mão caiu.

—Seu povo faz as crianças órfãs servirem?

Ela movimentou a cabeça.

—Nós tentamos colocá-los na mesma casa de forma que possam vivam juntas.

Ele colocou a fruta no prato e não ergueu outra. —Não é culpa da criança que suas circunstâncias mudaram. Se pais morrem, eles não deveriam ser forçados àservidão.

—Se os pais não deixaram nada para eles, não se pode esperar que outro se encarreguedisto —Ela respondeu.

Clara perguntou-se o que tipo de pessoa estaria disposto a cuidar de doze a trinta crianças nas mortes dos seus pais em uma casa já cheia. Seria um fardo enorme para a maioria das famílias cuidarem de mais de cinquenta crianças.

—Nosso povo claramente têm visões diferentes do assunto— Ele disse.

—Eu assumo que nós teremos visões diferentes em muitas coisas.

Com suas palavras, seus olhos viajaram até sua peruca. Ele movimentou a cabeça.

—E estilos.

Ela ergueu sua mão, mas não tocou em seu cabelo.

—Eu devo parecer estranha para você. Quando encontrei sua rainha, ela não pareceu comigo.

A rainha de Draig tinha um atrativo natural, com o cabelo fluindo natural e um vestido muito simples que se ajustava ao corpo da mulher sem parecer prendê-la como o vestido de Clara fazia. A princípio, Clara pensou que a Rainha Mede fosse uma empregada.

O homem movimentou a cabeça.

—Estranho, sim. Bonita, sim.

—E minha pele— Ela olhou para sua mão, vendo a pintura azul.

—Estranho, sim— Ele aproximou-se, segurou seus dedos para levantar sua mão. Seu polegar roçou contra a parte posterior do pulso, como se fosse tirar a tinta.

O corpo inteiro de Clara vibrou para a vida com o toque. Como uma dama, suas mãos quase não entravam em contato com qualquer coisa, por não falar da pele de outra pessoa. A estranha textura da pele com a dela fez com que cada pensamento em seu cérebro sumisse. Esticou os dedos tentando não devolver o contato. Cada nervo disparou ao mesmo tempo, como se algo pudesse saltar de seu braço e correr para se esconder. No entanto, ela não podia se afastar dele como deveria. As sensações eram muitas, para ela processar. Flashes de garras apareceram em suas visões correndo selvagem pelo bosque. Este homem tinha um animal dentro dele. Ela não ficou assustada, mas sim fascinada.

—Mas muito bonita —Vlad continuou antes de sua voz deslizar no idioma de Qurilixian. Ele continuou conversando e ela não pode mais entender suas palavras. Era uma língua suave, com um tom gutural forte.

—O tradutor universal que implantei não fala seu idioma e eu só conheço o idioma dos meus antepassados e o idioma estelar universal— Ela olhou seus dedos em sua pele, hipnotizada por seus movimentos suaves e intimidade de seu toque.

—Era algo que meu pai costumava dizer para minha mãe—Ele respondeu. Ela esperou, mas ele não traduziu.

—Você perdeu seu pai?— Ela perguntou, empaticamente sentindo isto.

— E minha mãe—Ele respondeu. —Meu pai ficou na mina quando desmoronou e minha mãe entrou para salvá-lo. Eles não voltaram. E seus pais?

—Eles estão muito contentes por me terem, sua última filha casada— Clara tentou não pensar nas celebrações das quais sentiria falta e de suas irmãs despertando e dando a luz, a próxima geração começando.

—Você tem irmãos?

Eles estavam sussurrando. Ele ficou perto ainda tocando sua mão. Ela não estava acostumada à intimidade corporal compartilhada, no entanto, não se atrevia a se afastar. Havia algo no som de sua voz e a sensação de seu toque.

—Sim. São trinta e três na casa de Redding. Dezenove irmãs, onze irmãos, eu mesmo e meus pais. Eu sou a última a casar.

—E eu que pensei que tínhamos famílias grandes—Vlad riu. — A maioria das famílias aqui tem de quatro a oito filhos.

—E quantas filhas?— Ela perguntou.

—Nenhuma filha— Seu aperto aumentou em sua mão. Clara só notou porque estava concentrada em seus dedos.

—Você...?— Ela endureceu, quase com medo de receber uma resposta para seu medo. —Vocês dão fim às meninas como um fardo?

—Não. Nós simplesmente não produzimos muita descendência feminina. Uma das últimas mulheres de Qurilixian que nasceu foi a rainha. Os cientistas estudaram tudo e decidiram que a radiação azul de nossos sóis, enquanto nos fazia prosperar, também previne o nascimento de meninas, sendo uma ocorrência rara. Milhares de meninos podem nascer antes de uma menina ser concebida.

—Aqueles outros homens eram seus irmãos?— Ela puxou suavemente sua mão, tentando bloquear a conexão empática para poder se concentrar melhor no que ele estava dizendo.

—Os príncipes são meus primos. Alek, Mirek e Bron são meus irmãos.

—Entendo. Eles parecem muito... —Ela tentou pensar em algo para descrevê-los— Abertos.

Ele riu. Ela percebeu que ele fazia muito isto, entretanto ela

não entendeu o que poderia ser tão divertido neste som.

—Minhas irmãs são Elisa, Louisa, Evita, Clavia, Mandia, Mary, Jacy, Lydia, Saria, Noria, Doria, Coria, Horia, Valora, Honara, Honora, Dara, Daria e Laney— Clara parou. Ela sabia que havia muitos nomes para ele se lembrar, mas não queria que a conversa terminasse. Se ele o fizesse, poderia deixar sua mão e ela não queria deixar seu toque. —Meus irmãos são Alban, Emeric, Edgard, Firmin, Florenten, Gael, Bael, Gaubert, Gaspard, Herve e Ignace.

—E Clara—Ele disse. Os dedos de Vlad se arrastaram de sua mão para seu pulso. —Bela Clara.

Vladsoltou sua mão. A conexão sumiu. Ela não abaixou seu braço imediatamente. O frescor substituiu seu calor. Ele levantou a mão e tocou sua peruca. Seus olhos se abriram rapidamente, mas era muito tarde para protestar quando ela a ergueu de sua cabeça. Os alfinetes prenderam seu cabelo e ela ofegou.

—Ai.

Ele percebeu.

—Eu não queria ferir você. Como se remove isto?

Suas mãos tremiam, Clara puxou um alfinete e então outro com as pontas de seus dedos, soltando a peruca. Quando soltou seu controle, ele a levantou novamente. Sem o peso, sua cabeça rodava. Ela fechou seus olhos para a sensação passar. Vlad colocou a peruca na mesa próxima à comida. Clara tocou sua cabeça com seu pulso. A rede segurando seu cabelo permaneceu. Ela esfregou cuidadosamente. Apenas suas empregadas a viam sem sua peruca,

desde que ela entrou na puberdade. Não encontrando seus olhos, ela puxou a rede com a unha do polegar. Imediatamente, quatro tranças de seu cabelo caíram ao redor seus ombros, duas na frente, duas atrás. As tranças agiam como um suporte para a peruca. Mechas loiras chegavam a sua cintura, mas agora caía no centro de suas costas.

—Eu pensei que seu cabelo fosse mais escuro—Ele pensativamente disse, olhando para suas sobrancelhas. Ela as tinha escurecido com Kohl púrpura.

—Eu nem sempre uso pintura corporal. É nosso costume para ocasiões especiais. Se eu não me vestisse de tal modo, seria considerado um insulto por meu povo. Meu pai não ficaria contente com os relatórios— O que havia neste homem que a deixava tão consciente de si? Eles eram estranhos um para o outro. Ela não esperava que eles entendessem um ao outro, tivessem os mesmo estilos e costumes. Ainda quando ela havia pensado casar-se com um nobre, não esperava tais diferenças. Ela era muito consciente de seu estado seminu. Havia pouco o impedindo de se tocarem. Quando ele se moveu, ela percebeu que gostava de ver os músculos se movendo sob sua pele. Até seu pescoço era forte. Os homens de onde ela vinha eram mais... suaves.

—Então este vestido é como um traje de noiva tradicional? Usa apenas a noite?— Ele perguntou.

—Meu vestido?— Clara olhou para seu vestido. —É novo, mas pensei que poderia usá-lo novamente. Se você não gosta, eu tenho outros. Asseguro que vim com um enxoval cheio.

—Enxoval?

—Baú nupcial. Como sou uma mulher, minha família fornece tudo que eu poderia precisar para começar meu casamento de forma que o fardo não caia sobre meu novo marido— Ela novamente olhou para o vestido. Era de fato, seu melhor. —Eu deveria agradecer por permitir que seu cristal brilhasse.

—Agradecer?— Ele olhou para a pedra que ainda brilhava em seu peito de forma suave. —Eu não tenho nada a ver com isto. É o destino, o legado dos deuses mostrado para nós. Você foi escolhida para ser minha esposa, isto é tudo.

O comentário ficou com ela e ela girou suas costas para ele. Tocou uma trança, puxando o final da mesma. Por um momento, ela se permitiu pensar que ele a escolheu, mas ela foi escolhida. Outra força escolheu por eles, deuses, seus pais, o imperador, não importava. Um casamento de conveniência era um casamento de conveniência. Este casamento era um dever, um arranjo. Ela cumpriria seu dever. Teria seus filhos e logo iria para sua casa, viver seus dias em paz.

—Você terminou de conversar comigo?— Ela perguntou. —Foi uma jornada longa e eu quero dormir para completar a cerimônia amanhã.

—Claro—Ele respondeu. —Você se importaria de comer primeiro?

—Não, obrigada —Ela disse, não tinha fome. SemEulaela se sentia muito sozinha. Os únicos rastros de sua vida estavam

esperando por ela no seu quarto. Ela queria se rodear deles, seus escassos pertences. A tristeza a encheu. Tranquilamente ela disse.— Boa noite, LordeVlad.



Vlad viu sua noiva se mover para o quarto e franziu o cenho. Ela iria dormir? Nesta noite? Tão cedo?

Sim, sua conversa diminuiu bastante. Suas expressões e o tom de sua voz eram muito difíceis de interpretar. Entretanto estava certo que aprenderia as nuances e a leria com o tempo. Ela tinha olhos violetas muito expressivos. Ele notou como se abriam quando falava de sua casa e família. Era uma pequena mudança, mas estava ali.

Ele olhou para a peruca. Uma coisa tão estranha, tão estranha em sua natureza. Criava uma cúpula sobre a cabeça dela, adicionando uma altura quase ridícula. Quando ele a ergueu, ficou surpreso com o peso. O olhar de Vlad foi para onde ela desapareceu e levantou a peruca. Curioso, ele colocou em sua cabeça. A experiência durou quatro segundos antes de tirá-la e colocá-la na mesa. Era como levar uma criança pequena sobre seu cérebro. Esta seria a primeira coisa a ir embora. Ele não teria sua esposa torturada.

O vestido de Clara também parecia ser pesado com pequenas pedras preciosas. Ele podia dizer pela forma como o material se movia e por seus passos deliberados à medida que caminhava. Por

que uma mulher escolheria se torturar deste modo? Estrangeiros estranhos, muito estranhos. Ele fez uma nota mental para comprar um novo guarda-roupa imediatamente. Sua esposa não seria brutalizada por sua roupa. Além disso, o vestido incômodo o embaraçaria quando ele seduzisse sua bonita noiva depois que a cerimônia se completasse.

Ele fechou seus olhos e deixou uma mudança parcial acontecer. Ser um shifterdragão não era algo que contavam a vontade. Os Draig preferiam sua vida em particular e quanto menos elemento para aqueles que quisessem prejudicá-los e uma vantagem se um inimigo tentasse atacar.

O cheiro ficou no quarto. Que estranho, o perfume que ela usava mascarava o cheiro sutil de sua pele. Com seus sentidos superiores, ele podia descobrir isto facilmente.

Ouviu, achando o som gentil dela respirando atrás do véu fino da porta. Ainda que constante e profundo, estava muito rápido. Foi interrompido por um som áspero e repetitivo. Unhas contra carne? Talvez contra sua palma? Um gesto nervoso?

Vladqueria ir para ela. Isto não era como uma noite de casamento deveria ser. Ao invés, ele foi para a mesa e tentou comer. Era possível que fosse como ela disse. Ela teve uma jornada longa e estava cansada. Ele teria que ser paciente. Tinham toda vida para conhecer um ao outro. Os deuses não a teriam escolhido para ele se não fosse predestinado. Ele confiava no destino e respeitava os deuses. Lady Clara foi escolhida para ser sua noiva e eles viveriam seus dias felizes. Fim da história.



Ficar grávida e então posso ir para casa com minha família, Clara pensou, cravando as unhas na palma. Era um hábito antigo, uma que tinha desde a infância. Ela só fazia isto quando precisava redirecionar uma superabundância de emoções...ou neste caso, borrar a sensação de Vladem sua pele. Sem dúvida, Eula reportaria o tipo de primitivo lugar onde Lady Clara estava exilada. Então, quando Clara chegasse a casa levando uma criança, um menino, se a genética Draig fosse daquela forma, sem duvidaseu pai e mãe permitiriam que ela passasse seus dias em casa. A próxima geração começaria e ela seria uma tia maravilhosa para crianças de seus irmãos. E sua criança cresceria ao redor de uma grande família. Ela apenas não diria a eles sobre o a genética dominante dos Draig, ou então seu pai poderia mudar de cinco para vinte crianças com as esperanças de conseguir mais netos, com genética primitiva ou não. Logo estava a ideia de que um animal residia em seu marido. Um shifter? Ela não sabia que estes homens eram assim. Seus pais ficariam surpresos ao descobrir. De todas as mulheres de sua família, ela era a mais sensível aos animais. A ideia de morar com seu marido não a assustava como fariam com suas irmãs delicadas.

Apenas uma criança? A ideia de uma solitária criança sem irmãos era triste. Ela não queria ser aprocriadora que sua mãe era, mas parecia apenas um muito solitário. Ela não podia imaginar sua infância sem a atividade constante de seus irmãos.

Vladcumpriu com a tradição de seu povo ao ter seu cristal

brilhando e tendo-a como uma noiva. Quando ela partisse, ele estaria livre para tomar amantes. No curso muito lógico de seus pensamentos, ela franziu o cenho. Por alguma razão, a ideia de seu marido com amantes deixava-a intranquila. Certo, assim eram as coisas. Os homens tomaram amantes, às vezes, muitas. O que mais eles deveriam fazer quando suas esposas estavam em êxtase ou grávidas, ou recuperando-se de um parto? Tal coisa era do conhecimento comum e Clara realmente não parou para pensar muito sobre isto, até que Eula mencionou suas próprias preocupações. Além disso, as mulheres do planeta Redde tinham uma maneira de fazer frente a tal coisa e fingir que não sabiam o que acontecia.

Clara não gostava de fingimento.

Ela fechou seus olhos, forçando respirações constantes e profundas. Estava na hora de crescer e guardar suas fantasias de garota. Estava começando um casamento arranjado. O destino e o amor não tinham nada a ver com isto. Logo iria para casa, viver sua vida como uma tia e mãe. Convenceu a si mesma de que o relatório de Eula pesaria sobre seus pais, que seguramente seriam surpreendidos com o nível real de primitividade do casamento de sua última filha. Sua companheira diria a eles como teve que usar um material caro para cobrir o chão de terra. E logo havia a espantosa falta de material no vestido de noiva que queriam que usasse. Bem, talvez Eula não contasse a sua mãe esta parte. A conversa seria positivamente muito indecente para uma empregada compartilhar com uma senhora. Além disso, Clara iria dormir em uma tenda onde qualquer pessoa com uma faca poderia deslizar

pelas paredes finas, ainda que por alguma razão fosse a menor de suas preocupações. Inclusive ela podia admitir que sentia uma sensação de segurança. Quem iria querer matar uma noiva em sua noite de núpcias?

Lentamente, seu coração se acalmou e os arranhões de suas unhas apagaram a intimidade do toque de Vlad com a dor, pelo menos o suficiente para que pudesse concentrar-se além desta lembrança. Tudo iria bem. Este desvio ao planeta Qurilixen era simplesmente uma parte pequena da história de sua vida.

Capítulo 4

O sono não vinha e Clara encontrou a si mesma arranhando a pintura em seus braços, tentando desenterrar a cor verdadeira de sua pele sob o brilho do branco azulado. Havia uma banheira esperando do outro lado da tenda, ainda que a água estivesse provavelmente fria agora. Fora, na noite, o céu estava escuro. No interior, a única maneira de poder ver era a partir da luz das tochas nas extremidades da tenda. O fogo foi organizado de tal modo que não queimasse as bordas do tecido. A tenda estava quieta. Vlad provavelmente partiu, para juntar-se às festividades.

Sem Eula, foi difícil tirar o pesado vestido sozinha e a ideia de tentar vesti-lo novamente fez com que cada músculo cansado protestasse. Pegou um robe e deslizou o material fino por seus braços e envolveu o cinto ao redor da cintura varias vezes antes de sair. Seus passos eram curtos devido a que a saia era mais justa. Puxou a porta da tenda de lado, e a primeira coisa que viu foi a mesa cheia de comida. Com sua preparação para a viagem não jantou, mas já estava acostumada. Com este pensamento em mente, foi direto para a comida. Em casa, a dieta era muito rígida. Cada refeição totalizada mais ou menos metade do tamanho de sua mão. Só homens recebiam porções maiores. Ela alcançou devagar um pedaço de fruta.

—Você pode pegar tudo o que quiser.

Ela ofegou, depressa procurando Vlad pela tenda. Levou um momento para encontrá-lo, mas quando o viu ele estava na banheira. Um copo de vinho estava no chão facilmente ao alcance de sua mão. Os dedos batiam levemente contra o lado da tina.

Seu olhar seguiu seu braço até um forte ombro e pescoço. Ela olhou com intensidade. Seu rosto estava úmido e o cabelo penteado para trás. Uma pequena linha de água descia por seu rosto e desaparecia na sombra escura sob sua mandíbula. O brilho suave do cristal era silenciado pela água, mas ela o viu sob a superfície.

—Eu pensei que estivesse sozinha —Ela disse, não pegando a comida. Clara perguntou-se se deveria oferecer a ele isolamento, mas não era incomum em seu mundo de origem a esposa ajudar seu marido no banho e ele parecia muito a gosto com sua circunstância.

—Me faria muito feliz se você comesse algo. Se o que é oferecido não te agradar enviarei empregados por mais— Ele parecia esperançoso. Ela não se moveu. —Eu ordenarei comidas diferentes até que você coma. Em certo ponto eles suspeitarão que você está recusando a hospitalidade de nosso planeta— Ele deu um sorriso pequeno, como se soubesse que a estava manipulando.

A manipulação funcionou. Sentindo-se culpada para não aceitar a generosidade de sua nova casa, ela pegou o pedaço de fruta e comeu. Nada da comida foi cortado em pedaços pequenos para ela assim se viu forçada a pegar a menor. A fruta era incrivelmente doce, quase demais.

O sorriso de Vlad se alargou quando ela mastigou.

—Obrigado, minha senhora. Eu odiaria que você murchasse.

Pegando uma faca, ela cortou uma fatia fina do pão azul, colocou-a na mesa e cortou em cubos pequenos. Eram desiguais, já que ela não estava acostumada a ter uma faca na mão. Tentou o pão. Apesar da cor estranha, tinha um gosto parecido com os de seu planeta. Terminou o pão muito consciente dos olhos dele observando-a.

—Obrigada —Ela disse, afastando-se da comida.

—Você pode ter mais.

Ela balançou a cabeça em negação.

—Eu tive uma porção de dama. Estou bem — Antes dele poder comentar mais sobre os hábitos dela de comer, girou sua atenção para a parede escura da tenda. Qualquer coisa era melhor que olhar fixamente para as gostas de água se agarrando a sua mandíbula. — Pensei que houvesse festividades nesta noite de escuridão.

—Há sim —Ele disse.— No vale abaixo.

—Você não deseja juntar-se aos outros?

—Minha festividade está aqui— A suavidade de seu tom a fez arrepiar.

—Você não tem que permanecer aqui em meu benefício— Clara perguntou-se como seria um festival Draig. Imaginava que fosse barulhento. Apesar de querer vê-lo, não queria participar. Queria olhar de uma distância segura e se limitar a observar. Lástima que sua mãe não houvesse enviado uma tela de visualização

portátil para que pudesse usar, não era como se fosse capaz de pegar qualquer sinal da tenda.

Ela ouviu o movimento atrás dela. A água se agitou e gotejou. Como poderia resistir a um olhar rápido?

Clara voltou-se para ele. Ele era seu marido. Ela deveria ser livre para olhá-lo se ele quisesse se mostrar. E o costume Draig de caminhar quase sem roupas era muito evidente. Ao instante, seus olhos se sentiram distraídos pelo cristal. Bateu contra seu peito enquanto levantava-se da água. A pedra úmida apontava para baixo, chamando atenção sobre a amplitude iluminada de seu peito e o estreitamento da cintura fina.

Clara foi tão protegida, como para não saber qual a diferença entre homens e mulheres, ainda que ver aquela diferença real em toda sua glória, muito nu era algo completamente distinto. Seu membro estava situado entre suas coxas apenas para mudar e se mover enquanto ele alcançava um material quadrado e branco que estava perto. Agachou para pegá-lo, dando-lhe uma vista completa de seu traseiro. Sentiu um estranho de impulso de ir até ele e tocá-lo, lutando contra este impulso afastou rapidamente os olhos, mas foi superada pelo desejo de continuar olhando.

Quando ele ficou em pé, seus olhos encontraram os dela. Deu-lhe um sorriso conhecedor. Vlad claramente sabia que ela o estava olhando e não se importava.

—Você se vê bem com o cabelo solto —Vladsecou a pele antes de colocar o material branco ao redor da cintura.

Clara tocou seu cabelo. O tinha escovado, mas ainda precisava refazer a trança. Sua atenção se concentrou na mão azul.

—Se não for incomodar, eu gostaria de tomar banho.

Ele gesticulou atrás para a banheira.

—Eu pedi outra para você.

Ela se moveu mais perto para ver onde ele estava indicando. Havia uma segunda banheira.

Vlad passou as mãos por seu cabelo molhado, alisando-o para trás e torcendo o excesso de água. Ele balançou sua cabeça ao lado. As gotas caíram no chão atrás dele. Seus olhos se estreitaram e deslizou o polegar por sua mandíbula em uma carícia leve.

—Você quer que a ajude com o banho?

—Me ajudar com o banho?— Ela perguntou surpresa. Ele a surpreendeu com esta mesma oferta anteriormente. —Isso não será necessário. Eu não tenho nenhum desejo de reduzi-lo a minha criada.

Nisto, ele riu. Era um som fundo, rico, altamente divertido. Ele soltou sua mão.

—E eu posso assegurar você, minha senhora, que não tenho nenhum desejo de ser sua criada. Tal posição não estava no que tinha em mente.

—Você planeja algo?— Ela perguntou. Sua voz não era tão forte como queria, mas por alguma razão ela apenas podia respirar.

Talvez tivesse amarrado sua roupa forte demais na cintura. Ela seguiu os movimentos de sua mão contra seu rosto.

—Esta noite é sobre descoberta. Pensei em deixá-la dormir, mas desde que você está acordada eu gostaria de continuar com a tradição — Ele se aproximou, por cima dela. Seu peito estava perto de seu rosto. Ela olhou para o cristal, olhando a luz pulsar com intensidade. Era como se ela sentisse o ritmo dentro dela, lento e constante, torcendo seu estômago mais baixo. —Eu iria muito gostar de ajudá-la a tomar banho, minha dama.

—Como uma dama, eu não posso permitir isto—Ela respondeu.

—Que tal como uma mulher?— Ele colocou a cabeça perto de sua orelha. Ele não a tocou, mas ela sentiu seu calor contra a roupa e sua respiração contra seu pescoço.

—Como mulher, eu não posso permitir isto—Ela sussurrou, não realmente pensando sobre o que dizia,

—Que pena — A cócega suave de sua respiração hipnotizava seus sentidos. Os homens nunca chegaram tão perto. Bem, um pretendente tentou, mas seu pai o lançou da propriedade e o multou com mil créditos espaciais pela presunção.

—Eu fui instruída, se você deseja começar a próxima geração.— Clara não tinha ideia de que a proximidade de um homem pudesse deixá-la mole por dentro.

Ele riu novamente. Clara endureceu, afastando-se. Ela não esperou que sua resposta fosse assim.

—Eu nunca ouvi o ato de casamento se referido como tal—Ele fez uma pausa, sem deixar de sorrir.— Instruções.

—Obrigado pela comida, meu senhor. Eu agora vou me retirar — Clara se forçou a caminhar com dignidade em direção a seu quarto.

—Não, noiva—Vlad agarrou seu pulso para pará-la, e puxou-a em direção a ele. —Não fique irritada comigo. Suas palavras simplesmente me pegaram de surpresa. Quando olho para você, não é com pensamentos de começar uma nova geração.

—Oh— Clara puxou sua mão. Ela levemente esfregou a pele onde ele a tocou. O cristal pulsou como um aviso, chamando sua atenção. Observando sua expressão, ela se concentrou em projetar uma imagem serena.

A pintura azul provavelmente parecia estranha para ele. Nenhuma maravilha ele não estar pensando em levá-la para a cama. Então um terrível pensamento passou por sua cabeça. Ela se assegurou de ficar bonita para ele. E se era um desses homens que preferia a companhia de outro homem? Tais coisas não eram desconhecidas para ela. Lorde Dane era uma prova disto. De fato, ninguém importava se os homens tivessem amantes homens desde que cumprisse seu dever com a esposa. Seria Vlad capaz de cumprir com seu dever por ela e deixá-la grávida para que pudesse voltar para casa?

—Eu entendo—Ela respondeu. —Se você não se importar, eu gostaria de tomar banho. Por favor, junte-se às festividades se quiser.

—Eu não posso deixar a tenda. É a tradição.

Ela movimentou a cabeça. Sua mão foi para a cintura. Ainda que ele não estivesse interessado em olhar para ela, ela ainda se sentia inquieta sobre permitir que a visse. Sim, eventualmente ele a veria se despir, como marido, mas não seria esta noite. Clara o olhou com expectativa. Ainda usava o tecido ao redor da cintura e não fez nenhum movimento para se afastar dela.

—Também é tradição me inspecionar antes da cerimônia se completar? Eu asseguro que sou compatível. Eu não teria permissão para vir caso contrário.

—É tradição— Sua voz soava cansada. Talvez isto não fosse agradável para ele.

—Muito bem, se é uma tradição— Ela girou suas costas para ele e agarrou sua cintura para começar a desenrolar o material. Seus dedos tremiam, mas não deixou qualquer insegurança pessoal impedi-la. Não foi criada para ser uma mulher assim.

Clara deslizou o robe sobre seus ombros e nitidamente dobrou o material suave acima de seu braço. O material fino do roupão oferecia pouca proteção. Ela neste momento era consciente do quanto pequena era. Quando olhou para trás, seus olhos estavam nela, intensamente observando-a. Eles a deixavam nervosa. Nada sobre as expressões deste homem lhe era familiar. Queimava como fogo e com humor. Os olhos estavam bem abertos, ainda ilegíveis. O que ela iria pensar quando havia tanto dentro de seu olhar? Estava acostumada às expressões controladas, imparciais de seu povo. As coisas que precisam ser ditas eram ditas com palavras, ou apenas

eram compreendidas.

—Permita que a ajude, minha dama —Ele disse, depressa se movendo para pegar o roupão. Ela forçou seus dedos a soltá-lo. Sem cobrir a frente, se encontrou insegura sobre o que fazer com as mãos. Pensou em levantá-las para cobrir seus seios, para esconder o fato de que o material fino revelaria a cor de seus mamilos. Ou talvez devesse cruzar as mãos no quadril, para disfarçar os pelos entre as coxas. Ela optou por cruzar os braços na frente.

—Como você pode ver, eu sou compatível— Por que estava perdendo tempo? Sabia que ele esperava olhá-la. Não era próprio dela ao cumprir com seu dever.

—Eu posso ver, pequena — Seu tom era baixo, suave, sombrio. Ela não podia encontrar seu olhar.

—Claro— Ela esperou que dissesse mais. Entretanto, quando soltou por completo o roupão, se encontrou desejando que ele sentisse ao menos algo por ela. Inclusive se não pensasse nela em termos sexuais, talvez pudesse haver algum interesse em sua forma, qualquer coisa. Uma vez que suas mãos começaram a tarefa, não pararam. Puxou o roupão e o passou pela cabeça e colocou no braço para evitar que caísse no chão. Ao instante, ele estava ali para pegá-lo. Deixou sua roupa de lado, colocando-a junto à peruca na mesa. Clara não se moveu, não podia se mover. Manteve os olhos para frente, com o queixo levantando. Não se atreveu a olhar em seu rosto, não ainda. Ela tinha muito medo do que iria ler em sua expressão. Se fosse decepção ou indiferença, não seria capaz de manter seus sentimentos para si mesmo. Este povo era tão

expressivo, que tinha certeza iria ler suas emoções facilmente. Pelo menos em casa nem sempre era fácil dizer o que alguém estava pensando.

Pensamentos privados eram privados. Ali, ela não tinha certeza se havia tal coisa como um pensamento privado.



Por todos os deuses, sua esposa era uma verdadeira deusa.

Vladmal podia se mover. Conteve-se, fora da linha de seus olhos tentava controlar seu desejo desenfreado. Sabia que esta seria a noite mais difícil, mas não tinha ideia da tortura que seria. Sua esposa era a definição da própria perfeição.

Seu longo cabelo loiro caia em suas costas e ombros. Brincavam com ele, caindo sobre seus seios. A curva do quadril e o traseiro chamava atenção naturalmente. Apertou os punhos. Quando estava vestida podia ver sua pele azulada, mas agora via a cremosidade de sua pele.

Suas pernas eram fortes. Se ele tivesse que adivinhar, seria de carregar aquele peso impossível de vestido que usava. No entanto, apesar da força, se via suave. Vlad queria desesperadamente provar a flexibilidade da pele por si mesmo.

Onde ela era suave, ele era duro. A ideia que ela foi feita para moldar-se contra ele, provocou uma reação muito forte e o deixou muito duro. Molhada, suave, suave, molhada. Ele fechou seus olhos

brevemente e quase se perdeu.

Clara não se moveu e ele não parou de olhar. Suas mãos começaram a mudar, garras cada vez maiores apareceram em seus dedos para se cravar nas palmas. Sentiu a insistência de formigamento da fera dentro dele. Se não podiareivindicá-la como humana, como queria, o dragão queria surgir para aliviar seu desejo. O Draig não podia reivindicar a mulher em sua forma, às vezes a mudança era a única maneira de aliviar o desejo de seus intensos impulsos sexuais. Oh, mas ele não queria aliviar a dor, não ainda. Ele queria senti-la, olhá-la, sofrer a tortura doce do que seu corpo fazia com ele. Ele forçou o dragão de volta para dentro.

Talvez pudesse tocá-la, apenas um pouco. Respirando forte, moveu-se atrás dela. Sua mão tremia, mas o cheiro dela estava em sua cabeça, tão doce, tão erótico, chamando por ele. Sem pensar quanto ao que estava fazendo, levantou seus dedos e deslizou entre suas coxas por trás. Ao instante ela ficou sem fôlego e tensa. Ele observou seu traseiro, ao ver sua mão enterrada entre suas pernas. Deslizou os dedos para cima, para seu sexo. Calor irradiava ali.

Vlad fechou seus olhos e curvou a cabeça. Ele se concentrou em sua suavidade, em seu cheiro entrando por seu nariz. Seu cabelo cheirava exótico, como uma flor estranha, que nunca viu. O lado de seu dedo encontrou seu sexo. Ela estava molhada. Ele separou seus lábios facilmente. Levantou mais a mão, sem parar para pensar em suas ações.

O corpo de Clara tremeu levemente. Vlad puxou sua cintura,

soltando a toalha. Com sua mão livre, segurou sua ereção e começou a acariciar, ao mesmo tempo em que sua mão a acariciava. Ela soltou um som ofegante enquanto se movia. O som o impulsionou. Sua mão firmemente agarrou seu eixo, acariciando mais forte e mais rápido. Explosivo, queria estar dentro dela. Abriu a mão, obrigando suas pernas a acomodar a mudança de posição. Quando suas pernas se abriram o suficiente, ele deslizou um dedo nela. Calor doce, molhado o envolveu.

Por todos os deuses, era demais.

Vladtirou a mão e depressa a deslizou ao redor de sua cintura. Ele puxou suas costas contra seu quadril enquanto voltava a mão entre as suas coxas. Desta vez, acariciou-a pela frente. Enterrou os lábios contra seu pescoço, beijando a pele macia entre o cabelo. Quando abriu seus olhos, seu olhar moveu-se pela pele delicada. Olhou por cima do ombro, para os seios perfeitos maduros. Os mamilos estavam duros sem serem tocados e prometeu que iria prová-los logo.

Seu traseiro apertou o quadril, o rubor tocou sua pele. Ele ficou contra ela enquanto aproximava seu pênis de seu quadril, mantendo o traseiro contra ele. Afundou o dedo dentro dela enquanto sua mão roçava seu clitóris.

Ele queria empurrar dentro dela, mas sabia que não podia, não ainda, não esta noite. Então ao invés, ele não tirou a mão do pau e apertou enquanto se esfregava nela. Seus quadris se sacudiram, como se instintivamente começasse seu próprio ritmo de aprovação. Sua umidade inundou a mão dele. Mordeu seu pescoço

suavemente, chupando e lambendo, beijando através de seu cabelo. Ah e estes seios, tão pertos, pedindo para serem tocados, mas longe de sua boca.

Um grunhido baixo ressoou na parte posterior de sua garganta.

—Toque seus seios.

Suas mãos não se moveram.

—Toque seus seios —Ele repetiu em sua orelha junto ao lóbulo. —Ambas as mãos.

Ela ergueu suas mãos e cobriu os seios com as palmas. Ele gemeu à vista de seus dedos delicados, imaginando como se sentiriam com ele. Foi por pura força de vontade e desejo que ele ficou em pé, enquanto a segurava.

Vlad gemeu. Virou-a para ficar de frente para a mesa, deixando ir seu sexo o suficiente para empurrá-la. Apoiou seus antebraços na madeira plana. Então, ficando atrás dela, pressionou seu pau contra o traseiro dela, deixando que o acariciasse enquanto se movia contra ela. Com uma mão livre lambeu o sabor de seus dedos antes tocar novamente seu sexo. Com a outra explorou seus seios apertando-os.

Era fácil imaginar que a estava tomando completamente. Com cada punhalada de seus quadris, seu clitóris se esfregava em seus dedos. Ele rolou um mamilo duro entre o polegar e o indicador.

—Doce deusa —Ele sussurrou. —Minha doce sedutora.

Seu corpo ficou tenso e se agitou suavemente. Ela estava perto. Podia sentir. A ponta de seu cristal chocou contra suas costas enquanto se inclinava sobre ela. Chamou sua própria atenção, recordando que esta mulher era sua, total e completamente sua.

Clara estremeceu novamente, desta vez mais forte. Ela soltou um som suave, tão suave que teria perdido se não estivesse tão concentrado em sua reação. Vlad não pode conter-se. Ele explodiu, perdendo-se contra o traseiro dela. A liberação cálida deslizou entre eles com facilidade por um tempo.

—Mm—Ele gemeu em aprovação. Não a soltou imediatamente. Ao invés, ele manteve sua mão em seu sexo e seu pau enterrado em seu traseiro. Lástima que não podia penetrá-la, mas não tinha nenhuma queixa. —Você é muito doce, noiva.



Doce?

A palavra ficou presa com ela, muito tempo depois de Vlad afastar seu corpo dela. Quando recuperaram seus sentidos, ficou contente por ele não poder ver seu rosto. Porque em sua vida, não podia se lembrar de como manter a compostura. A única coisa que lembravaera do bombardeio de sensações, o formigamento, a umidade, a fricção, o calor, a pulsação, a necessidade, o prazer, a confusão, o medo, o pânico, seu corpo em uma erupção molhada finalmente.

Clara esperava não ter envergonhado a si mesmo. Apenas seu

toque foi tão... inesperado. Não sabia de que outra maneira descrevê-lo. Ao princípio, ela pensou que significasse apenas uma forma de assegurar sua compatibilidade. E desde que claramente não era para determinar tais coisas, era lógico que iria fazer uma inspeção. Como seu marido, ele teria acesso completo a seu corpo.

O pensamentoa fez estremecer quando ela se fundiu mais baixo no calor da banheira. A água era clara até que lavou o azul de sua pele. Apoiando a cabeça contra a borda, fechou os olhos. Num instante percebeu o quanto era atraente entrar na água. Era muito mais relaxante que os lasers de descontaminação. A pressão da água envolvia-a como uma manta quente e úmida.

—Clara?— O som estava longe. —Clara!

Ela sacudiu quando sentiu as mãos tocando seus braços nus. Moveu-se na banheira, empurrando-se para cima com seus pés. Piscou forte e olhou para Vlad.

—Você não pode dormir aí —Ele disse. —Vamos, vou levá-la para a cama.

Seu cabelo seco grudou em suas costas quando ele a ergueu da banheira. Ela o levantou para fora para que não molhasse, mas alguns fios se soltaram. Seu pai insistiu que aprendessem a nadar quando criança e sabia por experiência que se ficasse com o cabelo molhado, levaria todo o dia para secar. Tinha um pente laser de viagem que cuidaria da limpeza e nós. Clara fechou os olhos e apoiou a cabeça em seu ombro. Cheirava ao mesmo sabonete que usou. Mas de alguma maneira ele cheirava diferente.

Clara fechou seus olhos, debruçando sua cabeça contra seu ombro. Ele cheirava o mesmo sabão que lhe deu para usar. Ainda de alguma maneira nele cheirava diferente, melhor.

Ela o ouviu sussurrar, sentiu a almofada suave quando ele a deitou. Não abriu seus olhos. Toda a preocupação e tensão até chegar à cerimônia a deixou cansada, agora que estava feito. Ela estava casada. A próxima geração poderia começar. Não havia nada mais que ela pudesse fazer.



Vlad queria entrar na cama ao lado de sua noiva, mas não queria correr o risco de acordá-la. O outro impulso era ficar sobre ela, olhando seu bonito corpo nu, mas decidiu que seria melhor deixá-la sozinha. Ela fez uma longa viagem para chegar a seu planeta e empurrou as coisas um pouco longe demais com seus atos.

Mas como poderia ter evitado? Ela era demais para resistir. Ela era seu destino, seu destino, sua esposa.

Mesmo assim, pensou que era melhor manter sua quase união em segredo, não que ele fosse dos que presumia tal coisa. Os anciões eram muito firmes sobre resistir à tentação. Bron inclusive disse que Elder Bochman faria um discurso antes da cerimônia sobre ser forte e valente frente a esta tentação. Vlad sorriu. Tecnicamente, ele não recebeu aquele discurso, então seu pequeno deslize poderia ser perdoado.

Sua noiva era a coisa mais magnífica que já viu. Clara não sorriu, mas podia facilmente perdoar isto. Seguramente ela estava cansada, e nervosa, e talvez assustada por estar em um novo planeta sem seus amigos e família. Pelo menos as noivas da naveviajaram juntas. Clara estava sozinha. Isso explicaria facilmente seu comportamento reservado. Uma vez que houvesse dormido mais e comesse, tudo ficaria bem.

Ele puxou as cobertas sobre seu corpo e fez uma pausa. Suas mãos marcaram a pele em seus seios. A cor era sutil, até o ponto que quase se perdia. Pelo tamanho, eram suas mãos. Não se lembrava de ter apertado forte. Um leve sorriso apareceu e o desejo de montá-la novamente apareceu. Vlada cobriu.

Ele viu seu futuro claramente. Primeiro, eles explorariam um ao outro e terminariam o que haviam começado entre eles. Logo iriam explorar o deserto, correr, caminhar pela natureza, onde poderia mostrar as coisas que ela apenas viu através de uma tela de visualização. Ela tinha um grande coração. A forma como se preocupava com a alimentação dos menos afortunados. Ele não pensou muito nos costumes de sua sociedade de obrigar as crianças órfãs a servir na casa de outro, mas não poderia culpá-la pelas leis de seu mundo natal. Depois do deserto, ele a levaria para a aldeia onde nasceu. Ali a vida era simples. Não havia castelos, nem empregados, nem títulos, apenas pessoas. Seu povo. Vlad amava seus irmãos. Assim como amou seus pais adotivos. Eram boas pessoas. Mas sempre haveria uma parte dele que sentia que não pertencia plenamente ao mundo dos nobres. Tinha uma alma selvagem, uma liberdade que queimava tão brilhante que tinha que

ser colocada em liberdade. Sim, cumpriu seu dever sem se queixar, mas ele não se sentia como se fosse um nobre. Lorde Vladan era um título. Ele nasceu Vlad. Ele era apenas um homem.

Vlad sorriu para sua noiva dormindo, enquanto saía do quarto improvisado para lhe dar tranquilidade. Esta noite foi abençoada pelos deuses.

Capítulo 5

Clara sabia que não estava em sua cama antes de abrir os olhos. Não era uma coisa exatamente, mas uma combinação de sensações estranhas que causou um fio de apreensão em seu corpo e instalando-se em seu estomago. O colchão era muito suave, o ar estava muito fresco e os sons que vinham de fora eram muito familiares. Normalmente, ela acordava com a sensação de suas empregadas a tocando. Começavam a trabalhar em seus pés antes que ela despertasse completamente na manhã. Havia se acostumado a dormir com toda a atenção das mãos.

Clara girou para o lado da tenda. Gritos distantes a obrigaram a sair da cama. Só quando seus pés bateram no chão que ela percebeu que dormiu nua. A realização trouxe a lembrança da noite anterior.

Você é muito doce, noiva.

Doce. Vlad a chamou seu doce.

Clara cheirou seu braço e passou a língua em sua carne. Não tinha um gosto doce. Isto tinha que significar uma palavra carinhosa. Não tinha certeza do que pensar sobre o que aconteceu durante a investigação. Talvez estivesse muito cansada da viagem, sobre-excitada com seu novo mundo, vencida por ter ficado sozinha entre os primitivos seminus. Não. Todas as coisas eram desculpas.

Ela era uma dama e que deixou de atuar como uma na noite anterior, enquanto deixava seu corpo se levar pela inspeção de seu marido.

Devido à tensão da circunstancia, poderia perdoar a si mesma por isto. Mas não, não poderia acontecer novamente. O ultimo que sua mãe lhe disse quando se foi era: *Lembre-se da mulher que deverá ser. Você representa todos de sua família com cada ação. Choro sua partida para me regozijar com a próxima geração.*

Clara levantou a mão e deixou flutuando no ar, fazendo como se sua mãe estivesse na frente dela. O ato familiar trouxe um pouco de consolo, falso como a comodidade era. Sussurrando na tenda disse: — Eu farei o que você deseja, mãe. Sempre como você deseja.

Um ano para ficar grávida. Isso era manejável. A noite obrigatória em uma tenda terminou. Agora que iria para sua nobre casa, estaria mais em seu elemento. Se a casa não estivesse em seu nível, chegaria a seu nível. Talvez pudesse deixá-la melhor do que a encontrou. De todos os modos, qualquer coisa era melhor que dormir em uma cama no chão de terra.

Um vestido foi deixado para ela próximo à cama. Ela não o pegou. Ao invés, passou o dorso da mão pelo material. A cor púrpura escura a lembrava de sua planta favorita, razorwires. Cresciam nos jardins oeste da propriedade de sua família fora das janelas e em profundidade, tinha pontas afiadas e espinhos. Mantinha os intrusos longe dos quartos das mulheres. Era muito bonita, mas mortal.

Girou sua atenção para o lado. O vestido com joias

incrustadas estava ali, o vestido de uma dama, o vestido de sua vida anterior.

Apesar da resolução, o próximo ano se estendia diante dela. Sua nave se foi. Estava presa neste estranho planeta. Havendo crescido em uma casa cheia de irmãos, a ideia de ficar sozinha de repente a aterrorizava. Esteve tão concentrada na cerimônia para encontrar um marido que ela não pensou muito no depois.

Seu novo marido tinha apenas três irmãos e quatro primos. Uma família tão pequena. Sua família. Não sua. Ela não tinha ninguém ali.

O medo fez com um arrepio percorresse seu corpo. Suas mãos tremiam e não podia controlá-las. Clara respirou fundo. Estava muito emocional. Tinha que se controlar.



Vlad esperou por sua noiva juntar-se a ele fora da tenda. Quando ele foi buscá-la ela insistiu que precisava de mais tempo para se arrumar. Porém, o Rei Llyr e Elder Bochmannão pareciam tão pacientes quanto ele. Eles queriam testemunhar o fim da cerimônia. Sua tia, a rainha, normalmente estaria em assistência nesta parte do evento, mas ela estava ocupada vigiando as preparações matutinas no acampamento abaixo, por isto o ancião estava de pé em seu lugar próximo ao rei.

—Tem notícias dos outros?—Vlad perguntou a seu tio. —Minha família encontrou esposas?

O rei sorriu e movimentou a cabeça.

—Sim, quase todos. Está sendo um ano abençoado.

—Quem?— Vlad perguntou, não precisando esclarecer a pergunta.

—Mirek não o fez, mas estou certo os deuses o abençoarão na próxima cerimônia. Nós devemos nos alegrar pelos outros—O rei disse.

Tristeza o encheu pela má sorte ininterrupta de seu irmão.

—É um bom ano—Bochman concordou. —Muitas bênçãos. Os deuses sorriem para nós— O ancião olhou para o céu e então para Vlad. —Talvez você deva buscá-la. Os outros casais gostariam seguramente de uma oportunidade de receber a bênção do rei.

Vlad olhou para seu tio e o rei movimentou a cabeça uma vez. Bochman era impaciente por natureza e um defensor da tradição. Entretanto ele não diria nada sobre Clara, Vlad sabia que o ancião pessoalmente não aprovava o tratamento especial dado para a estrangeira nobre.

Vlad obedeceu, entrandona tenda para recuperar sua noiva. Ele foi para a ponta, empurrou-a e abriu uma polegada e disse pelo buraco.

—Clara?

—Você pode entrar—Ela calmamente respondeu.

Vlada encontrou acomodada na extremidade da cama. Ela

usava o vestido enorme de seu povo. A saia com joias incrustadas eram amplas em seus quadris e davam apoio aos cotovelos. Apesar de não usar a peruca, seu cabelo estava preso na parte superior de sua cabeça para dar uma versão em miniatura da peruca. Seu rosto havia empalidecido um pouco com um brilho produzido por cosméticos e tinha os cílios e sobrancelhas pintados de púrpura. A cor tirava o brilho de seus olhos. Pintou os lábios e as bochechas com um tom falso de vermelho escuro.

—Eu deixei um vestido para você. Você não o viu?—Vlad gesticulou para onde o artigo de vestuário nitidamente estava dobrado e aparentemente intacto. Ele sabia que sua cultura era diferente, mas estava ávido para vê-la como uma dama de Qurilixen. O vestido que ele lhe deu combinava com sua túnica púrpura. A costureira, Arianwen, foi amiga de sua mãe e ainda vivia na aldeia onde ele nasceu.

—Não se apresentou diretamente a mim e sendo esta uma cerimônia adequada, pensei que o melhor seria me vestir como uma dama para o evento — Clara não se moveu, se não fosse pelo suave subir e descer de seu peito e o gesto sutil de sua boca ao falar, pensaria que estava tranquila.

Vlad olhou para o vestido. Era um dos melhores que seu povo poderia oferecer, o vestido de uma mulher nobre. Arianwen costurou-o à mão, cada ponto, e Clara agia como se fosse um trapo que não correspondia a seu nível.

Ele tentou ser compreensivo, tentou arrumar desculpas do porque poderia ser tão adversa, mas ao final, a verdade era que sua

rejeição o machucava. Enquanto a olhava, começou a questionar a decisão dos deuses. Como puderam tê-lo prendido a uma das mais refinadas, reservadas e frustrantes criatura do universo? Cada ação parecia praticada, cada gesto planejado. Ela era elegância e graça e ele queria desesperadamente algo selvagem e apaixonado. Queria que ela gritasse se sentisse vontade de gritar. Queria que ela sorrisse se estivesse feliz, risse se quisesse. Queria paixão e não perfeição.

—Você está pronta?— Ele perguntou. Pela forma como estava sentada na cama ele adivinhou que estava vestida há algum tempo. Vlad olhou seu rosto. Estava assustada? Excitada? Chateada? Ele não podia dizer. —Nós estávamos esperando por você.

—Eu estava esperando por minha convocação— Novamente, ela não se moveu para levantar.

—Eles estão esperando por você para quebrar o cristal— Vlad se moveu para poder ajudá-la a ficar em pé. No entanto, quando chegou a pegar em seu braço, ela ergueu um punho no ar com seu cotovelo curvado. Levou alguns gestos hesitantes, mas ele finalmente percebeu que ela queria que ele enganchasse seu braço com seu. Sua mão não o tocou quando ele a puxou para ficar de pé. Ele sentiu o peso do vestido quando ela se levantou completamente. Se adivinhasse, diria que pesava mais que uma antiga armadura de ferro que seu povo havia utilizado para a batalha nos séculos anteriores.

Clara engenhosamente colocou o braço de forma que seus dedos não se tocassem. A saia do vestido, por sua natureza muito grande, impedia que ele chegasse perto dela. Ela colocou seus

cotovelos nos lados da saia, se inclinou e apoiou no marco. Suas mãos ficaram penduradas adiante.

—Estou pronta.

Vlad queria perguntar sobre seu comportamento, mas se absteve. Os dois homens aguardaram fora e ele estava mais que ávido para terminar a cerimônia e fazê-la sua esposa. Ele foi à frente da tenda, parou apenas para segurar as pontas das tendas para que ela assim pudesse manobrar para sair. Quando apareceu, Bochman endureceu. O canto da boca do rei estremeceu levemente antes dele falar.

—Rei Llyr, Elder Bochman, apresento a Sra. Clara de Redding.

—Senhora Clara de Redding—Ela corrigiu em voz baixa

—Senhora Clara de Redding—Vlad repetiu. Ela movimentou a cabeça uma vez.

—Prossiga —O rei instruiu.

Vlad deslizou o cristal brilhante em seu pescoço e estendeu para Clara. Em vez de pegá-lo, ela deu passo para trás e ergueu seus braços de lado. Ela curvou sua cabeça, virando seus olhos brevemente para o chão indicando que ele deveria soltá-lo na terra. Ele hesitou antes de deixá-lo cair. Ele o usava por tanto tempo que seu pescoço parecia nu sem ele.

Ela quase não olhou para a pedra. Vlad suspirou em leve irritação. Por que ela estava agindo fria e distante? Ele pensou que seu tempo junta na tenda tivesse sido bom. Ele queria tocá-la, beijá-

la. Somente, a saia grande evitava que ele a esmagasse contra seu corpo. A armação dura parecia construída de metal para dar forma.

Mantendo suas mãos dos lados, ela avançou. O cristal desapareceu sob o material espesso. A saia balançou quando ela moveu sua perna. De repente, ela piscou e balançou levemente antes de equilibrar-se. Ela respirou fundo. Então, sem falar nada, afastou-se para revelar a pedra quebrada. Estava destrocada como uma porcelana fina.

O ancião disse, como era habitual: —Bem-vinda a família de Draig, Senhora Clara de Redding.

Ela movimentou a cabeça uma vez, não encontrando o olhar do homem.

—Bem-vinda, minha senhora —O rei disse. —Espero que aprecie sua nova casa.

Novamente, ela movimentou a cabeça sem olhar diretamente no rosto do rei.

—Minha família precisará ser informada sobre a conclusão da cerimônia. Eles devem saber que estou oficialmente casada.

—Enviarei um homem para a torre de comunicações para transmitir as notícias felizes para a nave de seu povo —Elder Bochman disse. O rei movimentou a cabeça de acordo.

Vlad sorriu para os homens e rapidamente agradeceu pelos cumprimentos fora do terreno da cerimônia. Quando os dois shiftersdragões desapareceram pela colina, ele se dirigiu a Clara.

—Bem-vinda a seu novo mundo, esposa. Que tenhamos muitos, muitos longos anos aqui. Juntos.

O alívio a percorreu. O casamento foi realizado. Agora sua vida verdadeiramente poderia começar.



Clara sentia vergonha de si mesma. Esteve tão decidida a atuar como uma dama e usar o vestido para sentir confiança que apenas se envergonhou durante a cerimônia para romper o cristal. Quando pisou na pedra sentiu como se um feitiço fosse tirado dela. Ficou quase enjoada, pensou que fosse cair. Não era estranho que o ancião a houvesse olhado com tanta dureza. Era um homem rígido com um rosto muito sério. O fato de que mostrou desgosto em sua expressão quando os demais estavam em branco, dizia muito. Foi incapaz de olhá-lo nos olhos. Era um milagre que Vlad ainda a quisesse depois de tal situação.

Então suas palavras a atingiram. Muitos, muitos longos anos...
juntos

Clara não tinha nenhuma intenção de passar muitos anos no planeta, apenas o suficiente para a honra de sua família.

Não confiava em si mesmo para falar sobre isto enquanto seu coração batia acelerado em seu peito como se fosse escapar. Era uma reação curiosa, uma que teria que observar em particular emanar sob controle.

Então, ao invés, ela disse:—A maioria de meus baús já deve estar a caminho de sua casa. Disseram-me que é um castelo. Os que estão dentro da tenda estão prontos para o transporte se desejar chamar os empregados. Eles terão que rodar os baús pelo material que coloquei no chão para cobri-lo. Espero que se mantenham limpos. Obviamente não poderei usar a partir de agora, mas tenho certeza que alguma familiar menos afortunada poderá usá-los.

Vlad curvou sua sobrancelha.

—Eu sei que você disse que não havia pobreza, mas tenho certeza que alguém poderá usar o material —Ela insistiu.

—Eu tenho alguém em mente —Ele respondeu.

—Assumo que deseja ir para sua casa imediatamente agora que a cerimônia acabou. A rainha não estendeu um convite ao palácio, o que é compreensível considerando que seus quatro filhos se casam hoje, então nós já terminamos aqui. A menos que tenha sido mal informada sobre os passos a seguir.

—Não, você está certa. Nós estamos casados—Vlad disse.

— Viajaremos por terra ou usaremos uma nave?— Ela perguntou.

— Viajaremos por umceffyl— Suas palavras foram lentas e constantes. Ela relaxou um pouco com seu tom firme.

—Ceffyl? Não estou familiarizada com este tipo de transporte, mas tenho certeza que um carro é adequado — Desde que sabia os nomes de muitas naves, assumiu queceffylfosse um tipo de

carruagem. Clara movimentou a cabeça uma vez. —Desde que não existe nenhum companheiro de escolta no momento para me atender, vou esperar na tenda enquanto se reúnem os empregados e chegue o ceffyl.

Vladolhou para seu vestido.

—Você deveria se preparar para a viagem.

—Estou preparada, obrigada. Como um pedaço de fruta como uma dama, de amanhã e me manterá até o meio dia. Não preciso de mais nada.

Ele fez um gesto para sua roupa.

—Você poderia querer trocar de roupa para ficar confortável. Iremos pelas montanhas.

—Estou confortável.

—Seu vestido não é prático para a jornada. É muito pesado para o ceffyl levar.

Nisto, ela olhou para baixo. Seus lábios se separaram, mas as palavras não saíram. Este peso era um conforto familiar, saber que levava uma pequena fortuna muito perto de seu corpo.

—O vestido que deixeipara você é mais apropriado para viajar. Os empregados assegurarão que seus pertences cheguem ao castelo onde ficarão a salvo. Você pode colocar este vestido com os outros que trouxe.

Clara não queria deixar o vestido fora de sua visão, mas não

tinha outra opção. Vlad não deu ela nenhuma razão para não confiar, ainda que se sentisse muito isolada e sozinha no planeta estrangeiro. Mas o que poderia fazer com uma ordem tão direta? Se o transporte pudesse suportar um peso extra, não iria protestar. Ela assentiu novamente.

— Eu farei o que deseja, marido.

Clara não encontrou seus olhos enquanto girava na direção da tenda para cumprir com seu dever. Se desobedecesse, poderia enviá-la de volta para sua família? Ela estava casada, mas não estava grávida. A ideia provocou um novo temor em sua mente. E se ele não conseguisse deixá-la grávida de imediato? Como todas suas irmãs, ela foi aos melhores médicos e sabia que era fértil. Precisava ficar grávida. Isto mostraria a sua família que tentou e seus pais então permitiriam que voltasse para casa. Já era muito ruim que ela não planejasse ter mais de dez filhos, mas não ter nenhum sem explicação médica?

—Minha senhora?—Vlad perguntou a ela.

Clara percebeu que estava parada fora da tenda e rapidamente empurrou a entrada de lado com a parte de trás de seu pulso. Seu novo marido não a seguiu.

Capítulo 6

—Eu devo recusar.

Vladfranziu o cenho diante das palavras de Clara. Sua esposa trocou o vestido pelo que ele lhe deu. Por um longo momento, ele ficou sem falar enquanto gesticulava para um rapaz que puxava um ceffyl com uma corda longa. Ela parecia uma verdadeira mulher Draig da nobreza... quase. O vestido era muito mais atraente para ele que a armação de aço de seu vestido anterior. Porém, ela deixou a parte de cima solta e os cordões transversais sem amarrar. Isto fazia com que o vestido ficasse solto em seu corpo. Apenas quando a brisa tocava no material de cor púrpura era que suas curvas apareciam. Seu cabelo ainda estava preso ao redor de sua cabeça em forma de cone e seu rosto estava pintado. Nenhuma das tranças estava fora de lugar, não havia mechas soltas ao vento ao redor sua pele falsamente pálida. As mulheres Draig normalmente deixavam seus cabelos soltos, como ela deixou na noite anterior. A lembrança fez seu ventre se apertar.

—Eu não me sentarei naquela criatura— Clara olhou fixamente para o grande ceffyl sendo apresentado a ela. Uma corda estava amarrada ao chifre no centro de sua cabeça. A pele estava esticada sobre suas costas. Uma manta estava sobre o animal, algo que a fera parecia não apreciar. A criatura balançou a cabeça e o gesto sacudiu todo seu corpo. O rapaz do estábulo puxou para baixo

a corda. Embora quase não fosse necessário, já que animal era manso, Vlad pensou que a restrição poderia aliviar o que ele imaginava que fosse o temor da dama.

—Ele se acalmará em um momento—Vladassegurou. Como se para protestar contra seu ponto, o ceffylcolocou a língua magra e longa para fora e fez um estranho barulho. —Ele não machucará você.

Clara respirou fundo.

—Claro que ele não me machucará.

Vladobservou, confuso quando esposa entrou na frente da fera com espasmo. Se o animal chutasse para frente a quebraria em duas. Ele iria pará-la, mas parecia tão confiante com o que estava fazendo.

Clara ergueu sua mão e segurou a cara do ceffyl dentro de seus pulsos. Com um lance da cabeça, a criatura poderia ter lançado para frente seu chifre. Esperou a fera puxar as cordas. Os olhos do reptil piscaram e Vlad se acalmou.

Tranquila e com muita concentração, ela disse: —Ele não gosta do cobertor— Ela aproximou-se. —A corda é desnecessária.

—Clara, o que você está fazendo?— Vlad perguntou, sua voz suave. Ele não queria assustar o ceffyl com sua noiva muito perto do animal.

—Pedindo permissão —A cor púrpura de seus olhos aprofundaram-se, enquanto olhava para sua mão. Foi uma

mudança sutil, mas uma que seus olhos shifter captavam facilmente. Se não se equivocava, um anel verde escuro os envolvia. Ela girou seus olhos para o menino que segurava o animal. —Ele nos levará em troca de uma planta que tem pétalas brancas radiando fora de um centro azul claro, e que parece ter um tronco marrom.

—Uma flor solar?— O menino perguntou, inseguro quando olhou para Vlad.

—Ah, então existe tal coisa. Maravilha. Traga esta planta e então nós poderemos ir— Clara soltou seu pulso e afastou-se da fera. —E, por favor, remova a corda e cobertor. Ele não tem nenhuma intenção de nos deixar. Ele apenas quer uma flor solar.

O menino começou a fazer o que a senhora pediu e puxou o cobertor do animal.

—Ele disse a você que queria uma flor solar?—Vlad perguntou com uma combinação de incredulidade e surpresa.

Clara levantou suas sobrancelhas. Era um movimento leve, um que teria sido fácil não perceber.

—Se a planta é chamada assim, é.

—Como não tem medo? Pensei que não saía ao ar livre?—Vlad colocou sua mão no animal e bateu levemente. Ele olhou para o menino que os estava olhando. Ao encontrar seu olhar, o rapaz depressa se virou.

Clara olhou para a montanha.

—Vou manejar ficar ao ar livre. A natureza não me assusta. Eu tive meus dias de sol. Serão bons para os próximos dois anos.

—Eu quis dizer o ceffyl—Ele esclareceu. Vlad sabia que deveria deixar de falar na frente do garoto, mas na realidade nunca teve o decoro natural que seus irmãos adotivos tinham, Cresceram desconfiando dos ouvidos dos empregados. Em sua infância, todos escutavam tudo e não lhe importava, era ruidoso e caótico e sentia falta disto terrivelmente.

—Nós temos animais e plantas dentro da minha casa, o aquário, jardins, pátios, quintais — Ela girou para o garoto.—Por favor, vá buscar a flor.

— Lorde Alek não quer que osceffylscomam flor solar —O rapaz disse quando puxou a corda do chifre do animal. —Os deixam doentes e ficam sem comer nada vários dias e nós temos que mantê-los longe destas flores — Então se sentindo culpado ele olhou para Vlad. —Eu acho que um dos animais saiu e comeu algumas flores da rainha. Eu não posso ir pegar outra, senão serei culpado por todas.

Vlad movimentou a cabeça em compreensão.

—Sim. Melhor não pegar as flores e chamar a atenção da rainha. Em maio elas crescerão e ela nem vai notar.

O rapaz suspirou de alívio.

—Então devemos caminhar. Estas foram as condições do ceffyl— Clara movimentou a cabeça para o animal como se ele pudesse entender o gesto e se dirigiu ao interior da tenda.

O rapaz olhou confuso para Vlad. Vlad o disse para ele ir.

—Leve-o para os estábulos. Eu irei buscar outro logo.

Não teve que esperar para ver se o rapaz obedeceu antes de seguir sua noiva dentro da tenda. As paredes brancas finas deixavam passar a luz do dia. Cruzando a sala improvisada, encontrou-a sentada na beirada da cama, como antes, esperando em silêncio.

—O que aconteceu?—Foi tudo que conseguiu perguntar para ela.

—O que você quer dizer?

—O animal. Se você não queriamontá-lo precisava apenas dizer — Ele cruzou seus braços no peito.

—Soa como se pensasseque... — Ela fez uma pausa. Seu peito se levantou lentamente algumas vezes, como se ela tentasse controlar sua respiração. —Está dizendo que estou mentindo? Pergunte ao ceffyl você mesmo se não acredita em mim. Não vejo qual o problema. Suas condições eram simples.

—A criatura falou com você?—Vlad não tinha a intenção de que sua pergunta soasse tão duvidosa, mas esteve ao redor de animais toda sua vida. Nunca ouviu falar de alguém que realmente pudesse se comunicar com eles, ao menos não desta forma. Se alguém podia ler um animal era seu irmão Alek e mesmo assim o homem estava treinado o suficiente para ver os sinais e ler seus gestos. Alek não podia dizer o que as feras estavam pensando realmente.

—Nos comunicamos, sim— Clara ficou muito quieta, apesar das pequenas expressões sobre sua calma. Perguntou-se o quanto levaria para manter suas emoções sob controle. Não podia fazê-lo, nem sequer tentar provar. E continuou:—Mostrei a ele que queríamos ir pelas montanhas. Ele me mostrou que queria flor solar e sem restrições. Chegamos a um acordo.

Vladdiminuiu a distância entre eles. Ela ficou rígida quando ele tocou sua mão, mas não o impediu de levantar os dedos para cima e para trás. Olhou sua palma e o interior do punho. Veias azuis diminutas estavam sob sua pele. Passou o dedo sobre a ponta do polegar e a sentiu tremer. Embora seu rosto estivesse impassível, seu pulso estava acelerado.

—Estou feliz por ouvir que o deserto não a assusta. Admito que suas palavras na noite anterior preocuparam-me, quando disse que não saía à noite com frequência — Ele perguntou-se se ela o ouvia. Seus olhos estavam grudados em sua mão. —Perdoe-me pela suposição. Errei ao questionar a vontade dos deuses.



Clara podia apenas respirar. Cada golpe do dedo de Vlad contra sua palma e pulso enviavam estranhas sensações por seu braço. Chegava em ondas constantes, enrolando-se junto ao seu corpo e estabelecendo-se em seu estômago. Havia intimidade naquele gesto simples, na textura de pele contra pele.

—Você é tão séria—Ele disse.

Clara tentou agradecer para o elogio, mas não conseguiu com o doce prazer em sua palma. Uma voz em seu cérebro a advertiu sobre manter aquela postura. Estava no meio da manhã. Não era hora de intimidades.

—Suas mãos são tão suaves, como se você nunca tocassenada.

—Eu sou uma mulher —Ela logicamente respondeu. Em seu mundo imediatamente seria entendido. Não podia sair por aí lendo a maioria de pensamentos íntimos das pessoas. Se eles quisessem que ela soubesse algo, diriam.

—Sim—Ele meditou. — Você é muito uma mulher.

Vlad puxou sua mão para o centro de seu peito e segurou sobre seu coração. O ritmo acompanhou a carícia de seus dedos. Com sua mão livre, ele puxou seu cabelo, soltando os ganchos ardilosamente colocados que ela escondeu para segurá-lo no lugar. Lentamente, tranças caíram ao redor de seu ombro. A voz interior de advertências ficou cada vez mais fraca, até que não pode mais ouvi-la. Seus olhos se estreitaram até que o único que podia ver era sua mão contra o peito quente. O ritmo constante, pum-pum-pum de seu coração fez com que seus olhos se fechassem com concentração.

Um dedo roçou seu lábio de parte inferior. Ela respirou fundo e segurou o fôlego. Sua mão descansava sobre seu peito e ele se inclinou em direção a ela. Deslizou os dedos pelo couro cabeludo, segurando sua cabeça. O toque em sua boca desapareceu só para ser substituído pelo calor de sua respiração sobre sua bochecha.

Com um suspiro, ela abriu os olhos. Começou a falar, mas ele apertou os lábios aos dela, cortando qualquer coisa que ela pudesse dizer. Seu beijo era gentil, suave e seco. Ele lentamente desenhava sua boca sem separar os lábios enquanto passava para sua orelha.

—Eu gostaria de inspecionar minha noiva novamente—Ele sussurrou. Fechou seus lábios em sua orelha, passando a carícia de seca para úmida.

Clara apertou suas pernas firmemente e nervosa engoliu saliva. Um pulsar começou junto a seu sexo no mesmo ritmo que seu coração. Era um minúsculo tremor de uma sensação, mas estava lá. Os mesmos prazeres que a fizeram perder sua compostura refinada na noite anterior, voltaram para confundi-la.

Quando aventurou seus lábios novamente para a boca, colocou pequenos beijos em sua bochecha. Por um momento a boca novamente encontrou a dela, seus lábios estavam abertos e ela respirou ofegante. Seus olhos permaneciam fechados e ela o olhava fixamente. Sua língua úmida deslizou entre seus lábios. As vibrações táteis eram tão fortes que Clara soltou um pequeno som, espontâneo de prazer. Vlad respondeu com um gemido próprio.

Clara se afastou ao ouvir o som. Ele piscou, seu olhar indo direto para ela. Ela percebeu que se agarrou a sua camisa. Ele segurava sua cabeça nas mãos.

—Nós deveríamos...

Seu marido interrompeu suas palavras com outro beijo e gemeu mais forte.

Clara não podia pensar. Ele apertou suas mãos nas costas, erguendo-a da cama enquanto trabalhava em seu vestido. Não tinha certeza de como, mas em questão de segundos suas coxas estavam expostas. Vlad se afastou, artilhosamente levando seu vestido com ele. Seus braços foram forçados para cima enquanto ele a despia. O ar fresco tocou sua pele, enrugando seus mamilos. A roupa interior cobria seu sexo. O material suave foi projetado para proteger sua pele da armação de metal de sua combinação grande. Filas de ganchos pequenos corriam por cada quadril onde a armação normalmente era firmada.

O olhar de Vlad viajou por ela. Um sorriso estranho tocou seus lábios enquanto ele olhava para suas botas altas. O vestido de Draig não exigia o suporte extra, mas ela as usava pelo conforto familiar contra sua pele.

Seus olhos ficaram no calçado. Rapidamente ele tirou a túnica pela cabeça enquanto usava seus pés para tirar as botas ao mesmo tempo. Ele jogou a camisa na cama.

Clara tentou se concentrar, sabia que precisava dizer algo adequado e bom. Ao invés, se encontrou olhando fixamente para seu peito nu. Músculos ondulavam sob sua pele. Antes ela tentou afastar os olhos dele, pois o casamento não foi completado. Agora ela era sua esposa. Era esperado que realizasse seus deveres de esposa.

—É dia—Ela disse fraca, quase incoerente quanto a seus próprios protestos.

—Normalmente aqui é assim—Ele respondeu com uma pequena risada expressiva.

—Eu não pensei sobre isto— Clara respirou fundo. Os atos matrimoniais aconteciam normalmente à noite, mas se não existia nenhuma noite...

A lógica que tentava entender foi uma vez mais interrompida. Ele se inclinou para frente e ela não teve mais opção a não ser ficar na cama com ele enquanto ele se apoderava dela.

—Você é muito bonita, esposa—Ele sussurrou.

Ela hesitou antes tocá-lo. O calor de sua pele fez seus nervos saltarem de excitação. Hipnotizada, deixou suas palmas correrem sobre os músculos do peito. Um formigamento começou entre suas coxas.

Vlad manteve seu peso nas mãos enquanto se movia para beijar seu pescoço. Suas mãos ficaram presas contra ele e ela não pode se afastar. Um de seus mamilos ficou ao lado de seus dedos.

Ele empurrou seus joelhos entre as pernas com botas, abrindo-as. Ela não resistiu. A onda de sensações era demais para ela processar. Cada toque de pele se convertia em prazervívido e incerteza. O vestido deslizou por sua cintura expondo seus quadris.

Sua mente não podia dar sentido ao que sentia. Ele tocou seu rosto, seu pescoço, seus lados e seios. Cada toque de seu corpo enviava onda após onda de sensações sobre ela. Sua calça sumiu e sentiu a pele dele sem saber como aconteceu. Ela enrolou os dedos do pé contra a parte inferior das botas, desejando que desaparecessem como sua roupa. Elas permaneceram firmemente presas em suas pernas.

Às vezes, como agora, quando olhava para ele via um flash dourado em seus olhos. Ela perguntou-se sobre a anormalidade genética de tal mudança. Os olhos de seu povo mudavam de cor assim, mas normalmente era uma coisa das mulheres e nunca tão forte. Talvez fosse assim como seus poderes se revelassem, fazendo-o adesejá-lo, fazendo seu corpo queimar com desejo e necessidade, fazendo sua mente perder toda a lógica. Então que a ajudassem, ela não se importava. Poder ou não, real ou não, sentia-se incrível e não queria que acabasse.

Seus quadris mantiveram suas pernas abertas enquanto se movia sobre ela. A parte dura dele deslizou sobre seu sexo. Ela ficou tensa com o contato íntimo, consciente do que aconteceria e estava pronta para isto. Correção. Ela pensou que estivesse pronta. A excitação de Vlad pressionou dentro dela. Seu corpo inteiro ficou tenso e se agitou. Prazer irradiava ao longo de seu comprimento. Então ele se moveu e a satisfação se tornou mais intensa. Concentrou-se entre suas coxas. Seu peito se apertou em suas mãos.

Clara não queria que acabasse. Queria explorar seus sentimentos por completo. Mas terminou antes que tivesse a chance de processar tudo.

Seu corpo inteiro ficou tenso, cada músculo se apertou. Ela agitou violentamente. Vlad fez um barulho atrás de sua garganta quando endureceu sobre ela. Ela piscou forte, seus olhos obscureceram em flashes de luz e cor. Tão rápido quanto veio, a tensão a deixou. Seus membros pareciam fracos com as sequelas do prazer intenso. Quando sua mente começou a clarear, Vlad deitou-

se com ela na cama.

Sua mão descansava em sua coxa, perto do topo de sua bota e ele brincava com os cordões.

—Eu acho suas botas fascinantes.

Clara não era capaz de recuperar o fôlego. Não estava certa de como responder. Sua mente corria para recordar o que disse, como agiu, se gritou tão forte para que alguém próximo a tenda ouvisse.

—Nós perdemos tempo—Ela disse fraca. —Se vamos caminhar, nós deveríamos ir.

—Não há pressa— O tom do Vlad era sugestivo.

Clara sentou-se, insegura do que fazer em um momento muito íntimo. A onda louca de prazer diminuiu, entretanto seus ossos sentiam-se como se fossem líquidos e um relaxamento estranho percorreu seus músculos, não tinha tempo para monitorar a si mesma e seu comportamento. Havia apenas uma conclusão. Ela não agiu como uma dama.

—Nós não podemos ficar nesta tenda. Não é habitável— Clara colocou as botas no chão e agarrou o vestido de Qurilixian. —A noite tradicional terminou. Agora é hora de atuarmos como o Lorde e a Lady que somos.

—Eu terei que ir aos estábulos para buscar outro ceffyl—Vlad moveu atrás dela, mas não olhou para ele.

Clara assentiu e começou o processo longo de puxar seu cabelo para trás em lugar de em cima de sua cabeça. De repente,

Vlad ficou na frente dela. Ele vestiu sua calça, mas seu peito estava nu. Ao tocar seu cotovelo, ele afastou sua mão de seu cabelo.

—Deixe-o solto — Ele tocou sua bochecha, roçando o polegar em sua pele. —E este pó branco não é necessário. Você tem um rosto adorável. Não precisa escondê-lo.

Seus olhos se moveram para o seu peito, havia duas impressões muito pronunciadas vermelhas de suas mãos. Ela ofegou e apertou os punhos.

—Desculpe. Eu...

Vladolhou para baixo e riu entre dentes enquanto arranhava distraidamente as marcas de suas mãos em seu mamilo.

—Eu não tenho nenhuma queixa, esposa. Seja o que for que fez, foi muito agradável.

Clara não teve nenhuma ideia do que ela fez, mas aquelas eram as marcas de suas mãos sobre ele, como se houvesse queimado seu peito.

—Você deve ir buscar o novo ceffyl— Ela habilmente passou a seu redor e foi em direção à abertura da tenda. Seu cabelo parecia estranho contra suas costas e balançava pela brisa. Ela não deveria sair sem seu companheiro, mas não queria ficar sozinha com ele, não quando ele olhava para ela com aqueles olhos expressivos.

Capítulo 7

—Alek não vai ficar feliz quando descobrir que nós demos flor solar ao ceffyl—Vlad tentou mais uma vez conversar com sua noiva. Eles viajavam por horas. Ele não se importava com o silêncio, mas também gostava de ouvir sua voz.

—Suas condições eram claras — Clara declarou. Ela se sentou na parte de trás da fera, suas pernas de lado, seus tornozelos cruzados. Apesar dos movimentos pesados, ela conseguiu ficar na vertical em cima da criatura. —Ele queria muito uma flor solar como pagamento. Quem somos nós para dizer o que esta criatura pode ou não pode comer?

—Neste passo nós devemos chegar à aldeia em algumas horas—Vlad caminhou rapidamente a lado dela pela estrada vermelha, ele gostava do ritmo mais rápido de exercício. O ar fresco, as montanhas circundantes, a facilidade da natureza, o enchiam com esperança e expectativa do futuro. Os cumes das montanhasse estendiam acima, formando uma visão surrealista com topos dentados perfurando o céu verde. Do ponto de sua visão no caminho, podia ver bem à distância. Havia tanto espaço, tantas milhas maravilhosas de natureza e liberdade. Cavalgavam no alto da montanha, a terra vermelha ficava cinza.

—Aldeia?— Clara perguntou. —É assim que você chama a cidade que cerca seu castelo?

Vlad riu. Ele não podia deixar de sorrir.

—Não, é o lugar onde eu nasci. Eu quero que você conheça os amigos de meus pais.

—Então nós ficaremos em seu palácio?

—Sua casa—Ele corrigiu. A luz iluminava os caminhos da montanha infinita. Diferente da floresta no acampamento da cerimônia, as árvores ali eram fracas com topos espessos, cobertas de salgueiros. —Ou a floresta.

—Um palácio na floresta?— Ela insistiu.

Ele parou de caminhar.

—Nem todos os refúgios são chamados de palácio.

—Eu sei o que é um palácio — Seu ceffylcontinuou movendo-se, explorando as árvores ao longo do caminho desgastado. As trilhas serpenteavam em várias direções, com curvas a distância. — Eu falo o idioma estelar fluentemente.

—Nem todas as nossas casas são palácios.

—Solares então? Propriedades?— Ela movimentou a cabeça. —Um solar bastará. Em qualquer lugar, sempre e quando se trate de uma residência nobre será satisfatório. Assumo que meus pertences serão levados para nosso novo local, já que não tenho suficiente vestidos comigo para me apresentar corretamente.

O sorriso de Vlad hesitou um pouco. Sua esposa era uma contradição. Enquanto noiva, escolhida pelos deuses, ela deveria ser

seu par perfeito. Seu par perfeito não seria adversa acampar na floresta ou ficar entre os cidadãos. Porém, quando Clara falava parecia quase elitista. Ele novamente sentiu vontade de arrumar desculpas para ela, mas estava ficando cada vez mais difícil.

—As pessoas que iremos encontrar são boas pessoas —Ele disse, pensando na costureira, Arianwen, e seu marido, Tomos. Tiveram três filhos, todos mineiros como seu pai. Tomos trabalhounas minas com os pais de Vlad. Foi parte da equipe de salvamento que encontrou seus corpos. De muitas formas, Vlad desejou que Tomos o adotasse, mas ao invés disso, Lorde Rolant e LadySidone o levaram. Como poderia recusar a oportunidade aos mineiros? Com sua condição adotiva chegou ao cargo de Alto Oficial das Minas.

Clara não respondeu.

Quase desesperadamente, ele queria manter uma conversa com ela. Queria se conectar além daluxúria física que sentia, inclusive agora. Tinha que haver algo sob sua calma de dama e o aspecto escultural. Ele viu algo de sua personalidade tentando emergir.

Nervosa? Talvez estivesse nervosa e por isso atuava assim.

—O que são protetores solares?— Ele perguntou.

—Protetores solares?— Seu rosto se transformou em um olhar de surpresa. Levou um tempo de observação, mas se prestasse a atenção poderia ver mudanças sutis. —Eles são o que impedem minha pele de mudar pela luz solar. Você não os usa?

—Não há necessidade. O sol não afetanegativamente minha pele— Ele se encontrou olhando para seu pescoço, a pele cremosa ali. Ela tinha uma pele encantadoramente sedutora. Seus dedos se curvaram lembrando-se da delicada sensação dela contra ele. A forte elevação de sua excitação seguiu adiante e se alegrou por a túnica ser larga e esconder sua reação. Embora...

Vladolhou para a floresta. Eles estavam sozinhos e era um dia magnífico. Nada, nem ninguém, estavam por perto ou os teria ouvido.

—Há algo na floresta?— Clara perguntou, seguindo seus olhos.

Vladlimpou a garganta.

—Não. Eu somente estava, ah, não.

Ela relaxou.

—Sua pele é muito bonita —Ele disse, novamente olhando para seu pescoço. Ele gostou beijá-la ali próximo a seu pulso. Acelerou sob seus lábios, o que demonstrava o prazer que sentia quando a tocava.

—Obrigada. Minhas empregadas aplicam uma nata especial toda manhã antes de me despertar, o que me lembraque exigirei pelo menos três empregados, duas empregadas e um alguém para quando saia de casa.

Vladlevantou uma sobrancelha antes que pudesse evitar.

—Ou dois —Ela depressa corrigiu ao ver sua expressão. — Se três são muitos. Uma empregada pode sair de casa comigo se

precisar.

Ele não respondeu, inseguro sobre o que dizer. Não se sentia bem solicitando empregados. Aqueles que serviam escolheram este caminho. Ninguém pediu que fizessem isto.

—Ou uma?— Clara pareceu preocupada com o pensamento de apenas uma. —Eu cuidarei de seu salário, claro. Há pouca vergonha em uma casa nobre, sem meios. Acontece. É a linha de sangue que importa.

Vlad mudou de ideia. Ele não queria ouvir mais. Ergueu sua mão para o chifre do ceffyl e golpeou algumas vezes. A fera se moveu mais rápido, cortando a conversa e Vlad começou a correr ao lado dele.



Apesar do que disse, Clara estava muito contente de não ter que subir as montanhas. A viagem foi mais longa do que previsto. Por alguma razão, ela pensou que Vlad viveria mais perto do palácio.

Descobrir que seu nobre marido tinha pouco dinheiro era desanimador. Isto apenas provava o quanto esperta sua mãe foi quando escondeu joias e créditos no vestido de sua filha. Com certeza poderia dispor de um empregado com este dinheiro. Os cidadãos agradeceriam o trabalho em uma nobre casa.

Vlad correu por milhas, mas não parecia perturbado pelo exercício. Levou quase toda concentração da Clara e equilíbrio

para permanecer no ceffyl. O ritmo de Vlad desacelerou e o animal sob ela instantaneamente se ajustou. Vlad respirou profundamente varias vezes enquanto olhava ao redor da floresta. A trilha se estreitou quando se aventuraram entre as árvores. Extremidades esbeltas balançavam para cima, criando um dossel de sombras. Luzes minúsculas dançavam no chão da floresta cheio de plantas minúsculas. Pássaros azuis brilhantes estavam nos galhos das árvores, atacando algo que não podia ver no chão. Cada vez que se aproximavam um pouco dela, balançavam e ela ficou surpresa com o movimento rápido. De repente, uma risada soou por trás das árvores interrompendo o pássaro azul.

—O que foi isto?— Clara sussurrou. —Eu ouvi algo.

—Agora?—Vlad olhou para ela com surpresa. —Os meninos da aldeia estão perto de nós por cerca de três milhas.

—O que eles querem?

—Eles são crianças —Vlad fez um gesto desdenhoso.

—E...?—Ela iniciou.

—Meninos ficam pela floresta —Ele disse. —Você tem vários irmãos. Tenho certeza que sabe como os meninos brincam.

—Não. Ficamos separados nesta época— Clara estremeceu quando ouviu outra risada. Desta vez mais alta.

—Estão melhorando, mas não bom o suficiente—Vlad gritou. —Agora saiam e cumprimentem minha esposa, pequenos dragões.

Um grupo de meninos imediatamente estava sobre eles como

uma chuva selvagem, gritando como macacos. Vários caíram das árvores à frente dela no caminho. Outros saltaram perto. Um rodou por trás de uma pedra. Seus olhos brilharam como viu Vlad fazer, com sombras variadas de ouro em suas profundidades. Cada um brandiu uma arma diferente...varas, pedras amarradas a cordas, e um gritou um grito da guerra bem alto. Clara ofegou de susto. O som agudo surpreendeu o ceffyl cujo movimento inconstante a fez perder o equilíbrio. Desde que uma dama usava o menos possível suas mãos, Clara não esperou. Deslizou fora do ceffyle em pânico caiu ruidosamente no chão úmido.

Imediatamente, todo o som parou, mas o ceffyl continuou batendo as patas no chão da floresta. Alguns dos meninos começaram a rir, só para pensar melhor quando Clara não teve nenhuma dificuldade de enfrentá-los. Ela lentamente levantou-se do chão com os cotovelos. Um por um, os meninos perderam suas posições de combate.

Vlad se agachou para ajudá-la.

—Clara, você se machucou?—Imediatamente enganchando seu braço como ela, mostrou-lhe na tenda de casamento e a ajudou a ficar em pé.

Sua resposta foi um barulho fraco quando a dor irradiou até seus dedos do pé. As botas duras mantiveram suas pernas retas e bateu seu quadril na queda. Ela sentiu lágrimas queimando em seus olhos, mas as afastou. Seu lábio tremeu levemente, mas conseguiu dizer.

—Estou bem.

Os meninos soltaram suas armas no chão e ficaram congelados, com os olhos assustados quando olharam para Vlad.

—Nós não queríamos... —Um menino tentou dizer.

—Nós pensamos... —Outro acrescentou antes de apontar para o rosto de Clara. —Ela está usando pintura de guerra.

—Você sempre brinca conosco na floresta— O menino mais alto cruzou seus braços, quase defensivamente. —E ela é sua esposa.

O modo como a criança disse fez parecer como se isso fosse razão suficiente para suas ações. Ela esperou que seu marido os castigasse, preparou-se para intervir e perdoar porque eram apenas crianças e ela odiaria que fossem condenados a morte por atacar uma dama.

—Eu sei—Vlad disse para eles ao invés.

Clara olhou para ele atordoada. Sua boca aberta, o perdão já em seus lábios. Ela afastou-se, não falando nada.

—Não queriam machucar, mas deixem que isto seja uma lição para ter mais cuidado no futuro com as novas damas em nosso planeta—Vlad fez um gesto com a mão. —Corram para a aldeia. Tenho certeza que suas mães estão procurando vocês, para que comam.

Os meninos obedeceram. Alguns levantaram suas armas com eles e começaram um novo jogo de perseguir um ao outro caminho abaixo.

—Desculpe sobre isto— Vlad disse. —Eu não tinha ideia de que confundiriam sua... —Ele olhou para rosto de Clara e deu uma risada pequena —... seu rosto com uma pintura de guerra.

Ela mal ouviu suas palavras. Seu quadril pulsava, enviando ondas de dor por sua perna e atrás. Tentando parecer equilibrada, se colocou todo seu peso em apenas um pé e diminuiu a pressão em seu quadril ferido.

—Nós estamos quase lá. Uma vez que chegarmos levarei você para que tome um banho. Você pode montar?

Clara movimentou a cabeça uma vez e fraca disse.

—Como você desejar.

Clara olhou fixamente para o chifre do ceffyl, tentando se concentrar em morder a ponta língua cada vez que sentia uma pontada de dor em seu corpo. Vlad não falou enquanto seguia em frente. Ainda escutando, preocupada com os jovens meninos atacando novamente, não ouviu nada além dos pássaros azuis nas árvores.

Os primeiros sinais de civilização vieram na forma de uma pequena casa fixa nas árvores. Foi construída com rochas empilhadas entre si e recortadas com tabuas de madeira. Inclusive as fileiras de plantas cresciam em um muito estranho e quadrado jardim. Um de seus pequenos atacantes sorriu de onde estava sentando, sem parar sua inútil tarefa de bater em um grande poste com golpes constantes. Clara movimentou a cabeça uma vez em sua atenção, insegura do porque ele estava olhando diretamente para ela

assim. A estranheza do encontro tirou sua atenção da dor por um momento.

—Como é chamado onde estamos indo?— Ela perguntou.

—Aldeia da Mineração—Vladolhou para trás antes de girar sua atenção adiante mais uma vez.

A lama em seu vestido começou a secar e desintegrar, entretanto o material ainda parecia molhado contra seu quadril e traseiro.

—Este é seu nome?— Clara tentou mover o peso, mas não o fez muito bem. Não importava como se ajustasse, estava desconfortável.

Vlad riu.

—Não muito criativo, eu sei. Costumava ser chamado Acampamento Mineiro, entretanto os mineiros descobriram uma veia rica de minério e suas famílias construíram casas para povoar a área e se tornou a Aldeia da Mineração. Aparentemente, suas esposas não queriam criar seus filhos em tendas.

—Com razão — Clara concordou. —Você não é primitivo.

Ele soltou uma pequena risada e disse:— Obrigado por notar.

Mais casas muito parecidas a primeira apareceram em outras árvores. A floresta se abriu para um vale longo na terra. A aldeia se encontrava em um vale retangular, se abrindo em direção a um precipício cercado por uma montanha com árvores laterais e densas no outro. O som da água, lânguido e constante, vinha do precipício.

Vladabriu caminho para baixo no pequeno povoado pelo centro da rua principal pavimentada com pedras. A aldeia era impecavelmente limpa, construída com uma perfeição calculada de ângulos. Ao longo de cada lado da estrada havia quatro edifícios centrais, e logo outros quatro, e logo outros e assim sucessivamente, cada grupo separado por uma rua lateral que cortava através de um ângulo de noventa graus. O padrão de quatro da estrutura continuava ao longo das ruas laterais, facilmente visíveis em altura por cima da aldeia. As casas eram de pedra e madeira e, pelo que podia discernir, a menos que estivessem fora da aldeia, parecia que inclusive os mais pobres de Draig estavam bem cuidados.

Enquanto cavalgavam mais perto e chegavam à rua principal, já não podia ver todo o povoado. Vinha gente de todos os lugares, de casa, do trabalho, para ver os recém-chegados. Clara ficou rígida e sentou-se ereta o quanto pode, apesar das dores em seu corpo e sua precária posição de equilíbrio no animal. Obrigou sua fisionomia a ficar neutra enquanto olhava para frente. Seus olhos seguiam vagando de lado enquanto olhava as pessoas e as coisas que a rodeavam. Se soubesse que teria uma procissão pela aldeia, teria insistido em ficar bem vestida.

Vlad estava muito mais relaxado enquanto saudava o povo. Varias pessoas o chamavam por seu nome, não pelo título. Tal falta de respeito teria sido severamente castigada em seu planeta natal. Inclusive tinha que chamar seu pai de ‘Grande Lorde’, quando em público.

Notou que havia alguns garotos da floresta. Eles estavam em pé com seus pais, falando animadamente e apontando em sua

direção. Alguns acenaram como já estivessem bem familiarizados com ela. Ela movimentou a cabeça para eles, insegura de como responder. As expressões abertamente curiosas da multidão combinadas com os sorrisos e saudações para seu marido deixou Clara desconfortável, não porque eram ruins, mas porque não tinha nenhuma ideia de como responder a tais coisas. Até aquele momento, ela não percebeu quanto estranha era neste mundo.

Seu coração começou a bater forte em seu peito e suas mãos tremiam. Olhou ao redor, com a esperança de ver seu destino, a mansão para qual ele a levaria. Apenas havia mais casas. Como poderia se controlar sem nenhum lugar para se refugiar?

Que termine. Que termine. Que termine.

Sua situação a subjugou. O vestido que usava era muito fino, muito indecente. A saia não fazia nada para esconder suas curvas naturais. Era parecido com o das mulheres da aldeia, ainda que o seu tivesse um dragão bordado e saias fossem mais adornadas. Os homens Draig vestiam túnicas de linho, com calças de amarrar na cintura, como viu perto do palácio. Alguns tinham seu rosto todo sujo, exceto os olhos que estavam rodeados por óculos de proteção.

—Vladan!

Clara se esqueceu de si mesma quando se virou para a voz feminina excitada. A mulher que chamou por seu marido era bonita, com um rico cabelo escuro que fluía por suas costas em cachos grandes e um rosto brilhante, aberto. Seus olhos escuros eram expressivos enquanto corria em direção a Vlad.

—Nós não o esperávamos tão cedo!— A mulher continuou. Ela envolveu seus braços ao redor de Vlad em um abraço apertado, que seu marido devolveu.

O ceffylde Clara parou de caminhar e se interessou pela erva que crescia perto de uma rua central. Ela apenas percebeu quando viu a saudação se desenvolver. A mão da mulher permaneceu no braço de Vlad. Clara sentiu-se enjoada.

—Arianwen, é bom vê-la— Vlad disse. —Como estão as crianças?

—Eles estão nas minas. Um dos eixos caiu na noite anterior e estão ajudando a tirá-lo — Arianwen disse. —Ninguém se machucou, mas é estranho. Tenho certeza que Tomos lhe dará uma explicação completa mais tarde.

—Notei que os homens pareceram sujos. Pensei que talvez as novas brocas de laser quebraram-se e tiveram que escavar a mão— Ele girou sua atenção para a montanha e franziu o cenho.

—Ninguém se machucou —Arianwen firmemente repetiu.

Clara permaneceu no ceffyl, mas estava pronta para seguir adiante se a mulher continuasse tocando seu marido. De fato, se o ceffyl caminhasse direto para a mulher, Clara não necessariamente iria se importar. Ela pressionou as unhas nas palmas da mão, para manter suas emoções sobre controle.

Arianwen de repente girou em direção a Clara, como se agora a estivesse vendo. Ela franziu o cenho em sinal de desaprovação. Clara endureceu e ergueu sua mandíbula. Arianwen golpeou a parte

de trás de sua mão contra o peito duro de Vlad.

—Menino, o que você pensa que está fazendo? Arrastou esta pobre criatura pelos pântanos? E o vestido! Você terá sorte se eu conseguir consertá-lo.

—Arianwen, está é minha esposa, Clara— Vlad disse, sorrindo para Clara como se nada tivesse acontecido.

O olhar de Clara foi para seu peito onde a mulher bateu.

—Lady Clara, por favor, venha para dentro— Arianwen gesticulou que Clara deveria desmontar. —Você deve perdoar nossos homens por seus modos grotescos. Eles não têm absolutamente nenhum conceito de mulheres quando se casam — Ela deu a Vlad um olhar duro e ele pareceu corretamente punido. —Venha, tenho muitos vestidos que poderá escolher.

Nunca em sua vida Clara esteve em tal posição. Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia sobre o que deveria fazer. Vlad olhou esperançosamente para ela. Arianwen sorriu, dando boas-vindas. Se sua mãe estivesse ali, desmaiaria diante da ideia de sua filha em um lugar comum para pedir emprestado um vestido. Mas sua mãe não estava ali. De fato, nenhum de seus pais estava. Eles a enviaram para este planeta, para que ela se casasse com um homem estranho.

Clara estendeu seu braço para Vlad e ele foi ajudá-la a descer doceffyl. Ficou em pé, nervosa, de frente para a mulher. E então tentou algo que nunca fez antes. Clara olhou a estranha nos olhos e sorriu. O gesto parecia estranho em seus lábios e ela rapidamente voltou a uma expressão em branco. Olhou para seu marido e se

perguntou por sua reação ao gesto. Seu rosto não mudou quando enganchou o cotovelo ao redor dos seus. Ao parecer, seu esforço passou despercebido.

—Os meninos estarão em casa logo— Arianwen disse. —Nós planejamos uma refeição simples, mas como sempre, você é bem-vindo em nossa casa.

—Qualquer coisa que fizer Arianwen, será bem-vinda. Talvez sua arte culinária faça com que minha esposa coma um pouco mais —Vlad bateu levemente no braço de Clara, levando-a para a modesta casa de Arianwen.

—Ah— Arianwen riu. —Você tem um costume diferente, verdade?— Ela parou na porta, olhando para Clara. —Você é magra, mas tenho certeza de que seu marido logo consertará isto. Nós noivas temos algumas particularidade quando chegamos aqui. Os costumes do meu povo guerreiro, não tinham cabelos e várias linhas marcadas em seu rosto. Levei meses para me lembrar de usar tantas roupas — Ela olhou para sua saia longa. —Nós assimilamos. Agora eu amo costurar. Não posso nem imaginar como seria hoje viver em Malkyrie— Então, intencionalmente para Vlad, ela disse:—Mas lanço uma faca melhor que meu marido.

Clara se encontrou intrigada com a ideia de uma mulher guerreira. Ouviu falar deste povo, mas nunca se permitiu conhecer os descendentes de um.

—Não é muito de falar, verdade?—Arianwen acenou sua mão como se tivesse nenhuma preocupação. Ela foi à frente para o lado de dentro.

A casa não era como Clara esperava. Seus pais sempre falaram como se os não nobres fossem de alguma maneira, sujos. A casa de Arianwen, embora cheia de artigos, era muito organizada e limpa. Os moveis tinham muitas miniaturas de casas. Tinha um desenho pendurado em uma parede. Não reconheceu a fera representada, mas parecia feroz. Um tecido estava dobrado sobre o sofá, cobrindo até os lados, a esquerda de uma lareira na parede. A única terra que ela percebeu era nas botas, perto da porta principal. Estavam cobertas de barro seco ao lado de uma caixa.

—Vlad, faça algo útil. Traga lenha para dentro— A mulher gesticulou para Clara segui-la. —Minha senhora, por favor, venha por aqui.

Clara observou surpresa quando seu marido obedeceu ao comando da mulher. Quando ficaram sozinhas em um corredor estreito, Arianwen examinou o rosto de Clara.

— Prepararei um banho para você, assim poderá se limpar.

Clara tentou outro sorriso, mas Arianwen girou antes dela poder formá-lo. A mulher empurrou uma porta. Do lado de dentro, uma grande piscina estava cortada no chão. A água borbulhava no interior e vapor subia pelo tubo de ventilação.

—A água se renova— Arianwen explicou. —Existem fontes naturais ao redor daqui. Os minerais mantêm a água limpa e existem filtros subterrâneos instalados em baixo da cidade. Eu não recomendaria tomar a água. Muitos não gostam do gosto.

Clara movimentou a cabeça. Seus olhos viajaram ao longo das

paredes lisas até uma inserção. A pedra parecia como se houvesse sido arrancada do lado de fora e talhada para se adaptar a casa.

—Se me entregar o vestido, eu posso consertá-lo. Imagino que esteja chateada pelo dano—Arianwenpuxou a faixa na cintura de Clara para soltá-la.

—Sim— Clara disse. —Muito.

—Compreensível. Muitas mulheres parecem sentimentais sobre seus vestidos de noiva.

Não era exatamente o que Clara quis dizer, mas não corrigiu a mulher. Parecia rude assinalar que pensava mais em sua vergonhosa falta de decoro do que o valor sentimental do vestido. Em seu mundo, davam mais ênfase ao custo real do que qualquer outro arquivo adjunto do mesmo.

Este não é meu mundo, ela lembrou-se. Não que precisasse se lembrar.

—Vlad estava muito ansioso quando me pediu para fazer este para ele. Me alegro que estava usando-o.

Clara se sentiu imediatamente mal por não elogiar o vestido.

—Está muito bem feito. As costuras parecem muito robustas.

Arianwenficou quieta um momento antes de movimentar a cabeça.

—Obrigada por notar— Ela começou a arrastar nas rendas para ajudar Clara a se despir.

Sem pensar, Clara permitiu à mulher ajudá-la. Ela ergueu seus braços assim Arianwen poderia puxar o material acima de sua cabeça. Arianwen lançou o vestido por cima de seu ombro enquanto soltava suas mãos. Soltar os cordões de sua bota levou um pouco mais de tempo, mas uma vez que Arianwen começou a ajudá-la, não parou. Ela fazia sua tarefa com uma concentração admirável e sentido de propósito.

Clara deixou-a tirar a primeira bota e começar a segunda.

—Eu exijo uma criada para trabalhar para mim no castelo. Haverá retreinamento, claro, mas eu gostaria de honrar você com um lugar em...

—Ah!—Arianwensoltou um suspiro agudo enquanto parava de puxar os cordões em uma segunda vez. —O que o fez permitir que...?— Sua voz diminuiu antes dela gritar de raiva. —Vladan!

Clara sacudiu em choque pelo barulho alto. Ela olhou abaixo para seu corpo para onde Arianwen tinha olhado. Uma contusão escura grande se formava de lado e ao redor da pele inchada. Marcas vermelhas apenas acentuavam no dano. Doía mover sua perna, mas ela conseguiu. Por decoro, Arianwen deveria ter ignorado.

A mulher pegou o vestido, deixando Clara nua apenas com uma bota. Ela cruzou seus braços no peito e franziu o cenho. Quando Arianwen não voltou imediatamente, Clara puxou os cordões com seu dedo mindinho e conseguiu tirar o calçado sozinha. Sem a pressão da bota, sua perna começou a palpitar. Fez todo o possível para ignorá-la.

Olhando para a banheira, ela indecisamente tocou a água com seu dedo do pé. O calor imediatamente moveu-se por sua perna. Cuidadosamente, desceu, lentamente para proteger seu quadril ferido. O processo de descer doeu e ela mordeu a ponta da língua.

—... médico imediatamente!—Arianwen gritou de outra parte da casa. Clara girou para a porta. Ela estremeceu quando colocou o outro pé.

—Sobre o que você está gritando?—Vlad perguntou. Ele tropeçou na entrada, como se fosse empurrado. Parando, seus olhos foram imediatamente para sua esposa nua, na metade da banheira. Um sorriso se estendeu por seu rosto. —Não precisagritar, Ari, eu cumprirei meu dever para com minha esposa sem ser obrigado. Pode ir mulher, deixe-me com ela.

—Você chama isto de dever?—Arianwen exigiu. Ela entrou no quarto. Clara depressa tentou se cobrir, desconsertada pelo espaço cheio de repente. Seu marido olhava fixamente para seus seios. Uma Arianwen irritada apontou para o machucado de Clara. —Você chama isto de dever?

—O que?— A expressão de Vladan sumiu quando seguiu o dedo de Arianwen. Ele abriu caminho para a banheira, sem lembrar que estava vestido. —Clara o que aconteceu? Por que você não disse?

Clara afundou-se na água para se esconder.

—Deixe-nos, Ari. Encontre uma unidade medica —Vlad ordenou.

—Existe só uma na aldeia. Não tenho certeza se funciona. Eu perguntarei ao redor—Arianwen parecia mais dócil agora, pelo menos em seu tom. Ela fechou a porta e seus passos podiam ser ouvidos saindo apressados da casa.

—Clara? Isto aconteceu quando você caiu?— Ele ajoelhou-se na água, não se aborrecendo em tirar sua roupa. Vlad fez com que ficasse em pé quando ela tentou ficar na água. —Por que você não disse?

—Você não perguntou.

—Eu o fiz. Quando você caiu. Você disse que estava bem. Isto não é bem— Ele tocou a contusão levemente. Ela afastou-se em um reflexo.

—Eu sou uma dama. Não posso reclamar na frente dos outros. Você não perguntou novamente em particular assim não poderia colocar o fardo sobre você sem sua permissão.

—Cuidar de minha esposa ferida não é um fardo—Ele respondeu. —Você deveria ter falado que precisava de administração médica.

—Eu consegui sem ela —Era sempre melhor quando ela se retirava ao conforto do estoicismo.

—Sofrer não me parece a atitude mais correta.

—O acidente não foi provocado por mim. Eu não ordenei aos meninos,atacarem — Clara ficou tensa, imediatamente desejando poder engolir as palavras iradas.

—Eles estavam brincando e não queriam machucar —Vlad novamente tocou em seu quadril antes de afastar os dedos. —Nós consertaremos isto com a unidade médica. Da próxima vez que se ferir, conte-me imediatamente. Nada desta tolice de sou uma dama.

Clara não gostou da expressão em seu rosto nem da censura em sua voz. Tolice? Ela assentiu com a cabeça.

—Como desejar, meu senhor marido. Sempre como você desejar.

Vlad olhou com frustração para sua esposa. Ela se recusou a olhar para ele e ele não queria olhar para qualquer outra coisa. A contusão em seu quadril era ruim. Foi ferido antes em batalha e sabia a dor que sentia. Por sorte, não parecia como se tivesse quebrado. Desde que era tão magra, era fácil determinar sua estrutura óssea.

A água aderiu as suas roupas, mas não se importou. Clara manteve os olhos longe e os braços cruzados sobre o peito. Ela não se moveu, exceto pelo leve subir e descer de sua respiração. Demorou um longo tempo antes que Arianwen retornasse a casa. Os passos da mulher eram anormalmente altos, como se estivesse avisando que estava chegando. Quando entrou no banheiro, carregava nas mãos uma unidade médica. Seu povo raramente precisava do equipamento, mas fez uma nota mental para requisitar um modelo mais novo para a aldeia. O escritório da mina estava bem equipado. Não havia razão para a aldeia não ter um também.

—Eu preciso de lenha— Arianwen disse. —O vento está batendo na cachoeira e vem para cima de nós. Parece que esta será

uma noite fria. Posso cuidar de Lady Clara.

Vlad movimentou a cabeça e lentamente saiu da água. Clara ainda não tinha se movido. Seu rosto estava tranquilo, sua respiração também. Qualquer reação que quisesse ter parecia tolaperto de seu estoicismo. Ele movimentou a cabeça e agradeceu a Arianwen enquanto saía.

—Não jogue água por toda minha casa—Arianwen advertiu. —
Você sabe onde encontrar roupas.

Capítulo 8

As palavras de Vlad ficaram em sua mente horas depois de ele dizê-las. Ser uma dama não era uma tolice. Era tudo o que tinha neste mundo estranho. Era tudo o que alguma vez foi treinada para ser. Ele falar assim doeu mais que seu quadril ferido. A unidade médica cuidou muito bem de sua pele contundida, mas não havia nada para curar sentimentos feridos.

Um dia. Era o tempo que estava ali. Um dia.

Um ano nunca pareceu tão longo.

Ela se recusou a juntar-se a Arianwen e sua família para jantar, dizendo que estava cansada. Os homens voltaram para as minas. Pelo que pode ouvir, havia três deles. Eram ruidosos, agitados e saudaram Vlad como um irmão. Fizeram perguntas sobre ela, mas não conseguiu ouvir a resposta de Vlad. O pequeno quarto se parecia com o resto da casa, organizado e limpo. Havia objetos nas estantes. Uma estatua de um estranho, com características anatômicas, montando guarda em um canto. Alguém o apunhalou com pontas de metal, longas e afiadas. A cama de casal da tenda era maior do que a que ela estava sentada neste momento, o edredom tinha desenhos de pássaros e flores.

Arianwen deu a ela um vestido. O material azul era suave e os pontos uniformes, parecido com seu novo planeta. Nada era familiar.

Clara se sentia isolada e só. Cada vez que uma risada fluía do outro cômodo para romper o silêncio, apenas a deixava pior. Nada neste planeta fazia sentido. Ali era uma mulher nobre, casada com um nobre que não atuava como um nobre. Se o rei não houvesse assegurado que Vlad tinha um título, jamais teria acreditado.

Puxando a extremidade do cobertor, ela rolou sobre a cama e o envolveu ao redor de seu corpo. Se fechasse seus olhos, talvez tudo simplesmente desaparecesse.



Vladsorriu para os homens que eram como irmãos para ele. Eles cresceram juntos nesta mesma aldeia, brincando do lado de fora das minas. Apenas os três irmãos Sven, Matus e Nolan foram trabalhar nas minas com seu pai, Tomos, e Vlad foi enviado para administrar, para transformar-se em um lorde. Os irmãos se pareciam com seu pai, todos fortes e ágeis como dragões com olhos e cabelos marrom escuro. Seus ombros largos vinham do trabalho honrado e era adequado para empurrar carrinhos nas minas. Se Lorde Rolant e Lady Sidone não interviessem, esta teria sido sua casa e estes homens seus irmãos reais.

—Eu gostaria que vocês encontrassem uma noiva — Arianwen apontou o dedo para seus filhos. —Está na hora de se casarem.

—E deixá-la? — Sven agitou sua cabeça. —Nunca.

—E se a noiva não souber cozinhar?—Matus sorriu

parasuamãe. Ele era encantador. Agarrou um pedaço de pão azul e deu uma grande mordida.

—Eu quero me casar— Nolan disse. —Mas não quero apenas uma noiva. Eu quero duas ou três. Quando me aborrecer de uma, posso chamar a próxima...

Sven se inclinou quando seu irmão mais velho lhe bateu na cabeça.

—É por isso que você nunca receberá seu sinal para ir.

—Não bata em seu irmão—Arianwen ralhou, embora Sven já fosse um adulto. Para Nolan, ela disse:—Não desrespeite nossa cultura ou os deuses nunca farão seu cristal brilhar. E, Matus, você está sendo muito bom, então vou averiguar o que está acontecendo. E você—Ela girou para Vlad— Tire este sorriso de seu rosto. Você apenas os encoraja.

—Sim, minha senhora—Vladdisse, ainda sorridente. Ele girou sua atenção para seu guisado quando Arianwen fez seu caminho para a cozinha. Matus o cutucou nas costelas. Vlad golpeou forte a mão do homem, antes de Arianwen pegá-los se portando mal.

—Um de você deve levar a comida de seu pai—Arianwen disse quando voltou para a mesa com outra cesta de fatias de pão azul. —Tenha certeza de que ele não precise de mais ajuda.

—Vou sair para as minas amanhã— Vlad disse. — Quero verificar o material e ver o dano causado pelo desmoronamento.

Sven franziu o cenho e o humor imediatamente sumiu.

—Não faz sentido. Nós tínhamos a área inteira inspecionada antes de enviar os zangões. Afortunadamente, nenhuma vida se perdeu, mas um zangão ficou preso atrás de uma parede de pedra. Nós estamos cavando e instalando vigas. As leituras iniciais dizem que o zangão agiu quando encontrou um bolsão oco na pedra e colidiu adiante muito rápido porque os controles foram fixados agressivamente. A topografia de testes indica que não deveria ter nada além de minério e pedra nesta parte da montanha.

— O equipamento está defeituoso?—Vlad perguntou.

—Este é o primeiro sinal. —Nolan disse, duvidando. —Os registros de serviço estão em dia.

—Vida é prioridade—Vlad lentamente ficou em pé e movimentou a cabeça agradecendo Arianwen pela comida. —Eu o inspecionarei. Nós temos um excesso de minério, então não importará se tardarmos a escavação até que compreendamos o que aconteceu.

—Huh—Matus balançou sua cabeça. —Você ouviu isto? Soa como ceffylse refugiando na floresta. Eles raramente se aventuram perto da aldeia.

—A tempestade deve ser pior do que pensamos —Arianwen deu um pacote de comida para Sven. —Melhor dizer ao seu pai e aos outros para entrar.

Sven obedeceu, partindo depressa, como sua mãe disse para fazer.

Vlad escutou, recorrendo os sons das feras. Estavam de

verdade perto. Até que Matus mencionou, ele não prestou atenção ao barulho suave.

—Até a manhã, amigos—Ele sorriu, pensando em sua noiva, que esperava por ele. Um brilho suave vinha do quarto no final do corredor. Quando abriu a porta, ele não pensou nos ceffylou nas minas. Sua esposa estava na cama, esperando por ele. Seu corpo estava enrolado nos cobertores, bem apertado. Ela não se moveu quando ele entrou.

Puxando algumas cordas na parede, por onde entrava a luz do sol, ele deixou o quarto quase na escuridão. Viu seu corpo delineado perfeitamente nas sombras. Sem pensar, tirou as roupas e as deixou cair no chão. Todos os sentidos se concentraram nela, o som de sua respiração regular, o cheiro do sabonete em sua pele, a forma de seu quadril sob a manta.

Quando foi para a cama, agarrou-a e lentamente a puxou em sua direção como que desembrulhando um presente. Ela fez um ruído suave, sonolento. O som fez sua ereção aumentar. Uma vez que a colocou de costas, e a descobriu por completo, puxou a saia lentamente pelas pernas. Não usava botas, assim podia facilmente ver suas coxas e quadris. Suavemente, ele a tocou, pensando no hematoma. Ainda estava um pouco colorido, mas a unidade médica fez maravilhas na reparação da pele. Passou os dedos ao longo dos quadris e lado, antes de fazer seu caminho para baixo novamente.

A tranquilidade e o momento íntimo o prendeu. Nada mais importava. Não havia pensamentos voando por seu cérebro. Isto era uma benção, esta mulher, sua esposa. Toda a diferença entre eles se

assentaria com o tempo. Tinha certeza disto. Quando tocou sua pele, ele soube disto. Ele estava destinado a ficar com ela. Para sempre.

Vlad aproximou-se mais, deixando que suas pernas tocassem as dela. Seus olhos se abriram lentamente, buscando na escuridão, mas sem poder vê-lo. Levantou a mão, sem tocá-lo, passou seu pulso ao longo do braço. Ele puxou os cordões do vestido e puxou o material até conseguir libertá-la por completo. Enquanto passava o vestido por sua cabeça, ela ficou completamente desperta. Seus olhos clarearam. Viu sua expressão. Na escuridão parecia menos vigilante. Não sabia que podia vê-la?

Vacilou antes de levar a mão ao seu rosto. Ela manteve seus dedos abertos enquanto deixava seu pulso suave sentir a textura da mandíbula. O som revelador da pele chamou sua atenção. Clara soltou um gemido fraco e fechou os olhos.

Vlad não pode suportar. Ele a beijou, com firmeza, sem dúvidas. Suas mãos encontraram a liberdade em sua pele, passaram por onde queria. Dedos tocavam os seios, beliscando um mamilo e entrando entre as coxas abertas. O calor úmido acolheu seus dedos e ele empurrou o dedo dentro dela. Enquanto sondava a profundidade, ela pressionou suas mãos em sua pele. O calor estalou quando o tocou. Sentiu as sensações antes, quando deixou marcas em seu peito. As marcas sumiram, mas a lembrança do prazer não.

Querendo sentir o formigamento em outro lugar mágico, ele guiou sua mão até seu eixo e colocou a mão sobre a dela para ajudá-

la a acariciá-lo. Foi melhor do que imaginou. O calor caiu sobre sua ereção, eletrificando suas bolas com prazer. Estava a ponto de ter um orgasmo com uma carícia, mas de alguma maneira conseguiu conter-se.

Ela o acariciou novamente. Tentou, mas era demais. Os quadris de Vlad estremeceram e ele encontrou sua liberação nos quadris de sua esposa depois de dois toques com as mãos.

—Cla-ara—Ele grunhiu. Todo seu corpo ficou tenso quando ela moveu a mão pela terceira vez e teve que afastá-la. Respirando com dificuldade, apenas podia ouvir as batidas de seu coração nos ouvidos. Decidido a não ser o único a sentir tanto prazer, agressivamente separou as suas coxas e a abriu para sua boca. O doce sabor de seu creme saudou seus lábios e ele a lambeu como um homem morto de fome. Deslizou a língua dentro dela antes de substituir por seus dedos. Chupando seu clitóris, ele a acariciou profundamente e por um longo tempo.

—Hum, assim, Clara—Ele dizia meias palavras, meios gemidos contra seu sexo. — Você está tão molhada.

Suas coxas apertaram sua cabeça. Ele gemeu em sinal de protesto e empurrou com firmeza as pernas para trás para se abrirem. Clara abriu a boca e cravou os calcanhares na cama. Um orgasmo percorreu seu corpo. Ela gemeu de prazer.

Consciente de onde estavam, Vlad se lançou para frente e capturou o grito em sua boca, abafando antes que o demais ouvissem. Ela lhe acariciou os braços com os pulsos. Ele sorriu e a beijou antes de se afastar segurando seu pulso com a mão. Levou a

palma a sua boca e a beijou ali. Seus dedos se flexionaram e ela ficou sem fôlego.

— Suas mãos são suaves — Esfregou seu rosto contra a palma. — Tanto poder nelas.

— Poder? — Perguntou confusa.

— Você não sente? — Mesmo enquanto falava, sentia a energia formigando em seu rosto.

— Não há nada de especial em minhas mãos. São como as mãos de qualquer dama — Ela fechou os dedos e tentou se afastar.

— Nossos mundos devem ser muito diferentes se não considera isto como algo extraordinário — Ele soltou seu pulso, observando sua expressão na escuridão.

Ela moveu e flexionou os dedos. Seus olhos não se concentravam em nada em particular, ainda que ela tentasse ver seu rosto.

— Eu sou o que me educaram para ser.

Perguntou-se sobre seu tom de voz, mas desistiu quando o desejo exigiu sua atenção. Não foram pronunciadas mais palavras enquanto fazia amor com ela, lentamente. Cada centímetro de seu corpo foi explorado e tocado, inclusive enquanto se beijavam. Tomou seu tempo, saboreando sua nova esposa, agradecido por ter sido abençoado com ela. A solidão que sentiu por tanto tempo foi aliviada. Clara preencheu um vazio que não sabia que existia dentro de si mesmo. Desta vez chegaram ao clímax juntos, uma mistura

perfeita de suas respirações e sussurros. Depois, Clara tentou afastar-se na cama. Ele não a deixou ir. Ao invés, puxou-a para si, abraçando-a contra seu peito enquanto colocava seu corpo ao redor do dela. Palavras de amor o encheram, mas não se atreveu a romper o silêncio impressionante que agora os rodeava.

Capítulo 9

Flor solar.

Clara abriu seus olhos, atordoadas.

Flor solar, flor solar, flor solar.

Ela pressionou o dorso da mão na cabeça, com a esperança de que a pressão parasse o forte som destas palavras guturais.

— Flor solar — Ela sussurrou, piscando com força.

Afastou-se da cama. Foi somente por sorte que seu pé se enredou no vestido que seu marido tirou na noite anterior. Do contrário não teria percebido seu estado de nudez. Colocou o vestido no corpo. Com o palpitar em sua cabeça era difícil ver ou se concentrar além de um pensamento, *flor solar*.

Flor solar.

Flor solar.

Flor solar.

Às cegas tropeçou com a porta no quarto.

— Clara? — Vlad murmurou com voz rouca atrás dela.

— Flor solar — Afirmou.

— Flor so... — Repetiu Vlad confuso.

Ela o ignorou. A cada estava vazia, quando fez seu caminho através do curto corredor até a porta principal. A palavra fazia eco nas paredes. Como todos podiam dormir com este barulho? O instinto lhe dizia para fugir. Correu para a porta, não vendo onde pisava quando tropeçou com algo, apenas para seguir adiante. Quase desesperada, ela abriu a porta. Seus pés descalços patinaram até pararem e caiu para trás contra o marco da porta.

Flor solar!

Um rebanho de ceffylscercava a casa, quase por um quarteirão. Pela aparência, os olhos pareciam se concentrar nela. Vagamente percebeu que havia mais pessoas atrás do rebanho olhando e apontando os animais. As feras tentaram se aproximar e a imagem da flor encheu sua cabeça.

Flor solar.

— Parem — Suplicou. — Por favor, parem de...

— Clara, o que...? — Vlad ficou atrás dela. — O que é isto? — Vlad bloqueou-a com seu corpo que ao instante deslizou ao lado da casa. Ela pisou nas plantas com os pés descalços, mas não se importou. Os olhos dos animais a seguiam e faziam pequenos movimentos como se quisessem segui-la para onde ia.

Flor solar.

Imagens a bombardeavam, todas da mesma flor em diferentes lugares. Sua mente tentou bloquear, mas continuava chegando as

imagens.

— Segure-os! — Gritou um homem.

— Estão atacando? — Perguntou um mais jovem. — Nunca os vi atuar desta maneira.

Tremendo, Clara percebeu que estava presa entre as criaturas e a floresta que crescia atrás da casa de Arianwen. Levantou as mãos, inclinando suas palmas para tocar as criaturas e tentar responder. No princípio ficaram frenéticos e foram para frente. Os cascos golpeando a terra. Tentaram rodeá-la. Os homens gritaram à distância, mas o ruído de seus gritos estava muito longe com a persistência dos ceffyls.

— Clara! — Vlad gritou. Ela abriu os olhos brevemente para ver seu marido tentando ir em direção a ela.

Ela não respondeu. Fechou os olhos e empurrou uma imagem da flor para eles. As várias imagens diminuíram quando percebeu que os entendia. O fez uma e outra vez, tentando fazê-los entender que recebeu sua mensagem.

Ela fechou seus olhos e empurrou uma imagem da flor para eles. A pressa de imagens diminuídas a velocidade quando eles perceberam que ela os entendeu. Ela fez isto novamente, tentando deixá-los saber que ela recebeu sua mensagem. Sua cabeça pulsava de dor. Havia várias vozes.

— Flor solar — Ela sussurrou. — Eu entendo que querem dizer-me sobre flores solares.

Flor solar.

—Sim, flor solar —Ela disse a eles. Imediatamente, as imagens mudaram. Ela não podia interpretá-las, não realmente. Eram desordenadas e ao azar, provenientes de muitas mentes ao mesmo tempo, mas havia um desespero no que os ceffyls estavam tentando dizer a ela. Sem saber o que dizer, projetou imagens para eles. Isto pareceu acalmar os animais e sua intensidade diminuiu.

— Clara — A voz de Vlad parecia estar mais perto. Ela sentiu sua mão no braço. — O que está acontecendo? O que está fazendo?

Ela piscou. A multidão de animais começou a sair, suas mensagens entregues. Tremeu sob seus pés, física e emocionalmente esgotada. As feras levaram muito dela com eles. Sentiu-os em seu interior. Eram muitos. Ela pode manter todos fora e isso ferveu suas emoções.

Vendo que era difícil se concentrar, olhou para Vlad. Seu rosto estava tenso e primitivo, sem dúvida um truque de sua mente. Abriu a boca e gemeu: — Flor solar.

—Flor solar?— Vlad repetiu confuso enquanto segurava sua esposa desmaiada. Seu corpo ficou inerte e ele a levantou nos braços. Deu a volta, disposto a lutar contra as feras, mas estas estavam se dispersando pela rua do povoado até a floresta.

— Vlad? — Arianwen entrou no pátio, olhando os danos causados em suas plantas. Foram pisoteadas. — O que está acontecendo? Houve uma batalha? Enviaram as feras aqui para proteger o rebanho?

— Calma, Ari. Não há necessidade de raspar a cabeça e afiar suas facas — Tomos apareceu atrás de sua esposa e beijou seu rosto com carinho. Tomos e Arianwen tinham quase a mesma idade que os pais de Vlad teriam se tivessem sobrevivido, mas pareciam jovens o suficiente para se passarem por seus irmãos. Tal era a forma como as coisas em seu planeta aconteciam. Quando o povo vivia centenas de anos, o avanço da idade tendia a suavizar uma vez que o Draig alcançava a idade adulta. Tomos continuou: — Nos enviaram para cá para o caso de haver uma batalha ao norte. Um dos homens anunciou.

Vlad não ouviu o homem retornar das minas. Esteve concentrado em sua própria mulher na noite anterior. Tomos olhou para Vlad e inclinou a cabeça, parecendo mais curioso, o homem saiu para a rua para falar com os vizinhos sobre os ceffyls fora da aldeia.

—Por que Lorde Alek enviou o ceffyls para a aldeia?— Arianwen perguntou a Vlad que supunha teria a informação. Ela deu uma volta lentamente, olhando com horror seu jardim em ruínas. — Não houve uma tempestade esta noite. Não havia nenhuma razão para os ceffyls saírem da floresta para meu jardim.

Vlad apertou sua esposa contra o peito.

— Acho que eles estavam aqui para falar com Clara — Ele não parecia muito convencido, nem sequer para seus próprios ouvidos.

— Falar com sua esposa? — Disse Arianwen, parecendo duvidar. Ela girou sua atenção para a mulher inconsciente.

— Clara é especial — Disse em modo de explicação.

— Todos os homens pensam que suas esposas são especiais ou do contrário os deuses não os abençoariam com uma mulher.

Vlad abraçou sua esposa com mais força, concentrando-se em sua respiração, no pulso suave do pescoço.

— Vamos para dentro —Arianwen disse a ele, apontando a porta para Vlad. — Coloque-a na cama — Enquanto caminhava, ela deu um aperto em seu braço. — Juro, garoto, que não pode continuar tratando sua esposa como um homem, cada vez que me viro ela aparece ferida ou desmaiada e este é apenas o segundo dia. Tem que cuidar melhor dela. Ela é delicada.

— Eu não fiz nada — Protestou.

— Mmm, mmm — Murmurou e Vlad franziu o cenho sem saber o que a mulher pensava que sabia, porque ele não tinha ideia.



—Eu odeio flor solar — Clara murmurou quando abriu seus olhos. Estava deitada na cama da casa na aldeia e por um momento pensou que poderia ter sonhado com o incidente com os ceffyls.

Vlad passou pela porta.

—Clara você está acordada.

Ela estremeceu com alarme e ao instante se afastou dele na cama. O movimento fez com que suas pernas se enrolassem nas

cobertas e ela caísse sobre o colchão. Seu coração estava acelerado pelo susto de sua repentina aparição.

— Ari disse que deveria deixá-la dormir, mas acho que esperei muito para acordá-la.

— Deixou que uma plebeia dissesse a você o que fazer? — Perguntou ela, tentando sentar-se. Levou um pouco de esforço para controlar sua respiração ofegante. Ele ficou esperando na porta?

— Ela é como uma mãe para mim — Disse na defensiva. Sua expressão emocionada diminuiu.

— Ela é muito jovem para ser sua mãe — Respondeu Clara logicamente. Sua cabeça doía um pouco ainda, mas o pulsar se foi e agradecia por isso. Não prestou muita atenção ao que dizia. — Mesmo se tivesse idade o suficiente, você é um nobre. Eu não conheço nenhum nobre da sua idade que deixa suas mães lhe ditarem o que fazer.

Vlad olhou para a parede e respirou fundo. Quando voltou a olhar para ela, sua expressão estava mais reservada. Ela deveria ficar feliz por ele ter escondido sua emoção dela, mas em seu lugar se encontrou perguntando no que estaria pensando.

— Se nossos filhos não lhe respeitarem vão responder a mim.

A força de seu sentimento a surpreendeu.

— Eu esperava que me respeitassem. Mas não esperaria que obedecessem de forma automática minhas decisões, uma vez que se convertessem em homens.

Filhos? A ideia era estranha em seu interior. Seu pulso se moveu para tocar brevemente o estomago.

— Se eles não escutarem suas opiniões e considerarem profundamente, eu me ocuparei deles — Seu tom não era para discussão.

— Como desejar meu senhor.

Vlad se aproximou da cama e pegou a colcha. Puxou o cobertor, liberando seu pé preso. Ela não percebeu que ainda estava preso. Quando ele a tocou um arrepio percorreu sua perna. Seus dedos se fecharam. Queria que ele movesse sua mão sobre a perna, mas não o fez. Sua mão se manteve em seu pé e sentou-se junto a ela.

— No entanto, tenho que admitir, não ouvi muito a meus pais quando era jovem — Seus dedos deslizaram por sua perna. — Saí e corri para a floresta quando tinha três anos. Fiquei ali por uma semana. Minha mãe ficou desesperada. Quando me encontrou, estava no ninho de uma tahali, fingindo ser um pássaro. Acho que o maior perigo que enfrentei ali foi a mão do tahali. As criaturas não costumam apreciar um intruso — Sua mão se moveu mais para cima. — Além disso, eu ainda não tinha um título. Meus pais ainda estavam vivos.

A tentativa de Clara de uma expressão amistosa sumiu. Logo, alguns comentários e expressões fizeram sentido.

— Você foi um órfão acolhido pela nobreza.

— Sim.

Um nobre que não nasceu nobre. Este fato tinha sentido também.

— As coisas que disse... — Ela não podia olhar em seus olhos.
— Peço desculpas. Não percebi. Eu não...

— Está tudo bem Clara.

— Mas eu disse que sua circunstância de nascimento importava, eu...

— Eu me lembro — Ele riu entre os dentes. — Não me senti insultado. Não acho que todas nossas opiniões coincidirão, mas vamos trabalhar em nosso casamento. Os deuses não nos teriam colocado juntos se não fosse possível.

Olhou seu pé. Clara sentiu o calor de sua mão contra sua pele. A sensação fazia difícil se concentrar em outra coisa.

— Como o mais alto Oficial da Mina é meu dever supervisionar as minas — Disse. — Há um problema com um dos equipamentos.

— Entendo. Quando vamos? — Ela não se afastou.

— Você quer vir?

— Meu lugar é com você a menos que me diga para ficar aqui.

— Não tenho nenhum desejo de dizer isto — O sorriso voltou ao seu rosto e ela respirou profundamente, percebendo que estava se acostumando com seu olhar. — Você me surpreende mulher.

— Eu... — Ela não sabia como responder. A mão estava em seu tornozelo.

Ela o surpreendia?

Faltava o refinamento da maioria dos homens que conhecia. Mas então ela rejeitou todos os pretendentes que teve. Havia algo em sua maneira que gostava. Pouco a pouco, Clara levantou a mão e se inclinou para frente. Vacilou antes de tocar seu rosto. Seus dedos tremiam enquanto traçava a covinha em sua bochecha.

— Você não é como os homens do meu mundo — Sussurrou. — Nem sempre consigo ler suas expressões. Há muitas mudanças em seu rosto. Às vezes, por dentro, sinto como se estivesse decepcionado comigo, mas ainda assim sorri. Ri de você mesmo quando não há nada divertido para dizer. Os outros o fazem também. Seus rostos e gestos nem sempre coincidem com o que está acontecendo dentro deles. É difícil e complicado. E nenhum de vocês bloqueia os demais. Isto faz com que seja impossível descobrir o que sentem — Antes que pudesse responder, porque detectava o impulso borbulhando dentro dele para fazê-lo e não tinha certeza de poderia lidar com o que iria dizer, mudou rapidamente de assunto. — Deixe-me ver você mudar. Senti sua capacidade na tenda de casamento quando segurou minha mão. Há uma fera dentro de você.

A resposta de Vlad chegou na forma do endurecimento da pele sob sua mão. Seus olhos ficaram dourados, como se pudesse entrar em sua mente. Ela se opôs a atração magnética. Os ceffyls a drenaram antes e não podia se permitir tê-lo dentro dela. Os animais nunca deveriam ter conseguido superar seu escudo emocional, mas eram muitos para lutar contra. Inclusive agora, podia sentir as estranhas imagens. A pele de Vlad continuou endurecendo, convertendo-se em uma cor marrom à medida que

aumentava e desaparecia nas roupas. Uma linha surgiu na testa, empurrando para frente fazendo uma placa dura impermeável sobre o nariz e a testa. Garras cresceram de suas unhas e presas em sua boca.

Ela o olhou, sem medo. Desta forma suas emoções ficavam silenciosas, e mais fáceis de aceitar.

— Isto é incrível—Ela golpeou a palma de sua mão contra seu rosto. — Seu corpo é como uma armadura. — Moveu os dedos pelo pescoço. — Pode ser ferido?

— Porquê? Quer me apunhalar? — Sua voz era grossa e rouca.

Ela o tocou novamente.

— Estou surpresa pela Federação não recrutar seu povo para um programa de reprodução. Tentaram em nosso planeta, mas resultaram muito difíceis de negociar.

Sua pele lentamente mudou novamente, mas a luz se manteve em seus olhos.

— Nós não pertencemos a Federação. Porque buscar nas estrelas quando já temos a perfeição diante de nós.

Ainda que falasse de seu mundo natal, sentiu que o elogio era para ela pela forma como seu olhar estava sobre seu rosto.

— E quanto aos programas de reprodução — Continuou. — Nós apenas nos casamos com aquelas que os deuses escolhem para nós.

— Então nunca... — Ela sentiu o calor tentando inundar seu rosto.

— Os homens jovens descobrem o prazer com outras mulheres quando viajam, já que são homens e às vezes centenas de anos podem se passar sem encontrar uma esposa, mas isso não é uma coisa que gostaria de discutir com minha esposa. Nada disto importa — Seus olhos eram como ouro brilhante. — No momento em que a vi, não pude pensar em nada mais. Você era meu destino e sou um homem de sorte. Vou passar o resto de minha vida demonstrando que a mereço.

Seus lábios se curvaram com o prazer, não podia impedir. Pela primeira vez em sua vida, pensou que deveria tentar.

O sorriso de Clara alimentou o seu.

— Não sei o que os ceffyls queriam com você, mas gostei da mudança. Parece mais relaxada.

— Queriam falar sobre a flor solar. Foram insistentes — Ela se concentrou na mão em seu rosto. A sensação da pele fazia seus nervos formigarem. Ela estremeceu levemente. Tudo dentro dela se concentrou nele. — Acho que devem ser viciados na flor.

Vlad pegou a mão dela entre as suas e tirou de seu rosto. Segurou a palma para cima e começou a traçar seus dedos com os seus.

— É um dom raro e precioso que tem.

— Não é um dom raro em meu mundo. É curioso que algo tão

comum em meu planeta seja fascinante para você aqui.

— Duvido que não haja nada extraordinário em você, esposa, em seu planeta natal ou em qualquer outro — Suas palavras eram sussurros. — Acho que gostaria de conversar com meu irmão, Alek. Ele é o que cuida dos animais. Ele os entende melhor que qualquer um.

— Como desejar, meu senhor — Clara assentiu. — Então talvez ele possa entender o que estavam tentando me dizer, mas não tenho nem ideia do que precisaria ser dito sobre as flores e bebês ceffyls — Ela estremeceu lentamente. — Com detalhes — Seu pulso ficou livre e se desviou sobre seu estomago. Era horroroso em detalhes o nascimento, cheio de dor, sangue. As imagens não eram como ela imaginava ser. Por sorte, estaria dormindo quando chegasse o momento do bebe nascer. Ela era uma dama, depois de tudo e os avanços civilizados deveriam ser aproveitados.

— Como desejar? — Repetiu pensativo. — O que você deseja, Clara?

Não sabia como responder. Nunca ninguém se preocupou em saber o que ela desejava.

— Gostaria de saber mais sobre sua cultura. São seus poderes a razão de não tocar nada com as mãos? — Perguntou.

— Sim, é assim com nosso povo. Uma dama não toca os outros. Temos que manter nossas mãos limpas. Além disso, seria muito pesado intrometer-se nos pensamentos íntimos dos demais todo o tempo que o tocássemos.

— E quando você se senta? Porque fica tão rígida?

— Uma dama deve tocar o menos possível. Não descansamos nossos braços nos moveis. Não pressionamos as costas no encosto da cadeira. Não apoiamos em mesas ou paredes.

— Não come uma refeição completa. Não se queixa. Não sobe nos animais sem sua permissão. Raramente sorri ou ri, ou demonstra o que está pensando ou sentindo — Seus olhos se moveram para olhar a coxa ferida. — Não se queixa e pede atenção médica quando claramente necessita. Fica muito em silêncio, não minha Clara?

— As emoções são entendidas quando precisam ser mostradas. Não há nenhuma razão para os estranhos a perceberem — Ela esticou a mão quando uma garra cresceu em seu dedo.

Ele continuou traçando os dedos suavemente, um depois do outro, repetindo padrão de movimento ao redor de sua mão. Não doeu, mas fez com que sentisse um desejo ímpio dentro de seu corpo.

— Poderíamos ter sido desconhecidos tecnicamente quando nos casamos, mas isso está mudando rapidamente. Não pode sentir a conexão?

Clara assentiu lentamente. Ela sentia.

— Não há nenhuma razão para demonstrar emoções. Isso apenas complica as coisas, sobretudo entre pessoas casadas. Nunca vi meus pais expressarem nenhum tipo de sensibilidade um para com o outro. Casaram-se por dever, como nós, eu suponho.

Com isto, ele sorriu, mas desta vez o olhar era diferente, menos intenso, talvez um pouco triste por ela dizer tal coisa. No entanto, em seu interior, sentia seu desejo cada vez maior por ela.

As emoções em conflito faziam pouco sentido para ela. Vlad continuou movendo sua mão, mudando de direção e padrão.

— Nunca sei o que está pensando ao lhe olhar, mas espero poder saber algum dia. Tudo o que sei é que quando você murmura “como deseja” com um olhar humilde, sinto tristeza.

— Não quer que as coisas sejam como pediu? — Isto a surpreendeu e puxou sua mão. Ele a deixou ir. A garra se retraiu.

— Claro. Cada pessoa deseja que as coisas sejam exatamente como gostaria. No entanto, isso não é vida. A realidade não se dobra à vontade de todos, o tempo todo. E o que você quer? Talvez você gostasse que pudesse fazer o que quisesse, senhora esposa, ainda que contra meus desejos.

Clara era muito consciente de onde estava. Este não era seu mundo. Esta era a casa de um plebeu no meio do deserto. Não havia olhos olhando e julgando, apenas seu marido, um homem que praticamente implorava que fizesse o que quisesse. Ali as pessoas sorriam quando estavam felizes e franziam o cenho quando não era assim, às vezes faziam o contrário do que sentiam. A confusão a enchia. Este planeta era contra tudo o que era. Parte dela queria voltar para comodidade sem emoções da nobreza Redde. Os olhos de seu marido imploravam que não o fizesse.

— Quero sentir dentro de você — Ela levantou a mão, o pulso

e fechou os olhos. Não era o mesmo que olhar os animais. As pessoas eram mais complicadas. Conheciam a arte do engano. Estavam sujos e drenados, mas neste momento não importava. Ela projetou a si mesma, para que pudesse ver melhor e a primeira imagem que pegou foi a de um beijo. Tinha a boca na dela, explorando profunda e apaixonadamente na floresta.

A terra sujava a bochecha e as mãos de seu marido. Um pássaro gorjeou e som fez eco em sua mente.

Sua mão tocou a pele e ela abriu os olhos para sua boca se movendo sobre seu marido. Ela o beijou. Separou os lábios contra sua boca e disse: — Há tanta emoção em você. É selvagem, arranhando a superfície, como se estivesse reprimida. Mas, como pode ficar reprimida e mostrar-se em seu rosto facilmente?

Sua boca se moveu contra ela. Ela o sentiu sorrir contra sua palma. Seus dedos estremeceram.

— Agora é minha vez de sentir dentro de você — Ele deslizou a mão por seu joelho até o quadril. Ajoelhou-se na cama e inclinou-se para frente, lentamente colocando-a de costas. A mão de Clara saiu de seu rosto, mas logo tocou sua pele. Tirou a camisa e a jogou de lado. Sua palma ainda estremecia quando tocou seu peito, ele ficou quieto por um momento e logo se afastou. Vlad respirou e segurou o fôlego. Uma vez mais a marca de sua mão ficou para trás. Pouco a pouco sumiu, mas a marca em seu rosto permanecia.

— Mm eu gosto quando me toca assim — Disse inclinando-se sobre ela para beijar seu pescoço. — É uma corrente elétrica que percorre meus nervos.

— Deve ser algo da minha raça — Disse ela, tocando seu braço para deixar outra breve marca. Quando mais segurasse mais tempo a marca ficava. — Algo em nossa biologia.

— A prova de que somos um casal perfeito. Nossa conexão é tão forte que deixa marcas para trás.

Clara ouviu uma risada e ficou rígida. Ela piscou, olhando ao redor do quarto.

Vlad parou.

— O que foi?

Ao não ver nada ela levou as mãos a seus lábios. O som vinha dela.

— Eu... — As palavras foram cortadas enquanto dava outra risadinha.

Vlad gemeu e continuou com os beijos em seu pescoço. Passou a língua e chupou suavemente. Uma vez que começou, ela não parecia poder evitar. Outra risadinha escapou dela. O restrito controle dentro dela resvalou e escolheu seu marido ao invés de seu passado. Não havia liberdade na decisão. Seu marido se aproximou dela, tirando lentamente a roupa de seu corpo. Pele nua tocou pele nua, enquanto deslizava a perna entre as coxas, abrindo-as. Aventurou sua boca sobre a clavícula, o vale central de seu peito e raspou as unhas levemente sobre seus quadris. Beijou o estomago antes colocar sua língua no umbigo e na parte interna nas coxas.

Ela fechou os olhos com força, sem fôlego. Seu coração

acelerou. Cada toque, cada sensação ficou mais pronunciada. O cabelo dele fazia cócega em suas coxas. Os dedos dele a sondaram. Passou a língua mais perto de seu centro. Ela passou as mãos sobre os ombros e a cabeça, assombrada com a forma como os nervos em suas mãos irradiavam prazer por seus braços. Se soubesse que tocar as coisas era tão agradável, teria quebrado esta lei de etiqueta há muito tempo.

Vlad chupou seu clitóris com suavidade. Seus dedos se fecharam e as pernas se abriram automaticamente para ele. Ela enganchou a perna sobre suas costas, tocando a pele com a parte inferior do pé. O deslizar firme da pele e o músculo duro provocou arrepios ao fazer seu caminho por ela. Não podia processar a assustadora avalanche de sensações, no entanto, não podia pensar em pará-lo. Nada importava, o pensamento escapou com puro desejo. Como se sentisse sua completa submissão a seus sentimentos, explorou com a língua mais de seu corpo. Logo um dedo seguiu o outro para dentro dela, fazendo-a sentir onda após onda de prazer intenso. Ela soltou um som fraco e virou o rosto de lado. Mordeu a almofada sobre a cabeça, incapaz de capturá-la em seus dentes. Ela levantou as mãos por cima de sua cabeça, em busca pelo domínio sobre a fria parede de pedra, enquanto se pressionava para baixo contra seus dedos.

Ele a acariciou mais enquanto o prazer se apoderava dela. Seus quadris obrigaram suas pernas a se abrirem mais. Deslizou seu dedo fora dela, deixando-a vazia e com o sexo dolorido.

— Não — Ela ofegou. Suas mãos golpearam os ombros para tentar empurrá-lo para baixo novamente. Seus quadris o buscaram,

necessitando o contato para continuar. Um gemido de autossatisfação soou sobre ela. Através da bruma e os olhos entreabertos, viu seu sorriso confiante.— Por favor.

—Como desejar, minha senhora — Disse em seu pescoço. Pressionou seus quadris para frente.

O duro comprimento da sua ereção substituiu seus dedos. Ela soltou um gemido de aprovação. A sensação de seu pênis era muito mais satisfatória que sua mão foi e ele a enchia por completo. Suas pernas se abriram e ela o deixou controlar o ritmo. Afortunadamente estava tão ansioso como ela e a penetrou com golpes fortes e precisos. Ela arqueou as costas levemente. A mudança de posição a recompensou com uma intensa ondulação de êxtase.

Seus movimentos ficaram mais frenéticos e selvagens. Seus seios balançaram. Conectou o joelho com o braço, levantando a perna para cima, abrindo-se mais. A mudança na intensidade fez seus olhos brilharem dourados. Mesmo que não houvesse esta mudança, podia sentir a fera selvagem dentro dele. A única coisa que podia fazer era segurar-se enquanto ele a montava.

— Assim — Ele disse em um som brusco. — Vamos Clara, assim.

Como se obedecendo, ela chegou ao clímax. Clara respirou forte quando todo seu corpo ficou rígido. Não podia mover-se, apenas podia respirar. Tremores irradiavam sobre ela. Segundos mais tarde ele se uniu a ela em sua liberação. Eles desfrutaram das sensações durante um longo tempo antes de finalmente caírem de lado na cama.

— Talvez as minas possam esperar até amanhã. Não quero sair da cama hoje — Sussurrou fechando os olhos.

Vlad se ajustou e puxou-a contra ele. Em questão de segundos, o subir e descer de seu peito indicava que estava dormindo. Ela não se uniu a ele. Ao invés, descansou em seus braços, tentando processar tudo o que aconteceu. Ao tocar seus lábios, perguntou-se como era quando sorria. O conceito ainda era estranho.

—Adorável—Ele murmurou em seu sono. —Você parece adorável.

Capítulo 10

Uma semana se passou antes que fossem capazes de ir para as minas. Em primeiro lugar Vlad não queria sair da cama ou mais concretamente de sua esposa na cama. Logo depois uma tempestade se aproximou e ficaram na casa por dias, enquanto a água caía sobre a aldeia continuamente. Enquanto Clara tinha certeza de que os homens saíam facilmente neste clima, agradeceu a consideração de seu marido ao se mostrar valente na tempestade.

Clara estava se acostumando com muitas pessoas em uma casa, embora não se acostumasse a uma casa tão pequena, como uma casa de campo. Com apenas alguns quartos, ainda mais se contasse com aqueles nos quais podia entrar, havia poucas opções de privacidade. Isto a obrigou a se esconder, fosse no quarto que compartilhava com Vlad ou unir-se a família. A opção lógica era a companhia de Arianwen, sendo ela uma mulher, mas muitos aspectos de sua anfitriã eram tão fortes como de qualquer homem. Além disso, estava rodeada de homens. Tomo brincava com sua esposa sem parar e ela brincava de volta, sempre falando muito com ele como se fosse senhora de si mesma.

Os filhos eram todos amostras grandes, indicando como era a população do planeta. Sven olhava sempre curioso. Às vezes seus olhos demoraram muito tempo em seu rosto, mas ela não se sentia ameaçada por ele. Matus conversava com ela como uma igual e

sempre recordava incluí-la em suas conversas. Se ela não entendia uma referência em uma de suas muitas histórias, ele parecia perceber e ajustava a história para dar mais detalhes. O homem que falava muito e sempre o que dizia era interessante. Nolan era o mais incorrigível do grupo. Suas brincadeiras sempre aconteciam de forma inadequada, mas tinha um humor tão leve que não conseguia deixar de sorrir. Talvez o mais curioso fosse o fato de nenhum deles parecer pensar que tudo isso importava.

Tratavam Vlad como se tratavam entre si. Foram mais cautelosos com Clara, mas tinha a sensação que era apenas porque tinham uma história pessoal. Ela bem poderia imaginar que no prazo de um ano poderia muito bem ser a destinatária das brincadeiras de Nolan ou alguém nas histórias de Matus.

Sem perguntar, Sven pegou uma colher e colocou mais comida no prato dela, algo de cor amarela e esponjoso. A quantidade que colocou era bem maior do que a porção de uma dama. Ela levantou a mão em sinal de protesto, mas foi muito tarde.

— Terá que fazer um pouco de força hoje — Disse, parando qualquer coisa que pudesse dizer. — Haverá escadas e subidas para chegar às minas.

Clara olhou a comida em sua frente e sabia que não tinha como comer tudo. Seu estomago foi empurrado ao limite. Além de tudo, este fato a incomodava mais que os outros. Eles sempre tentavam fazer com que comesse mais e comentavam sobre seu peso como se precisasse mudar algo. Por todos seus conhecimentos sabia que estava em perfeitas condições. Ela odiava sentir-se como se a

tivessem vigiando.

Vlad estava sentado do lado oposto de Sven. Seu braço ao atrás de suas costas e ele inclinou-se mais perto dela. Matus estava terminando uma de suas histórias sobre como Sven costumava caminhar em seu sono e como o encontrara nu em uma árvore como um pássaro.

— Não aconteceu isto! — Sven protestou. — Estava nu, mas não cantava nada e não estava em uma árvore.

— Estava dormindo, como pode ter certeza? — Insistiu Nolan.

—Eu não vi, mas estava todo arranhado quando o trouxeram para casa — Acrescentou Tomos, unindo-se as brincadeiras com seus filhos. Clara olhou seu prato e tentou comer um pouco. Era muito doce. Vlad pegou uma colher se serviu do doce. Ela o olhou com surpresa e ele piscou um olho. Clara assentiu em agradecimento. Não tinha como ser capaz de suportar tanta comida doce. O sabor ficou preso em sua garganta. Tomou um pouco de água para tirar o gosto. Ninguém parecia notar os roubos de Vlad.

— Que tipo de mina é? — Clara perguntou quando as brincadeiras pararam.

Todos os olhos se voltaram para ela com surpresa, inclusive seu marido.

— Você não sabe? — Arianwen perguntou como se tal coisa fosse algo estranho. — Pensei que todo o universo soubesse sobre nossas minas.

— A galáxia — Respondeu Tomos.

Essas palavras não significaram nada para Clara.

— É um minério semi-radioativo com propriedades estáveis que podem alimentar uma nave espacial por mais tempo em uma viagem no espaço profundo. — Explicou Matus. — Os capitães preferem porque necessitam menos peso de combustível para ir a distâncias longas.

— Estas montanhas os produzem — Agregou Nolan.

Sven olhou seu prato já vazio e assentiu em sinal de aprovação. Ao parecer, não percebeu que teve ajuda com o doce.

— É raro. Somos um dos poucos planetas que tem esse mineral em abundância — Continuou Matus.

— E você supervisiona todo o sistema? — Clara olhou para seu marido, curiosa. Se o que diziam fosse verdade, era muito possível que seu marido estivesse a cargo de toda a prosperidade econômica de seu povo. Essa era uma grande quantidade de energia para ser confiada a um homem que nasceu na nobreza. Vlad devia ser muito respeitado por isso.

— O dia a dia das operações, a produção, o bem estar dos trabalhadores... — As palavras de Vlad sumiram como se seu papel na economia de Qurilixen não fosse grande coisa. — As minas são um dever familiar de longa data. Mirek maneja os embaixadores, políticos, quando se trata de transporte marítimo e do comercio.

— E não cuidar devidamente pode complicar a economia? —

Clara perguntou.

— Temos sorte em ter o mineral em excesso. — Disse Tomos.
— Este acidente pode comprometer o cronograma de envio.

Vlad assentiu.

— Ainda temos que verificar o que aconteceu. Se o equipamento não estiver funcionando bem e precisar ser trocado, poderia nos atrasar.

— Certo — Tomos balançou a cabeça. O gesto foi imitado em silêncio pelos outros. Clara sentiu a seriedade como cuidavam de seus trabalhos.

— A Federação pode acelerar as coisas para vocês, não? — Perguntou.

Arianwen ficou em pé e começou a juntar os pratos.

— A Federação tem uma demanda muito alta e a ocupamos o menos possível. Em sua maior parte não pensa em nosso benefício. Tem pouco interesse em nós como povo e sim em nossas operações minerais — Vlad levantou seu prato, empilhando sobre o dela e entregando a Arianwen. A mulher os levou para a cozinha. E continuou: — Quanto a mim, estou satisfeita. Enquanto pagarem pelo minério como todos, estamos satisfeitos.

Arianwen voltou para cozinha com uma mochila e entregou para seu marido.

— Envie a um dos rapazes para avisar se for chegar mais tarde. Sei que sempre estão a salvo, mas não me deixe a noite toda

preocupada porque perdeu a noção do tempo. Uma vez mais. Aqui está a comida.

Tomos assentiu e sorriu com carinho para sua esposa, enquanto se dirigia até ela.

— Como um homem pode ter tanta sorte? — Ele a beijou sem pensar nos espectadores.

— Os deuses tiveram piedade de você e me enviaram — Respondeu ela, entretanto seu olhar suave tirava qualquer seriedade.

Tomos olhou para Clara, pegando-a os observando. Seu sorriso ficou amável antes de beijar sua esposa uma vez mais e sair de casa.

— Obrigada por sua amabilidade Arianwen — Clara disse enquanto se movia para seguir Vlad.

— Você está usando as botas que te dei? — Perguntou Arianwen. Clara assentiu. — Bom. Tenha cuidado nestas minas. Fique perto de Vlad, que vai te proteger.

A advertência a inquietou, mas voltou a assentir enquanto saía. Clara olhou para rua abaixo, assegurando-se que os ceffyls ainda estivessem longe. O chão tinha começado a secar, mas ainda havia poças de água pela rua. Tinha acabado de recuperar toda sua energia desde o último ataque a sua mente. As crianças brincavam na rua, gritando e agitando distraidamente enquanto os trabalhadores se dirigiam para a cachoeira.

Havia uma calma nos homens, uma apreciação em silêncio pela manhã. O caminho pelo qual viajavam estava bom e havia curvas cheias de terra batida como se tivesse sido usado por décadas. Em alguns lugares se viu obrigada a saltar os montes de terra ou se arriscar a arruinar suas botas emprestadas. Partes da estrada estavam na borda de um precipício, onde abaixo havia uma floresta densa. Alguns lugares pareciam ter sido usados como se homens tivessem deslizado por eles com os calcanhares de suas botas para o bosque abaixo.

Uma brisa chegava através da cachoeira, fresca, mas não úmida. O som da água correndo sobre as pedras fazia eco ao redor deles. As árvores cresciam mais abaixo no vale denso, algumas copas altas o suficiente como para tocar. Levantou a mão, deixando que seu braço roçasse as folhas. Moveu-se, um pássaro vermelho chiou de entre as folhas. Clara abriu a boca e deu um salto para trás. Os homens riram quando Vlad a pegou.

O toque de Vlad ao instante voltou a atenção do ambiente para ele. O ar fresco encheu-se de seu cheiro. Gostava do cheiro dele e se encontrou respirando fundo.

A entrada da caverna estava escondida por uma rocha que sobressaía do chão. Tomos e seus filhos deram um salto na rocha e logo desapareceram pelo outro lado, como se o movimento fosse habitual. Vlad pegou seu braço e a conduziu ao redor da entrada de um modo mais fácil. Videiras verdes brilhantes cresciam ao longo da abertura da caverna, estendida sobre a paisagem. Além das marcas evidentes de tráfego não teria imaginado que este buraco na terra fosse nada além de algo com bonitas características.

Toda a economia Draig estava neste buraco?

No interior, a caverna se abria em outra grande, que era iluminada por uma luz que refletia formações de cristais gigantes. Pedras menores se agrupavam do teto ao chão, colunas gigantes cruzavam ao azar a grande superfície unindo o teto às paredes. As colunas bloqueavam o caminho que conduzia até o interior e os homens se viam obrigados a passar por cima das estruturas.

Clara tocou o cristal com o pulso. A textura era suave, fresca e escorregadia. Ainda que os homens não parecessem ter um problema com a escalada, Clara olhou com dúvida para sua saia.

— Eu a ajudarei — Disse Vlad. — Siga meus passos.

Clara assentiu com nervosismo. As botas aderiam na superfície de cristal. Vlad subiu na frente dela e agachou para segurar sua mão. Seus dedos estremeceram quando ela o tocou, mas aguentou e se deixou puxar para cima. De pé sobre o cristal, ela sorriu com orgulho. Para os homens podia ser uma pequena façanha, mas para ela, acabou de subir sua primeira rocha. Tal coisa nunca seria permitida em seu planeta.

— Então é aqui de onde conseguem seus cristais — Comentou, fazendo um gesto para o pescoço de Nolan.

— Não, estes cristais são inúteis, exceto para guardar nossos poços — Respondeu Nolan. — As feras do bosque não se atrevem a tocá-los.

— As criaturas da caverna se aventuram a sair — Matus acrescentou ao chegar ao final das formações de cristal e descia com

um salto. Clara se aproximou com cuidado de uma inclinação, agradecida por ter colocado as botas emprestadas e não as suas.

— Nossos cristais vêm do fundo do Lago de Cristal perto do palácio. Quando nascer nosso primeiro filho eu alevarei para vê-lo quando ele receber sua pedra para que algum dia possa ser abençoado como nós — Vlad voltou-se para os cristais.

Clara escondeu sua expressão ao pensar nos planos de seus pais para ela. Era esperado que voltasse para casa com a criança e não seria permitido usar o colar de cristal. Para eles a pedra seria primitiva e bárbara. Insistiriam que no lugar deveria usar joias e roupas adequadas a Redde. A falta do cristal amaldiçoaria a criança de alguma forma?

Não queria pensar nisto. Não agora.

— Se pudesse ter estes bebês logo Vlad, eu agradeceria. Acho que toda a razão para nossa mãe querer que frequentemos o Festival de Procriação é para dar a ela bebês para estragar e mimar — Disse Sven.

— Ela sonha em segredo com um de nós lhe dando uma menina — Agregou Matus.

— Ela acha que garotas lançam facas melhores que os garotos — Explicou Nolan. — E ela quer passar suas habilidades para a próxima geração.

Clara passou através da última coluna de cristal e viu quando Vlad desceu com um salto. Ela segurou sua mão e deixou que a ajudasse a descer nas costas dele para o chão da caverna. O

exercício a deixou vermelha e ela tentou respirar para se acalmar. Os homens não se viam afetados por sua viagem.

A pedra azul das paredes da caverna brilhava em um tom prateado. A abertura aumentava a medida que desciam . Pedras soltas cobriam o chão, rangendo sob suas botas. Os raios de prata se uniam, dando um alto brilho à caverna. Refletia uma imagem deformada dela. Clara parou ao ver seu rosto sem pintura e seu cabelo sobre o pescoço ao invés de no alto da cabeça. Em tão pouco tempo, parecia diferente. Duvidava que seus irmãos sequer a reconhecessem.

— Clara? — Perguntou Vlad em voz baixa.

— Desculpa. Estava pensando que minhas irmãs e irmãos, com o casamento, estejam saindo do êxtase para ter seus filhos logo. — Ela afastou-se com tristeza de seu reflexo. — Vou perder o nascimento de meus trinta sobrinhos — Ela endireitou os ombros e suas costas ficaram rígidas. — Não estou em minha antiga casa. Estamos aqui para cumprir seu dever com os mineiros. Por favor, continue. Vou seguir seu ritmo.

A caverna começou a se reduzir ao sair do lugar azul para um lugar menor. Caminharam em silêncio uma grande distância, até que o som da água corrente fez eco ao redor. A via natural era rodeada por um poço. As marcas de ferramentas nas paredes diziam que foram feitas pelo homem.

Uma mulher dragão foi talhada na pedra. Sua feroz pele estava revestida com a umidade do tempo. A seu redor, dragões menores se reuniam adorando-a.

— É Trolla — Explicou Matus. — Protetora das minas. A deusa nos mantém a salvo.

— Superstições dos mineiros — Disse Nolan.

— Cuidado garoto — Tomos advertiu. — Respeite nossos deuses.

Nolan olhou com ar de culpa para o chão e não disse nada.

Vlad segurou seu braço quando a passagem diminuiu e se abriu em várias direções.

— Estamos perto da cascata.

— Não se pode chegar a ela agora — Matus disse. — O túnel que conduz a esta zona estava em cima de onde estamos parados. O deslizamento de rochas o fechou. Por sorte nunca é usado, já que não temos razão para ir até lá.

— O eixo está justo acima, pela frente — Disse Tomos. Parou perto de uma parede de pedra. — A nave não tripulada está do outro lado — Levantou uma unidade portátil que havia no chão e apertou alguns botões. — Não responde ao nosso sinal.

— Provavelmente foi danificado — Sven pegou a unidade de seu pai e começou a trabalhar os dedos sobre ela. — Eu marquei sua última localização quando estava aqui embaixo. Não se move, mas tenho certeza que ainda está ali. Se formos capazes de recuperá-la, podemos ver o que aconteceu.

Clara não se sentia tão bem. Tentou controlar sua respiração enquanto olhava fixamente para a parede de pedra. As vigas de

suporte estavam presas no teto e algumas das pedras foram roladas para dar passagem.

— Talvez não devesse ter deixado você vir — Disse Vlad em voz baixa.

— Se meu marido é responsável pelas minas, tenho que entender como funciona. Por isso vim — Ela estremeceu, mas escondeu seu crescente mal estar. — Estou bem.

— Se as leituras estão corretas, devemos estar perto de um oco. Até não vermos com nossos próprios olhos, não vamos saber se a nave não tripulada está funcionando e se enviou mensagens equivocadas ou se teremos que trocar a sonda da unidade.

— Suponho que a sonda — Matus disse. — É única maneira de explicar a queda. O eixo não teria caído se a rocha estivesse no lugar. As naves menores não tem um eixo grande o suficiente para causar este dano.

— As sondas são caras para trocar? — Clara perguntou a Vlad com preocupação. Ele assentiu com a cabeça, mas não parecia preocupado com o custo. Não podia deixar de pensar em como reagiu quando pediu empregados. Então ele fez parecer como se não tivesse dinheiro.

— Lady Clara, por favor afaste-se. Garotos, vamos até a mina — Tomos disse. Todos se transformaram em dragão e começaram a mover de maneira sistemática as rochas com suas mãos. Tomos tomou a vantagem, dirigindo-se aos homens no idioma Draig. Não tinha certeza de quanto tempo ficou olhando, mas sentiu-se

fascinada pela força dos homens em sua forma de dragão. Curiosa ela tentou empurrar uma rocha no chão, mas não se moveu. Ficou de pé como uma estatua durante horas, enquanto esperava pacientemente, movendo-se somente quando precisava sair do caminho para que pudessem trabalhar.

Uma vez, passou pela abertura para observar Trolla. A deusa parecia selvagem, perigosa, nenhuma das coisas que Clara era. Ela levantou a mão para tocar a pedra, mas não recebeu nenhuma mensagem além do frio, não que houvesse esperado.

Vlad segurou a pedra entre as mãos e puxou com força. Rochas começaram a deslizar ao redor dos seus pés. Sentiu que esposa estava fora da zona imediata e sabia que estava fora de perigo

— Calma — Tomos advertiu bruscamente em sua língua natal.

— A mensagem mantém-se estável — Disse Matus no mesmo idioma.

— Quase — Vlad respondeu quando Nolan se aproximou. Varias rochas menores caíam a media que tirava as outras pedras. Rapidamente se afastaram, observando a estabilidade do eixo. Vlad fechou os olhos e esperou que o ar se limpasse da poeira para que pudessem ver. O suave zumbido da ventilação estava funcionando.

— O que é...? — Matus se precipitou para frente. Colocou a cabeça na abertura que fizeram para ver dentro.

Uma suave luz brilhava de dentro, uma luz que não deveria estar ali de forma natural.

— Matus — Tomos advertiu. — Tenha cuidado.

Pegando a unidade portátil, Matus não ouviu enquanto se arrastava pela abertura estreita. Segundos depois, gritou: — Encontrei o zumbido.

— Vlad? — Perguntou Clara com voz baixa atrás deles. Sua pele mais pálida que de costume, mas sua expressão estava em branco. Ele levantou a mão para ela para indicar que deveria esperar. Aventurou-se lentamente até eles. Ouviu os passos quando voltou sua atenção a Matus.

—Pai, você deve... — As palavras de Matus ficaram menos grave, o que indicava que mudou para sua forma humana. Os outros automaticamente fizeram o mesmo.

— Encontraram a nave não tripulada — Vlad traduziu para sua esposa.

— O quê? — Tomos foi para a abertura, comprovando a segurando e logo passou por ele. Segundos mais tarde ele gritou. — Vlad!

— Vlad? — Repetiu Clara, diminuindo o tom.

— Está tudo bem — Assegurou. Vlad e moveu para Tomos. Brilhavam ao redor. Colunas de rocha estranhas enchiam o espaço, como se estivesse segurando o teto. O chão era liso com passos naturais que conduziam a margem de uma corrente subterrânea.

— De onde vem isto? — Matus perguntou enquanto a luz caía sobre a água. — Não há água nestas cavernas subterrâneas. Está

fluindo na direção errada — Apontou para o fundo. — As cascata é por ali. A água deve fluir de fora.

Tomos ajoelhou-se junto a corrente.

— Isto foi cortado. Não é natural.

Vlad observou as marcas espalhadas uniformemente ao longo da margem do rio. Na verdade se via como um corte de ferramenta.

— São recentes. Esta pedra não resistiu ao tempo — Ele se inclinou para a água e cheirou. — Isto cheira mal.

— Não toque. Conheço este cheiro, mas... — Tomos franziu o cenho. — Não posso localizá-lo.

— Nolan traga a luz — Matus ordenou.

Vlad explorou o lugar enquanto esperavam Nolan. Ouviu com atenção, mas não encontrou nada, além do pessoal na abertura. Minutos depois, Nolan apareceu com a luz. Deixou-a no chão e ascendeu. Foi para o teto e depois iluminou a zona.

O primeiro que Vlad notou foram as colunas espalhadas uniformemente e tinha estranhas esculturas nelas. Não eram coisas dos Draig.

— Estamos a caminho — Disse Sven.

Vlad levou a mão para a abertura.

— Não, espere.

Já era muito tarde, Sven entrou e estava ajudando Clara a

passar pela abertura. Ela segurou o cotovelo de Sven enquanto passava. Percebeu que seus olhos estavam mais escuros e olhavam para o lugar e se perguntou sobre sua reação física ao lugar.

— Este lugar, são ruínas? — Perguntou.

— Não. Os Draig não fizeram isto — Respondeu Matus.

— Então...? — Clara disse.

Vlad se moveu automaticamente mais perto de sua esposa. Talvez não devesse ter permitido que estivesse ali. Quando ela se ofereceu, pensou que isto seria uma tarefa simples e lhe daria a oportunidade de ver as minas.

— Meu senhor — Sussurrou. Sua mão tremeu levemente. — Você disse para dizer quando estivesse com algum problema médico. Não me sinto bem agora.

Passou a mão em seu ombro para acalmar seus nervos e deu um rápido beijo na cabeça.

— Eu a protegerei. Não devemos ficar muito aqui.

Vlad não esperava ter que demonstrar suas palavras tão rapidamente, mas quase ao mesmo tempo, um zumbido de motor soou atrás da rocha. Os homens ao instante formaram um semicírculo ao redor de Clara e enfrentaram ao ruído.

— Var? — Perguntou Nolan, indicando seu antigo inimigo, os gatos.

— Eles não viriam de tão longe — Tomos negou. — Não se

atreveriam. Não tem nenhum interesse em nossas minas.

— Não me sinto bem... — Clara sussurrou atrás dele, suas palavras eram fracas.

Vlad ouviu sua respiração pesada enquanto mantinha os olhos na caverna. O ruído continuava. Retrocedeu para a abertura.

A água começou a ondular.

— A água está mudando de direção — Apontou Matus.

— Clara se digo para correr, vá pela abertura e continue — Vlad disse. — Tente ir para a aldeia.

Uma nave alienígena estranha apareceu na superfície. Sua forma circular girando ao redor do centro de apoio para impulsionar-se para frente. O apoio pressionou os lados do novo lago com dentes de metal cortando os sulcos que examinaram antes. Levavam uma carga de mineral bruto atrás, os minerais estavam envoltos em uma grossa capa de plástico para serem mantidos secos.

— Não nos viu — Disse Matus em voz baixa.

A nave freou como se fosse parar.

— Nolan, pegue minha esposa — Vlad ordenou.

Foi arde demais. O transporte se abriu.

— Clara, vá — Sussurrou Vlad freneticamente.

Os homens mudaram, prontos para a batalha. Ficaram tensos, esperando ver o grande inimigo que se atreveu a roubar suas

minas. Um pequeno alienígena saiu da unidade e saltou para o chão. Aterrissou em três patas curtas, usando-as com um tripé. A pele translúcida tinha um brilho leitoso, cobrindo as estranhas veias azuis e púrpuras pulsantes abaixo.

Era impossível detectar o sexo do estrangeiro. Braços pequenos se estendiam de seu corpo gelatinoso. Em pé chegava até sua cintura.

— Não — Clara protestou em voz baixa.

O som de sua voz atraiu a atenção do estranho. Seu rosto tinha traços humanóides e dois olhos negros, um nariz pequeno e lábios grossos. Um olhar do que só poderia ser surpresa passou por seu rosto. Vlad abaixou a guarda, a espera do que a criatura iria fazer. O estrangeiro gritou abrindo a boca de forma larga.

Tomos grunhiu em troca. Vlad deu um passo adiante. O estrangeiro começou a tremer, o corpo ficando mais fino, já que ampliou seu tamanho. O grito ficou mais forte.

— Tire-a daqui! — Gritou Vlad.

— Não posso — Nolan respondeu. — Ela está...

Vlad queria olhar, mas não se atrevia a afastar os olhos da ameaça. Grunhindo forte por as cordas vocais terem mudado, ordenou.

— Proteja minha esposa!

O estrangeiro golpeou a mão para frente como um elástico, golpeando tanto Matus como Sven em um único golpe.

Surpreso com seu alcance e força, os homens perderam o equilíbrio e caíram no chão.

— O que é isso? — Tomos perguntou.

Vlad não tinha resposta. Nunca viu um ser semelhante.

— Como o matamos? — Sven gritou.

Vlad conseguiu abrir caminho de lado. Correu para frente, com garras e presas, saltou com o objetivo no peito do estrangeiro. Golpeando ao aterrissar sua mão encontrou a carne viscosa. O estrangeiro absorveu o golpe. Movia-se com ele, envolvendo o punho e o braço de Vlad dentro de seu corpo. A pele translúcida fechava como um poço enquanto ele aspirava profundamente. Vlad usou a mão livre, mas apenas arranhou a si mesmo. Uma substância pegajosa fluía de seus dedos. Sangue? Não tinha certeza. O corpo do estrangeiro estava tentando absorvê-lo. A carne estranha abarcava seu braço e logo seu ombro. Em questão de segundos sentiu-se sufocar. Vlad se mordeu e escutou o barulho de suas presas perfurando a pele.

— Vlad — Ouviu Clara gritar.

De repente o alienígena gritou mais forte e o expulsou. Vlad foi catapultado fora da criatura. Voou pelo ar, parando apenas quando golpeou a parede de pedra. Sua cabeça girou novamente sobre a pedra e caiu no chão atordoado. O sabor metálico de sangue encheu sua língua ficando difícil respirar.

Clara gritou novamente, desta vez um som incoerente. O gritou do estranho ficou mais forte em resposta. Alguém puxou seu

braço para levantá-lo. Vlad tentou mover-se ao som de sua esposa, mas cambaleou.

— Vlad — Disse Tomos, soando surpreso. — Olhe.

Vlad deixou de se mover o suficiente para olhar a situação. Clara estava em pé com os braços no alto, os pulsos e as palmas apontando para o alienígena. A criatura se retorceu de dor, indo em direção a sua nave esférica. Encolheu de tamanho, quase como se tentasse ficar menor em um esforço de tentar se proteger. Vlad moveu-se lentamente até sua esposa, encantado com sua capacidade. A medida que ficou a vista, viu seu rosto concentrado. Tinha os olhos quase verdes consumindo o anel central púrpura. Ela gritou novamente, como se o som estivesse sendo arrancado involuntariamente dela.

O estranho sacudiu, voltando a cair no transporte. Golpeou os braços antes de levantar a pequena esfera. Se Vlad não estivesse equivocado, viu a criatura sorrir antes de sair da caverna. O dispositivo metálico parecia que iria se romper entre os cristais, mas nada aconteceu. Segundos mais tarde, já não estava.

Clara abriu a boca e deixou cair os braços. Vlad a pegou enquanto caía. Colocou-a no chão e afastou se cabelo. Ela estava úmida e trêmula.

— Você foi infectado — Sussurrou com voz fraca.

— Rapazes — Gritou Tomos. — Cubram-se. Não entrem na água.

Os outros correram e Vlad pegou sua esposa. Lançaram-se

atrás das colunas. Quando se voltou viu que a nave não tripulada piscava freneticamente. Vlad colocou Clara na coluna e a protegeu com seu corpo. Por instinto, ele mudou e colocou a cabeça junto a sua. O zumbido apareceu, segundos antes de uma explosão ensurdecedora acontecer.

Capítulo 11

Clara tossiu, empurrando o peso que segurava. Seus braços se encontraram com um peito e se esforçou para ver além do cabelo no rosto. Conseguiu ver pouco. A caverna estava escura. Cuspiu mechas de cabelo da boca enquanto se esforçava para respirar o ar cheio de fumaça.

Um gemido soou à distância. Então uma tosse. Pedras estavam sobre pedras.

— Rapazes? — A voz de Tomos veio mais rouca e áspera. — Senhora?

Clara conseguiu tossir em resposta.

— Pai — Matus chamou. Sua voz ressoou com eco. — Nolan? Nolan!

De repente um peso saiu de cima dela e pode ver bem. Sven colocou Vlad no chão e começou a examiná-lo.

— Vlad caiu, mas está vivo.

A fumaça começou a dispersar-se, saindo do lugar.

— Os respiradores estão funcionando — Disse Sven.

— Nolan? — Gritou Tomos. — Nolan!

— Fique com ele — Disse Sven para Clara. — Tenho que encontrar meu irmão — Ela assentiu.

Sven desapareceu na escuridão, deixando-a sozinha com seu marido. Estava próximo de seu corpo, sobre a dura pele de sua mudança. Ele não se moveu, não gemeu. Seu peito se levantava apenas um pouco.

A luta a deixou esgotada e não podia se concentrar. Suas mãos encontraram a rigidez de seus braços e retiraram-se, segura do que tocava. A parte posterior da mão roçou perto de sua cintura para topar com metal grosso. Buscou cegamente o interruptor. Uma luz brilhou e apontou para o rosto de seu marido.

— Aqui! — Sven gritou. Dirigiu a luz para o som. Um corpo estava coberto pela rocha. — Eu o encontrei.

Os homens trabalharam para livrar Nolan. Ela colocou sua mão sobre Vlad, não tirou a luz dos homens, inclusive quando queria desesperadamente ver a extensão do dano em seu marido. Sempre e quando seu peito se movesse sabia que estava vivo. A sensação do ritmo cardíaco lento a acalmava. Pegou um pouco de sua energia restante para senti-lo contra sua palma sobre o escudo duro de pele.

— Vive — Disse Matus depois do que pareceu uma eternidade de escavação.

Outra luz acendeu e Clara no mesmo instante começou a examinar seu marido. Estava em sua forma de dragão, inconsciente. Apontou a luz para suas mãos onde as sentiu pegajosas. Sangue,

pele queimada cobria as mãos e antebraços. Olhou a outra. Ainda que não fosse tão ruim, também estava queimada.

— Preciso de um médico — Disse Clara, colocando com cuidado as mãos no peito de seu marido.

— Vou buscar — Disse Sven. A luz se moveu com ele enquanto cruzava a distância para parar. Algo brilhou por cima do muro caído pela abertura. — Não posso sair. Nossos mantimentos estão do outro lado. Estamos presos.



Clara não tinha certeza de quando aconteceu, mas desmaiou de exaustão. A última coisa que lembrava era que disseram que estavam presos na caverna. Alguém deve tê-la deitado junto com Vlad e Nolan, porque quando acordou, estava entre os dois homens.

Um suave resplendor os rodeava, o movimento das costas nuas de Tomos. Levantava uma tocha improvisada feita de metal e sua roupa, e a colocava no rio subterrâneo. Levou a tocha que já estava acesa em um lugar entre as rochas.

— A água queima? — Perguntou Clara. Do lado deles havia um rio. Do outro no centro havia restos de um androide. Apenas as colunas os protegeram da explosão.

— Está contaminada — Tomos olhou em sua direção antes de para Vlad e seu filho. Ele se aproximou e encaixou uma segunda tocha na parede. — Estão desencapando quimicamente o mineral.

Levei um tempo para reconhecer o cheiro. Há anos, quando fizemos isto pela primeira vez, estes estranhos alienígenas tentaram nos vender a tecnologia da mineração química. Lembro-me disto porque o sentimos muito. Pareciam humanoides, mas afetados por mutações estranhas que não mostravam uma indicação de sua raça original, tinham o rosto coberto por grandes círculos, outro tinha dedos a mais, por um lado, outro fluía um líquido branco dos olhos. Chamaram o processo de fratura hidráulica ou quebra. É eficiente, mas seu custo para a terra é enorme. Pensando bem, a mutação era provavelmente devido a exposição química prolongada. Tivemos sorte de que a explosão de hoje não fez o rio pegar fogo. Trolla nos ajudou. Mas você não irá querer tocar esta água. Fomos capazes de ascender o fogo com os restos do androide.

Clara olhou para Nolan e seu marido. Ambos estavam mudados.

— Tiveram sorte — Disse Tomos. — Seus dragões salvaram suas vidas e os protegeram, inclusive agora. Vão se curar mais rápido desta forma, mas ainda precisam de atenção médica. Não posso limpar as feridas aqui.

— O que faremos? — Perguntou.

— Vamos esperar. Sven e Matus encontraram uma greta na parede de pedra que explodiu. Foram para a água para ver se conseguem encontrar uma maneira de sair daqui. O eixo principal está bloqueando os escombros — Tomos acendeu outra tocha e encontrou um lugar para ela antes de se unir ao seu filho no chão.

— Podemos cavar para fora como fizeram para dentro? — Não

tinha certeza do bem que fariam mover as pedras, mas tentaria.

Tocou Nolan amorosamente na parte superior da cabeça.

— Iríamos levar semana cavando e não temos mantimentos.

— Os outros virão por nós — Insistiu Clara. — Arianwen virá. Ela sabe que estamos aqui.

— Com o tempo sim. Pensará que esqueci outra vez e irá esperar até a noite — Tomos suspirou. — Quando ela perceber, poderá não saber que estamos aqui dentro. Dependerá de como estão as coisas do lado de fora depois da segunda queda de rochas. Vlad ordenou que as escavações parassem então as minas estão provavelmente vazias. Buscarão nos eixos abertos e bosque em primeiro lugar. Então, quando alguém perceber que as rochas caíram pela segunda vez, começarão a cavar.

Clara escondeu seu medo. Apreciava sua honestidade, ainda que não tivesse certeza de que apreciava ouvi-la. Engolindo nervosa, ela tentou respirar. O ar cheirava horrível e a queimava quando sentia mais profundo.

— A explosão derrubou as pedras. Os escombros são mais grossos que antes. Não tenho certeza se conseguirão reconhecer nossos sinais de vida do outro lado — Tomos levantou-se, inclinando-se para ter uma melhor visão dos escombros. — Preocupa-me que não teremos energia para mover as rochas por nós mesmos. Nossa melhor aposta é encontrar outra saída.

Clara olhou para os dois homens feridos. Apesar de não conhecer as capacidades curativas dos Draig em sua forma de

dragão, duvidava que Vlad e Nolan pudessem durar semanas sem atenção médica.

— Estas feridas precisam ser limpas — Disse. — Com sorte, Sven e Matus chegarão à cascata.

Ela assentiu com a cabeça.

— Lutou com valentia. Trás muita honra a nossa família. Pode muito bem ter salvo a todos nós. Por isso agradeço.

— Não — Clara negou com a cabeça. — Não foi valentia. Foi instinto. Os Reddes não se dão muito bem com os Toyes.

— Você sabe qual a raça dos alienígenas?

Clara assentiu.

— Eles estabelecem bases de lucro em todo o universo, minas, colheitas, o que der benefícios em um planeta eles testam explorá-lo. A maioria dos estrangeiros lhes permite a entrada porque parecem muito inofensivos e dóceis, como pequenas bolas moles. Também tem o respaldo da Federação que gosta dos resultados que produzem. São bons no que fazem, altamente eficientes, mas fogem do planeta antes que descubram o que está acontecendo. Eles aterrissaram em Redde para colher nossas árvores. Nosso povo não se dá muito bem. Nós nos comunicamos com os animais e o processo psíquico ainda que muito inofensivo, na maioria dos casos, ferve o toye de dentro para fora. Vimos seus métodos quando os sentimos. Não podemos ficar no mesmo lugar.

— Então realmente os deuses nos abençoaram quando a

enviaram para se casar com Vlad — Concluiu Tomos. Olhou para Nolan. — Disse a meu filho para não duvidar dos deuses. Garoto tonto. Ele tem a sorte de Trolla não matá-lo por duvidar.

— Não pode culpá-lo por isso — Disse Clara.

Tomos não respondeu.

— Estou surpresa por não terem lidado com os Troyes até agora por causa do minério.

— Não estamos na Federação — Disse Tomos, como se isso pudesse explicar.

— Talvez eles levaram mais tempo para descobrirem algo — Disse Clara.

— Fomos abençoados com você aqui, minha lady. Pelo que vi, pode nos proteger — Tomos suspirou, profundamente.

— Vai ser uma coisa difícil para seu marido entender. Foi ensinado a acreditar que é seu dever protegê-la. Eu sabia que seria difícil quando me casei e descobri que Ari esteve em mais batalhas que eu.

— Se ele estivesse com outros seria mais difícil combater a infestação. Os Toyes raramente ficam sozinhos. No entanto, este estava. Se mais Toyes aparecerem, não serei capaz de lutar com eles. Eles sugam minhas energias — Clara olhou para as mãos de Vlad. Ela queria curá-lo. O sangue seco e a pele queimada eram demais e teve que fechar os olhos.

— Viu seus planos? — Perguntou tomos. — Quantos são?

Onde estão?

— Ainda não está claro — Disse Clara. — Posso garantir que há mais deles. Deve manter um olho no rio. Deveria ter adivinhado quando comecei a sentir mal nos tuneis, mas não vejo um Toye desde que era criança. Não reconheci os sinais.

— Assim como eu não reconheci num instante o cheiro dos produtos químicos — Disse. Estranhamente a comparação lhe deu um pouco de consolo.

Quando deixaram de falar, o silêncio ficou ensurdecedor e a preocupação começou a se instaurar, ficando mais difícil respirar. Desceu o olhar para Vlad e tocou seu rosto com o pulso. Suas mãos estavam doloridas pela presença do Toye. Por dentro sentia-se cansada, mais que com os ceffyls, mas não queria se queixar. Ao ver a manga suja, franziu o cenho. Como não pode ter notado seu próprio estado? Passou a mão pelos cabelos. As pontas estavam chamuscadas. O destino era uma coisa estranha. Em um momento estava sentada na Galeria Nobre de Portraite conversando com seu pai, sobre ser uma Redde perfeita e no seguinte estava presa em uma mina, suja e chamuscada, conversando com um plebeu como se fosse seu igual. Ela apostaria que seus pais não previram este futuro para sua filha.

A pouca luz mostrada sua roupa suja, mas não era capaz de fazer nada a respeito. Era possível que morresse neste buraco. E se os homens não voltassem? E foram pegos? O que os mataria? As lesões? A falta de água e alimentos? O cheiro dos compostos químicos do rio?

— Quão perigosos são os produtos químicos? — Perguntou ela, com vontade de ouvir algo mais que silêncio. A ideia de seu corpo mutante com tumores na cabeça a deixou sem fôlego e enjoada.

— Pelo que me lembro, grandes buracos perfuraram a terra e logo o fluido foi empurrado dentro dos buracos para romper a rocha. O líquido está cheio de produtos químicos que atraem o mineral e ajuda a flutuar para cima. Meu palpite é que este rio é uma corrente de quebra. Quando nossos científicos analisaram uma amostra nos pareceu tóxico e perigoso. Sem uma maneira de assegurar-se que os produtos químicos fiquem inertes depois do uso, eles deixam uma toxina ativa na terra ou flutuando nos rios, eles evaporam os gases no ar. O processo pode ser mais rápido com a escavação, mas porque alguém iria querer renunciar aos alimentos frescos que crescem na terra e água limpa? Não se pode jogar produtos químicos agressivos na terra e esperar que não tenha um preço a pagar. Não, os deuses proverão, como sempre fizeram.

— Suponho que a maioria das pessoas preferem os simuladores de alimentos e filtros de água tecnológicos — Respondeu Clara.

Tomos negou com a cabeça. Ele colocou a mão sobre seu filho.

— A comida da terra tem um gosto melhor. Lorde Mirek nos deu um simulador de alimentos anos atrás, para o caso de uma escassez. Costumávamos fazer quem bebesse demais, o provar. Não acho que foi consertado depois que Gront o golpeou com uma picareta — Ele negou com a cabeça. — Não, queremos viver melhor.

Viver com saúde. A maneira mais fácil conduz a preguiça e a complacência e... no caso dos produtos químicos, qualquer número de enfermidades médicas e psicológicas desconhecidas.

Para um plebeu e mineiro, ele conhecia muito. Perguntou-se se seus pais já conversaram com um plebeu. Eles não eram como imaginou que fossem.

— Pode cuidar de Nolan? — Perguntou Tomos, em pé. Clara assentiu.— Quero ouvir meus filhos. Não gosto que demorem tanto.

Clara concentrou-se em seu dever. Ouviu o ritmo de Tomos durante o que pareceu horas. Tentou não se preocupar mais, mas ela sentiu suas emoções facilmente. O tempo mudou muito pouco. O tempo, no entanto, ajudava a reconstruir suas forças. Apoiou a mão sobre a cabeça de Vlad e Nolan, fechou os olhos e tentou se conectar com eles. A única coisa que encontrou foi uma persistente dor na inconsciência. Ela moveu as mãos para trás. Seus braços doíam por Vlad e seu estomago por Nolan.

Clara se alegrava por estarem inconscientes. Era muito melhor que não soubessem que sabia o quanto sofriam. Levantando a camisa de Nolan examinou seu estomago. Tomos estava ao instante a seu lado.

— O que foi?

— Não sei. — Ela revelou um hematoma escuro que encontrou.

— Acho que quebrou algum osso.

— Ach!

Clara ficou em pé, com impaciência ao ver Matus passar pela abertura da parede de pedra.

—Conseguiu ajuda? — Perguntou Tomos.

— Encontramos a cascata — Respondeu Matus. Estendeu a mão sobre a boca.

— Passamos por vários tuneis, mas encontramos um caminho — Acrescentou Sven. Também cobriu a boca. — O ar está acre. O sistema de ventilação não deve registrar o cheiro químico. Vamos sair daqui.

Clara esteve respirando os produtos químicos por tanto tempo que já não notava sua potencia.

— Não sei se devemos movê-los. Posso ficar que quiserem ir.

— Não pode continuar respirando o ar contaminado — Matus negou. Tomos agarrou Nolan do outro lado para ajudar.

— Cuidado com o peito — Advertiu Clara.

— Ajude-me com seu marido — Disse Sven. Pegou Vlad por cima, segurando a maior parte de seu peso. Ao final, ele realmente não precisou de sua ajuda, mas ela queria fazer algo útil.

Conseguir passar os homens feridos pela abertura na parede foi difícil. Levou algumas manobras, mas finalmente conseguiram passar. As paredes de pedra golpearam as mãos de Vlad, fazendo Clara estremecer. Tomos entregou a ela uma tocha. Uma vez do

outro lado, o ar ainda que forte, era mais fresco. Os homens mudaram. Tomos ajudou Sven a segurar os ombros de Vlad. Tomos e Matus levaram Nolan entre eles. Clara ficou com as três tochas.

Estava preocupada com o corpo de seu marido. Tentou manter a calma, mas era difícil quando ele não acordava. Teve tempo de sobra para olhar seu rosto mudado enquanto dormia. Havia tanta força nele. Manteve sua palavra. Ele a protegeu e agora estava pagando um alto preço.

Caminharam em silêncio. Matus e Tomos na frente através das passagens desniveladas e tuneis. A luz parecia assustar as pequenas criaturas que habitavam a caverna. Nenhum dos homens se preocupava com os insetos do tamanho do punho ou os pequenos lagartos pálidos entre os insetos.

Capítulo 12

Eles estavam presos.

A luz natural brilhava atrás da parede da cascata. A princípio, o ar fresco e a luz do sol foram uma benção... até Clara descobrir que não havia maneira de passar pela corrente de água. Ao que parecia, teriam que esperar que o rio descesse, pois estava cheio da chuva recente. A liberdade estava tão perto e ao mesmo tempo impossível de alcançar, então a luz ficou brincalhona.

Este fato não impediu Tomos de tentar descer. Tentou passar pela água até a borda. A pressão da cascata quase o jogou de lá. Foi por um pequeno milagre que Sven e Matus conseguissem tirá-lo das rochas abaixo. Clara sentiu a dor de Tomos por não ser capaz de conseguir ajuda médica para Nolan e Vlad. Nunca sentiu a profundidade de tanta emoção em seu próprio pai e não podia evitar se perguntar se seria valente em uma cascata mortal para tentar salvá-la.

Um lago de água fresca cobria a maior parte da caverna. Clara atendeu os feridos o melhor que pode, limpou suas feridas e tentou passar água por suas gargantas. Quando os sentiu em seu interior, conheceu a extensão de suas dores. Precisavam de comida e algum tipo de atenção médica, que não estava preparada para dar.

Matus, Sven e Tomos eram experientes em sobrevivência

nasminas. Ela assumiu este fato devido a forma como se comportavam. Matus utilizava os musgos secos pendurados no teto da caverna para manter o fogo aceso. Tomos e Sven caçavam para alimentar-se. Clara tentou não pensar no que estava colocando em sua boca, mas o lagarto e a festa de insetos eram difíceis de ignorar.

— Simuladores de alimentos não soam tão mal neste momento — Tomos brincou, com cansaço, no momento que entregou a ela um lagarto assado.

À noite, Clara tentou dormir junto a Vlad, mas ficou acordada olhando seu rosto para ver um sinal de movimento. A ideia de que poderia passar semanas até as pessoas os encontrarem a preocupava. Era difícil seguir a luz constante, mas achava que tinha passado três dias sob a cascata. Apenas uma vez sentiu a enfermidade que indicava a presença de um Teye em algum lugar nas minas, mas era leve e ela não contou para os homens. Tinham preocupações suficientes tentando sobreviver.

— É preciso comprovar a abertura? — Clara perguntou. — Talvez alguém esteja nos procurando.

— Irão se passar semanas antes que comecem a cavar nos procurando — Disse Tomos. — Comprovei esta manhã. A fumaça ali ainda está forte. Seria melhor se eles não tentassem entrar.

— A água ali queima. Não nos atrevemos levar uma tocha acesa a este lugar — Disse Sven, aproveitando a luz artificial que levava na cintura. Não a usavam com frequência, tentando conservá-la. — Não tenho certeza de que o ar vai se limpar do cheiro químico. Preocupa-me o que acontecerá se os homens usarem metal

para golpear a pedra. O que acontece de explodir? Tenho que descer esta cascata adverti-los e dizer onde estamos.

— Vamos seguir o protocolo — Matus assegurou. — Vamos ir pouco a pouco e provar o ar.

— Podemos sobreviver tanto tempo? — Clara ficou sobre Vlad e Nolan e fez sinais para seus pacientes. — Eles podem?

— A água está descendo — Disse Sven de onde se encontrava no rio pouco profundo. A água golpeava suas coxas, molhando as roupas. — Vou tentar descer. Posso trazer uma unidade médica nas costas. Podemos coordenar os esforços.

— Você não conseguirá descer com segurança. A água é muito forte — Tomos negou com a cabeça. — Não, filho, temos que confiar que tudo irá ficar bem.

— Matus? — Sven voltou-se para seu irmão buscando apoio para sua decisão.

— É muito arriscado — Matus olhou com culpa para seu pai. — A água irá lhe empurrar.

— É melhor que morrer de fome aqui — Sven passou as mãos pelos cabelos em sinal de frustração. — Se a equipe de resgate chegar muito rápido poderemos morrer. Se chegar devagar, Nolan e Vald não poderão sobreviver.

— Vamos esperar um pouco mais — Disse Tomos. — Se formos pacientes, Trolla proporcionará uma saída. A deusa não quer nos libertar agora. Não teriam conseguido me puxar se ela não

quisesse. Vamos Sven, vamos procurar comida. Você precisará de sua força no momento de descer.

Clara suspeitava que Tomos não acreditava plenamente em suas palavras, mas falou para consolar seus filhos e lhes dar esperança.

Quando ficaram sozinhos com os dois enfermos, Matus resmungou para si mesmo: — Trolla proporcionará? Como fez com os pais de Vlad? Como está fazendo com Vlad e Nolan agora?

— O que aconteceu com os pais de Vlad? — Perguntou Clara.

Matus franziu o cenho.

— Desculpe. Não deveria ter falado em voz alta. Tenho certeza que seu marido vai ficar bem.

— O que aconteceu?

— Houve uma explosão de bolsa térmica — A resposta veio rouca, aos seus pés.

Ela ficou sem fôlego olhando para baixo.

— Matus, Vlad acordou.

O corpo de Vlad mudou para a forma humana enquanto continuava aturdido.

— Meu pai foi capturado. Minha mãe foi salvá-lo e ambos morreram sob um deslizamento de pedras.

Clara se ajoelhou junto a ele quando o alívio a inundou.

Tentou muito forte controlar a si mesma, até este momento. Agora não se importava se todos vissem o que estava sentindo. Apoiou o dorso da mão em sua bochecha.

— Como está? O que dói? Como posso lhe ajudar?

— Onde estamos? — Resmungou piscando forte. Matus explicou rapidamente sua situação enquanto Clara ajudava Vlad a se sentar. Depois o homem acrescentou: — Sua esposa honrou seu nome. Nenhuma vez ela gritou histericamente ou se queixou. Ela cuidou de si mesma, assim como qualquer Draig.

— Fui abençoado como uma boa esposa — Vlad olhou para o homem ainda no chão. — Nolan?

— Não se moveu — Respondeu Matus. Sentia a tensão golpeando-a como uma onda e não tentou esconder sua expressão.

Clara se inclinou e beijou seu marido, incapaz de conter seu alívio. Ele gemeu diante do contato. Ela se afastou.

— Desculpas, meu lorde, deveria ter esperado permissão.

— Seu vestido está pressionando minha mão — Explicou Vlad levantando as mãos para olhá-las e estremeceu. Logo se inclinou para ela com os lábios franzidos levemente. — Tente novamente.

Ela lhe deu o beijo que buscava.

— Fico feliz por estar acordado, meu lorde. Estava muito preocupada. Tentei me comunicar com você, mas acho que não ouviu.

— Vou viver — Disse. — Não precisa se preocupar.

Sentiu que ele tentava ser valente, mas sabia quanta dor estava sentindo. Um tratamento médico seria o melhor.

— Você deve beber água. Tomos e Sven estão caçando. Tem que comer.

— Aranhas da caverna — Disse Matus. Vlad fez uma careta.

Clara foi para a água, fechou as mãos e levou o líquido para seu marido beber. Fez várias viagens, sem importar que molhava seu vestido para atendê-lo. Na última volta, ela jogou um pouco na boca de Nolan.

— Não fiz muito por você, verdade? — Sussurrou Vlad. Parecia como se quisesse tocá-la, mas suas lesões o impediam de tentar. — Nunca deveria ter permitido que viesse até aqui.

— Então estaríamos mortos. Ela derrotou o alienígena Toye e o fez fugir — Disse Matus. Quando Vlad a olhou, encolheu os ombros. — A caverna é pequena. Não há nada para fazer. Vou escutar calado.

— Toye? — Perguntou.

Clara explicou a mesma coisa aos outros e a continuação acrescentou: — Fiquei tão preocupada que não fui capaz de organizar meus pensamentos corretamente. Eu sei que precisam do minério. Eles querem suas minas e farão qualquer coisa para possuí-las. Estão estudando-as há algum tempo. Conhecem os nobres Draig. Sei que têm planos e que há mais deles.

— Você não contou isso — Disse Matus em tom de acusação.

— Vem em pedaços — Defendeu-se. — Não há nada sólido que contar. Eu não tenho um plano completo e não terei até relaxar — Olhou para Vlad, ainda aliviada que ele estivesse olhando para ela. — Por isso meu povo não permite que suas emoções fiquem livres. Temos que ser reservados. Não é apenas um capricho nobre, é uma necessidade. É difícil concentrar. Sinto muito, me concentrei em você, meu lorde, e Nolan. Não reconstruí nada mais. Estava muito cansada tentando bloquear as emoções neste planeta desde que cheguei. Então os ceffyls. Não posso processar tudo.

Quando sua voz ficou um pouco abafada, ele a interrompeu.

— Não, Clara, fez muito bem.

Ela suspirou aliviada ao escutá-lo dizer isto. A conversa acabou. Os cílios de Vlad desciam sobre seus olhos. Ela sabia que ele estava cansado. Sentada a seu lado, ela indicou que deveria colocar a cabeça em seu colo para descansar. Ele o fez, com gratidão e dormiu quase ao mesmo instante.



Vlad ignorou sua dor quando flexionou os dedos. Seu corpo não estava curando tão rápido quanto deveria. Apenas podia adivinhar que fosse por causa da dieta de aranhas e água. Ele entrava e saía do sono, odiando-se por não cuidar melhor de sua esposa. Seus traços pálidos eram uma lembrança constante do perigo que corria. Sua maior responsabilidade no mundo todo estava

em cuidar dela e sentia que falhou. Enquanto ela tentava sobreviver, ele esteve inconsciente.

Matus estava certo. Clara não se queixou, nem quando entregavam a ela insetos para comer e nem quando a única coisa para dormir era uma rocha dura, nem enquanto se preocupava com Nolan, colocando água em sua boca, mesmo a noite. Se não a estivesse vendo iria pensar que sua esposa era muito delicada para sobreviver. Ela foi criada protegida e reservada, mas agora via a força de sua natureza tranquila. Se estava com medo, não demonstrava.

— Sven e eu estamos tentando remover as pedras da abertura desde o primeiro dia. Papai não aprova porque ali o ar é tóxico e tem medo de uma chispa causar uma explosão, mas temos que sair daqui — Matus mantinha a voz em um sussurro. Estavam sentados na margem do rio longe dos demais. — Não podemos ver Nolan morrer. Meu pai não aprova nossos esforços, mas não posso ficar aqui sem fazer nada. Quanto mais pedras movermos do nosso lado, mas rápido nos encontrarão. Na verdade, não sabemos quando tempo mais se passará até que cheguem aqui.

— Ele teme perder seus três filhos — Respondeu Vlad.

— Não — Matus negou com a cabeça e assentiu para as mãos de Vlad. — Teme perder os quatro. E ele sabe que nossa mãe se negará a deixar a caverna até nos encontrar. Com Clara aqui, não teme qualquer Toye que possa encontrar. Temos que encontrar uma maneira de adverti-los. Cada segundo que passar é um risco grande.

— A água está descendo — Sven anunciou do centro do lago.

— Este é o momento. Não podemos esperar. Sei que não posso mais. Vou buscar ajuda. Direi sobre o perigo dos Toyes e a explosão, para não cavarem muito rápido e causar mais explosões com as ferramentas. Vamos abrir o caminho para você e buscar uma unidade médica e uma nave em um estado de alerta.

— Há uma nave? Poderia alguém voar e nos buscar? — Perguntou Clara.

— Mirek tem algumas naves no palácio — Disse Vlad. — Mas nenhuma tão pequena que voe sobre a terra. São feitas para viagens espaciais.

— E a forma como estão as pedras na parte inferior da cascata faz com que seja impossível voltar com os mantimentos — Disse Sven.

Tomos não falou nada. Matus fez um sinal para seu irmão ir. Vlad sabia que Sven era um escalador forte, desde que eram crianças. Vlad olhou suas mãos, odiava não ser capaz de fazer algo. Nem sequer podia tocar sua própria esposa. Clara se aproximou da borda da água e observou Sven. Ficou completamente imóvel. Tudo ao redor da caverna estava silencioso, salvo pelo rumor de água entre eles e o mundo exterior.

Tomos moveu-se para o lago para ajudar a seus filhos. Vlad pressionou a testa contra o ombro de Clara enquanto passava e ia se reunir com os demais. A água fria do lago chegou a suas coxas enquanto entrava. Proporcionou um alívio temporário as suas mãos queimadas. As gotas molhavam seu rosto e peito enquanto se aproximava da cascata. Mas perto da abertura, o lago ficava mais

fundo. O forte golpe da água contra a pedra abafava qualquer som e impedia a comunicação. Com uma série de gestos e grunhidos. Sven pressionou a pedra e subiu a sua maneira na borda. Um escorregão e a água poderia jogá-lo pela borda, golpeando seu corpo contra as rochas no caminho.

O estomago de Vlad se contorceu. Tomos apertou seu corpo contra a pedra, chegando tão longe quanto podia para ajudar a segurar o peso de seu filho. Matus se ajoelhou no lago, apoiando a perna de Sven para dar apoio. De repente, o pé de Sven escorregou, empurrando Matus muito perto da borda. Vlad se lançou para frente, colocando a mão entre Matus e a pedra. Uma dor profunda disparou por seu braço. Ele a ignorou. Seu corpo pressionou Matus quando encontrou o equilíbrio e juntos apoiaram a perna de Sven.

— Ele conseguiu — Gritou Tomos, as palavras eram quase inaudíveis. Quando Matus relaxou, Vlad puxou a mão para o peito e segurou-a. Sangue aquoso gotejava por seu braço e alegrou-se por que a água amenizava a dor e esconder suas lágrimas. Matus agarrou a parte posterior de seu braço e o conduziu até a margem para Clara.

— Ele conseguiu — Disse Matus. — Conseguiu sair. Agora tem apenas que descer.

— Ele vai conseguir — Disse Vlad segurando o braço.

— Está sangrando — Disse Clara. Ela se inclinou e puxou a saia, que rasgou na barra. Logo pegou a tira e envolveu a ferida com a parte mais limpa. — Não podemos continuar fazendo isto. Temos que encontrar uma unidade médica.

— Quando Tomos dormir, Matus e eu vamos para caverna, cavar nossa saída. Com sorte, chegaremos ao grupo de resgate do outro lado. Se eu conheço Ari, ela esta cavando seu caminho para nós neste momento — Vlad levantou o braço ferido. O sangue pingava no material.

— Porque não leva Tomos? — Perguntou Clara. — Se voltar cheirando mal e com as mãos machucadas serão uma indicação que estive cavando também. Você não está em condições de levantar pedras.

Ela tinha razão. No mundo normal teria deixado seu corpo se curar. Em vez ele respondeu: — Isto não é mais que uma prova dos deuses. Jurei que sempre a protegeria, Clara e isso é o que vou fazer — Ele não esperou que respondesse enquanto se levantava. Em voz alta disse: — Tomos, Matus é hora de nós cavarmos nossa saída daqui.

—Talvezdevêssemos ter cavado juntos desde o começo — Disse Tomos. — Eu deveria saber que os rapazes desobedeceriam minhas ordens de manterem-se fora.

Vlad apertou os dentes pela dor em seu braço ferido. As pedras se cravavam em sua pele enquanto respirava o ar tóxico; este foi o desafio mais difícil que os deuses lhe deram. Pensando em Clara, manteve-se em movimento.

— Cada pedra ajuda — Disse Matus, como se estivesse dizendo para si mesmo. — Cada uma nos leva mais perto da liberdade.

Tomos tossiu cobrindo a boca.

— Vamos buscar ar fresco — Disse Vlad, como uma ordem, não um pedido. — Vamos ver se Clara precisa de ajuda com Nolan.

Tomos foi na frente, tossindo violentamente enquanto cambaleava até a abertura.

Quando ficaram sozinhos, Vlad disse: — Estamos indo tão devagar que acho que não está adiantando. No entanto, o que podemos fazer? Sentar e esperar?

— Talvez Sven devesse ter ficado — Matus franziu o cenho. Passaram-se dois dias desde que Sven desceu a cascata e não tinham como saber se sobreviveu ou não.

— Poderíamos ter usado os seus músculos.

— Nã. — Vlad tossiu. — Tentou levantar outra pedra, mas estava muito pesada. Fez um gesto para Matus segui-lo enquanto cambaleava buscando ar. — Tinha que ir. Com o ar fresco do outro lado será capaz de escavar muito mais rápido do que se estivesse conosco. Seus músculos serão de melhor uso ali. Além disso, tinha que advertir aos demais. É muito perigoso aqui. E tem sua mãe. Ela não vai atuar com cautela estando preocupada com a família.

Matus agarrou a luz artificial e disse: — Não queria dizer isto na frente de meu pai, mas ela deve estar tão louca para nos tirar daqui com suas próprias mãos. Ela vai nos explodir.

Vlad se arrastou através da abertura. Suas mãos pulsavam. A sujeira grudava em suas feridas. Ele devagar ficou em pé,

caminhando pela parte mais fresca da caverna. O persistente cheiro da fumaça o seguia, mas o ar era limpo. Por alguns minutos sua cabeça clareou.

— Não posso calcular o dano que causou em nós esta aventura — Matus tentou rir e fracassou. A falta de comida e sono e a preocupação estavam cobrando seu preço.

— Se a ajuda não chegar logo, preciso que me prometa que levará Clara para baixo pela cascata com você. Nolan e eu não temos condições — Vlad olhou para suas mãos. — Se esperarmos muito, já não terei energia para abraçá-la.

— Vlad não...

— Matus, por favor, ela é minha esposa. Prometa que a levará antes que fique muito fraco para descer. Todos os dias a água desce mais. Logo será suficiente para tentar — Vlad manteve a voz baixa, sem querer que sua mulher descobrisse seu plano. Ela não gostaria. Ele a protegeria, inclusive se isso significasse enviá-la sem ele. — Não posso fazê-lo, não com estas mãos. Quase não posso segurar uma pedra.

— Prometo — Matus assentiu. — Mas não vai ser hoje. Vamos encontrar algo para comer e cavar.

— Oh, espero que encontre lagartos e aranhas— Vlad disse arrastando as palavras.

— Sua comida favorita — Respondeu Matus, com o mesmo sarcasmo. Ambos riram sombrios, sem poder fazer mais nada.



Um primeiro olhar mostrou a luz brilhante na abertura como um raio desde o céu, apenas para sumir quando alguém colocou o dedo nele.

Vlad ficou olhando para a escuridão, deixando cair a pequena pedra no chão. Cambaleou para trás e para frente. A luz voltou e de novo desapareceu.

— Estamos aqui! — Matus gritou com alívio, que imediatamente trouxe sons de excitação do outro lado e uma onda de movimentos.

— Tomos? — A voz de Arianwen saiu frenética do outro lado. — Está ferido? Onde estão meus filhos? Lady Clara?

— Ei — Tomos disse, com voz rouca.

— Tomos — Exclamou Arianwen com emoção evidente na voz.

Em um minuto o fedor começou a diminuir a medida que alguém do outro lado obedecia e ligava a ventilação.

— Meus meninos? — Arianwen gritou. — Onde estão meus filhos?

— Vivos, mas precisamos de um médico — Respondeu Tomos.

Ficou mais fácil respirar. O buraco ficou maior, o suficiente para Arianwen poder passar. Vlad e Matus estavam atrás de Tomos, olhando o rosto e o ombro apertado na abertura. Ela agarrou o braço

de Tomos.

— Estão chegando.

— Sven? —Tomos olhou através da abertura.

— Estou aqui — Respondeu Sven.

— Estávamos a ponto de quebrar tudo — Arianwen disse. — Ninguém pensou em comprovar o ar das bolsas de gás.

— Ela estava conduzindo quando cheguei — Disse Sven. — Bateu contra um muro quando me viu.

O rosto de Arianwen desapareceu por um minuto e a ouviram grunhir com Sven.

— Claro que estava aqui. Minha família estava presa...

— Aqui, a unidade médica — As palavras foram abafadas quando o mineiro entregou a unidade através do buraco.

Tomos a pegou e logo fez um gesto para Vlad e Matus.

— Vão.

O corpo de Vlad protestou, mas ignorou a dor física quando passou pela abertura para o outro lado. Matus levava a unidade atrás de si enquanto corria para o lago.

—A equipe de resgate abriu caminho para Clara e... — Vlad esperava que sua esposa estivesse junto a Nolan em seu posto. Não estava.

Matus correu para seu irmão para começar o tratamento.

— Clara? — Vlad chamou, olhando ao redor. Uma mecha de cabelo chamou sua atenção. Correu para frente, encontrando sua esposa no chão de boca para baixo na margem do lago. Seu braço flutuava junto com seu cabelo na água. Devagar ele a virou. Seu rosto pálido machucou na queda. Cinco centímetros mais a frente e ela teria se afogado. Ele a afastou do lago. Atrás dele, Nolan tossiu. Era o primeiro sinal real de vida do homem desde a explosão.

Clara suspirou, seu peito subindo e descendo sobre seu braço. Ele a abraçou com força, como se deixá-la ir causaria que deslizesse pela água.

Matus apareceu, com a unidade médica no braço.

— Para a dor — Logo olhou para Clara, dando o medicamento antes de sair correndo de novo para seu irmão.

Clara gemeu e tossiu. Ela se moveu contra ele, sentindo-a tão delicada que não queria deixá-la ir.

— Acabou — Sussurrou. O medicamento funcionou, aliviando seu sofrimento físico. Ele a abraçou mais forte. — A ajuda está a caminho.

Capítulo 13

—Você salvou minha família.

Clara despertou por completo com o som. Estendeu-se automaticamente para Vlad, mas não estava do seu lado. Nestes primeiro segundos de diferença entre o sono e a vigília, estava de volta à mina. A suavidade ao redor a confundiu e olhou para cama.

A viagem de volta das minas era um borrão. Estava tão cansada e tão faminta, lembrava-se vagamente de ser levada por desconhecidos de volta para o povoado. De alguma maneira, conseguiu tomar banho e comer um pedaço de pão antes de cair em um poço negro sem sonhos, em um sono profundo. Ela piscou forte quando Arianwen entrou em seu foco.

— É o medicamento desaparecendo — Disse Arianwen.

Clara começou a responder, mas o movimento repentino de Arianwen a fez ficar rígida com alarme. A mulher envolveu seus braços ao redor de seus ombros e a abraçou com força. Clara não se moveu.

— Salvou a minha família do invasor estrangeiro. Cuidou de Nolan e Vlad. Ficou sem comida para que os demais pudessem comer — Arianwen a abraçou com mais força. — Você é a filha por quem sempre orei.

Clara não tinha certeza de como reagir. Sua própria mãe nunca a tocou assim. Lentamente, levantou os braços e arqueou as mãos para trás e acariciou as costas de Arianwen com seus pulsos para devolver o gesto de forma vacilante. Arianwen tinha lágrimas nos olhos quando finalmente a soltou.

— Até que seja mãe nunca saberá o medo que senti quando vocês não voltaram. Pensei... — Arianwen sorveu pelo nariz e balançou a cabeça como se simplesmente pensar sobre isso fosse pecado. — Não importa. Minha família está a salvo.

— Vlad? Nolan? — Clara tentou perguntar, a garganta seca.

Arianwen ficou em pé e foi até a mesa ao lado. Serviu um copo de água e o entregou para Clara.

— Vlad está cuidando de suas mãos. As queimaduras foram graves. Nolan está acordado. Quebrou vários ossos, rompeu os ligamentos e golpeou o crânio bem forte. Ele não vai correr no bosque tão cedo, mas vai sobreviver. Acordou completamente esta manhã e está falando — Ela tocou o cabelo de Clara e disse em voz baixa. — E você, filha, o que posso fazer por você? Vou cozinhar qualquer coisa que quiser.

— Pão — Disse Clara insegura. Segurou o copo com os dedos e o levantou para tomar a água.

— Pão? — Arianwen riu, depois sorriu amplamente. — Pode ter qualquer coisa do universo e quer pão.

Assentindo feliz, ela concordou.

— Sim, um pedaço enorme de pão.

Quando ficou sozinha, não tinha certeza do que pensar sobre o que acabou de acontecer. Arianwen a abraçou e a reivindicou como filha.



Clara gemeu suavemente enquanto mãos quentes tocavam seu rosto. Sabia antes de olhar que Vlad estava perto. Ela sentiu seu cheiro. Piscou lentamente, abriu os olhos. Ele estava deitado a seu lado. Tinha o cabelo úmido e penteado para trás, o que dizia que tomou um banho recente. Reprimiu um bocejo.

— Quanto tempo eu dormi?

— Quase um dia inteiro — Respondeu. O halito quente roçou seu pescoço e a fez estremecer.

— Arianwen me abraçou — Clara disse.

Vlad riu entre os dentes.

— Tenho certeza que sim. Ela também está contando suas ações em todo o povoado.

Clara franziu o cenho.

— Porque espalhar a notícia de uma desgraça?

— Desgraça? Doce esposa, a que atuou desinteressadamente e com honra. Você deixaria qualquer homem orgulhoso — Ele a beijou

no rosto um centímetro longe de sua boca. — Você é uma mulher guerreira que expulsou alienígenas ladrões.

Deu a volta automaticamente e sussurrou contra os lábios dele.

— Havia apenas um alienígena.

— Você é uma lenda — Insistiu.

— Não fiz nada, meu lorde. Simplesmente não sou compatível com a raça alienígena — Clara tratou com lógica a situação. — Se tento lê-los suas entranhas fervem. É uma anomalia genética.

— Um presente dos deuses para nos proteger — Disse.

— Não, Vlad de verdade. Eu não fiz nada. Na verdade, não — A voz de Clara era suave. Seus lábios sussurravam quando ela falava. Tremores minúsculos de prazer abriram caminho através dela.

— Uma heroína verdadeiramente humilde, não dando importância a sua vitória — Vlad a beijou na boca, deixando sua língua deslizar entre seus lábios. Ela aspirou seu cheiro. Alívio a percorreu por tudo ter terminado e ele estar vivo. Moveu suas mãos sobre os quadris.

— Pode me sentir? — Perguntou. — Suas mãos, verdade...

— Hum — Ele afastou-se pensativo. — È uma boa pergunta. Ele puxou a barra de sua camisola para revelar uma coxa. Passou o dedo ao longo da parte interior da perna e deslizou para cima. — Sim, acho que estou começando a sentir... — Colocou um dedo em

seu sexo, deslizando entre os lábios. Um gemido ressoou na parte posterior da garganta. — Ah, sim definitivamente estou começando a detectar algo — Empurrou o dedo mais fundo. Fechou os olhos, inalando. — Mmm, sim acho que a sensação está voltando agora — Moveu sua língua contra os lábios. — E você mulher? — Vlad moveu seu dedo e empurrou dois para dentro. — Acha que me sente?

Clara ficou tensa diante da onda de prazer que a assaltou. Fez novamente, esfregando seu sexo. Ela soltou um gemido fraco.

Ele deixou de acariciar e ela gemeu em sinal de protesto. Vlad puxou as mantas revelando que já estava nu. Pegando sua mão, a levou até o seu pau e apertou contra o eixo. Estremeceu violentamente.

— Por todas as estrelas, seu tato é como eletricidade.

Clara abriu mais as coxas para sua mão. Em troca, ele se apoderou dela. A mão dela o seguiu. Um puxão involuntário de prazer parou seus movimentos. Sua boca reclamou a dela enquanto suas pernas empurravam suas coxas. Puxou novamente, seu estomago ficou tenso. Ela soltou seu eixo e relaxou um pouco. Gostava da conexão, levou as mãos ao seu peito para senti-lo dentro dela. Quase com desespero, entrou nela, enchendo-a por completo.

Vlad violentamente empurrou. Ele levantou seus braços para se ancorar.

Clara gostava da força de seu marido. Ele não mudou, mas seus olhos brilhavam com promessas douradas. Golpeou forte alcançando o clímax em seu interior. Ela seguiu-o, indefesa, ante as

ondas de prazer, já que superaram todo seu corpo. Vlad respondeu a seu grito suave com um dos seus. Ficou tenso, liberando-se totalmente dentro dela.



Os olhos de Clara se abriram de golpe.

—Não novamente!

Pulou da cama, sem pensar em vestir algo sobre sua camisola. Correu até a porta, por toda a casa. Seus pés escorregaram e topou com uma parede enquanto saía pela porta principal.

Endireitando-se, ela levantou as mãos e gritou: — Eu ei, eu sei, flor solar!

Três ceffys estavam na rua olhando-a. Rapidamente aproximou-se deles, ansiosa para pará-los antes que chegassem mais. Fechando os olhos, projetou uma imagem de flor para eles.

— Eu sei, eu sei. Querem flor solar — Sussurrou tentando manter a voz suave.

As criaturas giraram sobre os pés. Ela se manteve firme. Eles começaram a mostrar imagens de recém-nascidos vivos. Desta vez, já que havia menos deles, conseguiu a informação facilmente. Ela viu as mãos, mãos de um homem, a captura dos filhotes que não se moviam. O rosto do homem não era conhecido, mas ela os fez saber que o viu. Eles mostraram novamente as flores.

Clara suspirou com alívio quando as imagens pararam. Os ceffyls silvaram com suas longas línguas oscilando por atenção, já que ela ignorou o fato de ter as flores crescendo junto as portas. Ela respirou fundo. O som de risada atraiu sua atenção bruscamente para o lado. Um grupo de crianças, alguns dos quais ela reconheceu da floresta, olhavam para ela fixamente. Seus sorrisos se abriram ante sua atenção e riram com mais força. Clara olhou para baixo para ver que estava descalça e com camisola. Ofegando ela correu para casa. Clara bateu contra o peito de Vlad em seu caminho para a porta.

— O que querem? — Perguntou meio dormindo.

— Flor solar — Respondeu ela. — Sempre flor solar. Acho que ajuda a prevenir a morte ou algo assim.

Vlad fechou a porta atrás dela.

— Tenho que voltar para as minas.

Clara ficou rígida.

— Não — A palavra escapou antes que pudesse impedir.

— Vou ficar bem — Assegurou. — Vamos em um grupo grande e tomamos todas as precauções. Temos que nos assegurar que o ar ventile e pegar amostras. Meus irmãos devem ter voltado para casa com suas esposas. Iremos para o castelo para nos reunir com eles. Terei as amostras analisadas. Vamos informar sobre a invasão Toye e encontrar uma maneira de derrotá-los com a ajuda dos meus irmãos — Fez uma pausa, beijando seu nariz. — E você, doce esposa, pode falar com Alek sobre as flores solares. Talvez possa

encontrar uma forma de impedir que os ceffyls fiquem te procurando.

Clara olhou ao redor da casa de campo. A ideia de famílias nobres e castelos pareciam estranhos para ela agora. Encontrou mais apoio e felicidade nesta casinha que na casa de seus pais. Sim, ficar presa nas minas foi terrível e não era algo que queria voltar a viver...masArianwen a abraçou, Tomos deu palmadinhas em seu braço, os irmãos a tratavam como família. E Vlad, ele era o mais gentil e amoroso dos homens que conheceu.

— É cedo. Vamos voltar para a cama — Quando ele sorriu, ela suspeitou que ela não era dormir o que ele tinha em mente. Vlad enganchou seu braço nela e a levou pelo corredor até o quarto de hóspedes. Ela parou, afastando-se. Ele a olhou, interrogando.

— Eu o amo — Disse ela. — Sei que não sou boa em expressar minhas emoções, mas eu o amo. Alegro-me por termos nos casado. E quero ficar em seu planeta.

Vlad sorriu. Ele a puxou e ela caiu contra seu peito.

— Sinto-me verdadeiramente abençoado pelos deuses. Eu a amo minha doce Clara. E aonde mais iria? Está é sua casa.

Ela levantou-se para lhe dar um beijo, sem se importar que estava em pé, na casa de um plebeu, onde qualquer um da família pudesse aparecer e vê-los. Ela sabia que não entendia o queria dizer, não totalmente, mas não tinha razão para lhe dizer o plano de seus pais depois de um ano. Não iria acontecer. Clara iria encontrar uma maneira de mudar a opinião de seus pais antes deles buscá-la. Não

iria tirar os filhos de Vlad dele. Ela não iria embora. Nada importava, apenas a sensação de envolver os braços de seu marido ao seu redor e o sabor de seu beijo. Vlad a pegou nos braços, sem romper o contato com a boca e a levou para o quarto onde lentamente fizeram amor até que o dever os tirou da cama.

Capítulo 14

À Clara foi concedido um passeio por um dos ceffyls do rebanho do povoado depois que ela explicou que iria dizer aos homens sobre a flor solar. Este fato realmente pareceu excitar as criaturas, como demonstrou o rebanho que os seguiram do povoado até o castelo.

Clara olhou para trás e suspirou. Sim. Ainda ali.

O ar esquentava a medida que cavalgavam longe da Vila. Em sua maior parte o caminho estava claro, cortaram através de um vale de plantas altas. O lugar agradou os ceffyls que comiam enquanto caminhavam.

— Se conseguirmos um transporte terrestre capaz de chegar ao povoado rapidamente podemos depois visitá-los — Disse Clara.

— Fico contente que tenha gostado, porque estão aficionados a você — Vlad sorriu. Aproximou-se de seu lado e apoiou a mão em sua coxa. Ela olhou a pele descolorida. Ainda estava se curando e se perguntou se ficaria mais clara que o resto dele.

— Arianwen me abraçou e me chamou de sua filha guerreira — Admitiu.

Vlad começou a rir. Ela ficava encantada com o som desta risada.

— Um grande elogio de fato.

— Acha que sou uma guerreira? — Perguntou.

— Acho que você é perfeita — Respondeu diplomaticamente. Gostava mais desta descrição.

— Quero dar a Arianwen o vestido que trouxe comigo se não fez nada com ele. Se ela deu a outra pessoa, não precisa pegar de volta.

— Deve ter sido lavado e entregue com o resto de seus pertences em nossa casa — Vlad sorriu. — Acho que Ari vai adorar o presente.

Se aproximaram do bosque e moveram-se pela borda. Um precipício alto apareceu e levou um momento para perceber que era a entrada principal do castelo. Suas características de pedra talhada escondiam as casas na encosta da montanha. Estava cercado por montanhas escarpadas, desfiladeiros e rochas salpicadas de vegetação exuberante.

— Meu lorde, porque trouxe os ceffyls? — um homem saiu correndo de uma grande estrutura retangular. A preocupação no rosto rude lhe dava um semblante severo. — Aconteceu algo?

— O rebanho gostou de minha esposa — Disse Vlad.

Levantou a mão para ajudá-la a descer. A fera que montava não se moveu, mas tentou passar a língua em seu pulso. Ela se afastou distraidamente para não ser lambida.

Cenek examinou sua montaria, sentindo-a ao longo do corpo.

— São do sul da aldeia. Eles os seguiram até aqui?

— Minha esposa, Lady Clara — Vlad apresentou. — Cenek, treinador de ceffyls.

— Saudações, senhora — Disse Cenek reconhecendo-a. — Bem vinda a casa.

O ceffyl novamente tentou lambê-la. Cenek moveu a cabeça com assombro.

— Nunca vi nada igual em todos esses anos.

— Saudações Cenek — Disse Clara. — A fera quer comer flor solar.

— Aposto que sim — Disse olhando como se não tivesse nenhuma intenção de cumprir a solicitação.

Sons fortes de ceffyls ressoaram do edifício que Cenek veio.

— Problemas nos estábulos? — Perguntou Vlad.

Cenek franziu o cenho.

— Não deveria.

— Quer dizer que há mais? — Perguntou Clara. Ela enganchou o braço no de seu marido e levou-o ao interior rapidamente. — Foi uma honra conhece-loCenek.

Vlad riu entre dentes enquanto a conduzia à entrada do castelo.

— Você ri, mas quase não consigo controlar o rebanho —

Repreendeu com voz baixa. Clara ouviu as feras tentando segui-la e Cenek tentando o possível para se assegurar que não entrassem no castelo.

Através da porta de entrada, uma série de portas de ferro se retraía na parede de pedra para dar passagem a qualquer um que passasse. Vlad olhou para trás para o rebanho e fechou uma das portas.

— Uma medida de precaução — Ainda que soubesse que o tom sugerisse que a ideia de ceffyls nos corredores atrás dela lhe divertia muito.

Uma fila de luz iluminava o corredor. A textura rugosa da parte exterior dava passagem a uma suave perfeição de ângulos interiores. Se não tivesse entrado na montanha, iria dizer que estava em alguma casa de seu planeta, com menos detalhes adornados, claro. O vestíbulo principal se dividia em cinco direções. Cada rota tinha o mesmo aspecto.

— Nossa casa está por aqui. — Disse Vlad apontando o corredor a esquerda.

— Por onde? — Perguntou, fazendo um gesto para os outros corredores.

— Cada corredor é para um irmão e sua esposa, o corredor central conduz aos cômodos comuns onde fazemos as refeições, entretemos os convidados, socializamos, lemos pergaminhos ou fazemos reuniões de negócios. Também conduz para cima. Como mais velho, Bron irá com sua esposa para o quarto da torre, ainda

que nenhum de nós tenha ido até ali, desde que meus pais adotivos morreram — Ele abriu caminho para o corredor. — Vou mostrar nossa casa antes de saudarmos os demais. Tente se manter fora dos tuneis laterais. São labirintos desenhados para prender intrusos. Depois lhe será dado acesso ao computador principal, se não for capaz de abrir uma porta e dar a volta irá entrar no labirinto.

— Vou ter um acesso completo a casa? — Clara perguntou com surpresa. — Em todas as partes?

— Claro, você é minha esposa. Confio em você e também o farão meus irmãos.

Ela sorriu e parou, apontando de volta por onde vieram. Emocionada ela perguntou: — Espere. Assim, isto significa que todos vão viver conosco? No mesmo castelo? E ter seus filhos aqui? E seus pais adotivos viviam aqui? Assim posso assumir, quando crescerem todos nossos filhos viverão aqui também?

— Provavelmente — Disse, movendo-a para continuar caminhando uma vez mais.

Clara quase saltou em demonstração de entusiasmo impróprio de uma dama. A única coisa que sentia falta de sua casa era estar rodeada pela família, mas parecia como se fosse conseguir isso ali. Como poderia sequer deixar Vlad depois de um ano? Queria uma vida plena com ele, mas se apenas seus deuses permitissem. — Esta é uma notícia maravilhosa, meu lorde. Estava tão preocupada com o fato de vivermos com uma pequena família para sempre. Se cada mulher tiver ao menos vinte crianças, poderíamos encher uma casa deste tamanho com muita honra.

Vlad patinou até parar. Clara ignorou os ruídos enquanto continuava caminhando pelo corredor, que se curvava para a esquerda com vontade de ver sua casa. Alcançando uma porta ornamentada, procurou uma maneira de entrar. Não havia maçaneta.

Vlad se uniu a ela. Passou a mão sobre a porta e disse: — Abra — A porta obedeceu.

— Isto é bonito — Clara disse, tocando o marco da porta com a ponta dos dedos. — Nem sequer pode ver a tecnologia em seu interior.

— Talvez gostasse de ver o interior da casa, minha lady? — Perguntou Vlad. Ele não lhe deu tempo para responder quando a levantou nos braços para levá-la para dentro. Ele beijou seu pescoço, mal olhando para onde ia, enquanto caminhava pelo corredor principal. Clara estremeceu quando seus lábios tocaram em sua pele. Ele parou e a beijou com mais força, chupando suavemente de uma maneira que a deixava tremendo de antecipação. Logo, levantou a cabeça e disse. — Minha noiva encantadora eu posso apresentar... — por tudo o que é sagrado! — Seu agarre se soltou enquanto estremezia com surpresa, esteve a ponto de cair.

Clara conseguiu se segurar na posição vertical antes que caísse sobre o traseiro. Ela seguiu seu olhar para cima.

— O que é isso? — Ele não se moveu.

Clara sorriu, ao ver um retrato familiar.

— Minha família. Meus pais devem tê-lo enviado como presente de casamento — A reprodução em um grande tecido mostrava não apenas seus pais, mas todos seus irmãos e irmãs. Estendia-se por todo o lado da sala principal, até o teto, assim podia ser visto desde o chão. O marco de madeira foi reconstruído como um quebra-cabeça para segurar o tecido.

— Sim — Disse Vlad cuidadosamente. Sua expressão estava em branco. — O rei mencionou que seus pais iriam nos honrar com um grande presente. Eu estava tão emocionado com o casamento, que esqueci que ele disse que o enviaria para casa.

Preocupou-se com seu tom.

— Está decepcionado porque as proporções são um pouco diferentes? Eu sei que cada pessoa representada é menor, mas está perto. Tenho certeza que posso pedir outro, maior, se acha que este não está bom.

— Não, minha doce, doce esposa, não é nenhum pouco pequeno. É...ah, perfeito — Envolveu os braços sobre seu ombro e levantou o olhar para ela, abraçando-a de tal maneira que não pudesse ver com facilidade seu rosto.

Ela sentiu um pequeno arrepio pelo corpo e começou a se perguntar ao respeito.

— Vlad, seu tom está estranho...

— Acho que suas coisas estão no andar de cima — Interrompeu antes que pudesse terminar. — Talvez devesse ir olhar se está tudo em ordem.

Clara assentiu e foi fazer o que sugeriu. Pensou nos créditos espaciais e as pedras preciosas escondidas nos baús e ficou levemente surpresa por ter esquecido tudo isso.

Degraus abertos de madeira na parede lateral conduziam a uma sacada. De cima podia ver mais abaixo até que voltou a entrar no quarto. Uma cama grande dominava o centro do quarto. Blocos de pedra polida estavam cobertos com tapetes de pele. Luz entrava de cima, mas o quarto ainda estava escuro. As paredes eram limpas, tinha alguns tapetes e quadros vazios. Havia enormes almofadas ao redor de uma lareira triangular.

Levou um momento, mas encontrou outro cômodo em uma abertura no fundo. A distância dava a ilusão de ser pedra sólida, mas quando se aproximou viu que não era. Seus baús estavam ali, como tudo o que levou. Abriu o primeiro e encontrou a peruca que usou no dia de seu casamento. Depois de tudo que viveu, este dia estava muito longe. O leve cheiro de perfume flutuou sobre ela quando levantou a pesada peça para colocá-la no chão. Seu sorriso sumiu.

Seus pais iriam entender a sua decisão de ficar? Iriam respeitá-la? Ou tentariam obrigá-la a voltar para ter seus filhos? Sua opinião de Qurilixen mudou, mas a forma como via seu marido não seria a forma seus pais o veriam. Ela sabia que os Draig eram pessoas honradas. Seus pais os achariam uns bárbaros, excessivamente emocionais e primitivos, cujo único ponto favorável seria o fato de produzirem apenas varões. Mas, de que serviriam filhos varões para o Grande senhor e senhora se não pudessem ser criados na casa Redding? Dando um passo para trás, ficou

totalmente imóvel e contemplou seu cabelo imponente. Clara queria ficar. Sabia sem questionamentos. Mas também sabia que quando seus pais queriam algo, conseguiam.

Clara deu as costas para a peruca, empurrando seus temores para baixo. Vlad não permitiria que nada acontecesse. Ela confiava nisto. Ainda que seus pais pudessem tentar, esta era a sua casa e ela não iria a nenhum lugar.



Vlad tentou não olhar muito para os olhos fixos nele. O retrato dominou por completo o espaço, dando a sensação de um público estoicamente julgando e inspecionando seus movimentos. Agora, ele não era exatamente tímido no sentido da palavra, mas era difícil imaginar as coisas que queria fazer com sua esposa com esta reunião inexpressiva olhando para eles. A bandeira de dragão de sua família adotiva saiu para dar lugar a obra e agora estava sobre sua porta principal. Apenas podia imaginar as risadas dos empregados quando viram a monstruosidade do presente de casamento.

Vlad jurou nunca, nunca, nunca — pela felicidade de seu casamento — se atrever a chamar o retrato de monstruosidade em voz alta. Sua esposa gostou, assim, aprenderia a conviver com isso. Levantou os olhos para cada horrível plegada dele.

Apesar de ter se passado um tempo desde que ficou na casa da fortaleza, não se surpreendeu ao ver que estava limpa. Sem olhar, sabia que o banheiro a direita estava cheio de sabonetes e roupa de

cama limpa. Seu escritório estaria cheio de papéis que ele raramente lia e os relatórios que Mirek sempre escrevia para seus irmãos sobre suas missões de embaixador, com detalhes agonizantes. Lástima que Mirek não encontrou uma noiva na cerimônia. Talvez então o homem tivesse menos tempo para escrever relatórios. Sem dúvida, uma pilha descansava ali sem tocar, colocada pelos empregados.

À direita, a cozinha estava abastecida, incluindo um simulador de alimentos, do qual ele não gostava. Tão logo os empregados souberam que estaria em casa, prepararam tudo. Dentro da parede estava seu licor preferido. Na realidade, uma bebida não soava tão mal neste momento.

— Vlad?

Parou no meio da ação e foi para a porta, que já se abria. Seu irmão Alek entrou.

— Cenek disse que chegou. Agora, pode me explicar porque temos o dobro da quantidade de ceffyls na porta? Acabarão com o pasto de um ano se ficarem aqui.

— Na realidade não posso explicar no momento — Respondeu.

Alek parou e olhou para cima. Visivelmente retraído.

— Em nome de que...?

— A família de minha esposa — Vlad disse antes que seu irmão pudesse dizer algo insultante. Apontou para o quarto onde estava Clara, deixando Alek saber que não estavam sozinhos. Em voz alta, acrescentou: — Não é um presente precioso?

Alek fez um ruído fraco e assentiu com a cabeça.

— Sim, encantador.

— Ouvi que você e Bron encontraram esposas — Disse Vlad.
— Seja abençoado, irmão.

O rosto de Alek suavizou e Vlad podia dizer que seu irmão foi abençoado com um bom partido.

— Mirek também. Houve um pouco de confusão quanto sua sorte, mas ela não estava na fila tradicional da cerimônia. Na realidade, sua sorte agora é...

— É... — Vlad disse, incentivando Alek a continuar seu comentário sobre a noiva de Mirek.

Alek levantou o olhar e fez uma careta. Com suas mãos fez um gesto para a pintura e logo por cima da cabeça para indicar que todas as mulheres tinham algo sobre a cabeça no retrato. Apontou para o quarto de Vlad. Sussurrando disse: — Ela está...

Vlad fez uma careta e balançou a cabeça em negação.

Alek soltou um dramático suspiro de alívio. Vlad felizmente lhe deu um soco. Forte.

Alek riu.

— Eu mereci.

— O que acontece com a sorte de Mirek? — Vlad perguntou, tentando tirar a atenção de seu irmão do retrato.

— Lady Riona, sua esposa, está em êxtase. Mirek construiu uma câmara para ela. Trouxemos alguns médicos da Aliança Médica, mas não sabemos porque ela não acorda. Depois da cerimônia, Mirek a encontrou em um campo de flores amarelas. Os médicos disseram que não é contagiosa e não tem nenhuma doença alienígena conhecida.

A flor amarela era uma planta de crescimento lento, seu pólen conduzia a um sono temporário. Ainda que fatal em grandes doses se a vítima nunca despertasse e assim morresse de fome, seus efeitos geralmente se dissipavam rapidamente uma vez que a pessoa deixava de respirar. Não se sabia de causas prolongadas, especialmente nenhuma que requeria médicos e isolamento.

— Nunca ouvi falar de uma pessoa que ficasse em êxtase tanto tempo, mas acho que pode ter sido uma reação alérgica — Alek terminou. — Bron se casou com a irmã de Riona, Lady Aeron, então a dama da noite está sendo bem cuidada.

Vlad não duvidava que Mirek garantiria todas as comodidades para sua noiva doente. Não podia imaginar a preocupação que seu irmão estava sentindo.

— É você! — As bochechas de Clara ficaram levemente vermelhas enquanto descia as escadas. Prendeu o cabelo na altura na nuca para mantê-lo longe do rosto. Vlad sorriu automaticamente ao vê-la. Ela deu um passo para frente enquanto observava o rosto de Alek.

— Minha Lady — Disse Alek inclinando a cabeça. — Você me reconhece sem máscara?

— Flor solar — Ela disse, como se esse pensamento tivesse que estalar fora de seu corpo. — Por favor, por minha saúde mental, dê flores solares para os ceffyls.

— Minha Lady? — Alek olhou para Vlad com interrogação, claramente não seguindo o pensamento dela.

— Eles não me deixam em paz. Eles me seguem por todas as partes. Continuam me mostrando imagens de você com os filhotes que não nascem. Acho que choram porque continua insistindo que precisam comer a flor solar. Neste ponto, se tiver que colhê-las eu mesma, o farei. Mas, por favor. Flor solar.

— Minha Lady? — Alek fez um gesto para ela e virou-se para Vlad. — Ela está... bem?

— Absolutamente — Disse Vlad. Esperou uns segundos mais desfrutando da confusão de Alek, para finalmente explicar os dons de sua esposa e a comunicação com as feras. Clara estava ao seu lado, assentindo enquanto falava.

— Este é um dom extraordinário, minha Lady — Disse Alek. — Vou levar suas palavras em consideração.

Clara suspirou de alívio.

— Obrigada, meu lorde — Vlad começou a falar quando Clara de repente ficou rígida. Seus olhos escureceram, depois mudando para verde. — Nós temos que ir. Seu irmão está em perigo. O colocaram sob a terra.

— O quê...? — Vlad tocou seu braço.

Ela piscou varias vezes antes de agarrá-lo.

— O Toye. Isto foi o que não consegui ver antes porque os ceffyls insistiram. Mas os Toyes prenderam seu irmão no subterrâneo. Tem a esperança de distrair todos ao buscá-lo. Eles o mantiveram com vida para o caso de precisarem usá-lo. Mas está preso.

— Ela tem um dom — Alek disse em choque. — Isto já aconteceu. Bron foi capturado no bosque e foi acorrentando em uma prisão subterrânea perto da casa de caça. Os Vars pareciam os culpados mais prováveis no momento, apesar de que estávamos longe do norte da fronteira e não podíamos sentir o cheiro de gatos. No entanto, já que não sabíamos que havia uma prisão subterrânea no bosque, tenho que assumir que é uma herança de antigas guerras. Os Vars muito provavelmente não teriam como saber a existência da prisão. Lady Aeron nos disse que interceptou uma transmissão dizendo que estrangeiros chamados Toye poderiam tentar tomar as minas pela força.

— Bron está bem? O que aconteceu? — Vlad exigiu, perguntando-se porque ninguém o mandou chamar.

— Acabou rapidamente. Encontrei-o e está a salvo — Alek assegurou. — Mirek acaba de voltar recentemente do espaço. Olhou pelo céu ou fez qualquer coisa que estas naves fazem e descobriu que uma nave estrangeira esteve recentemente sobre as montanhas, mas já se foi. Estão tomando as precauções necessárias para garantir nossa proteção. O rei ordenou que nos ocuparmos da questão. Tem muitos problemas como o rei Attor. Os Vars cruzaram

nosso território e ele se preocupa com uma guerra antes que os príncipes cuidem bem de seus casamentos — Voltou-se para Clara. — Como descobriu o plano dos Toyes?

Vlad contou a história da mina e o que sua esposa fez. Uma mudança sutil moveu-se pela expressão de Alek e quando Vlad terminou, seu irmão levou uma mão aos ombros de Clara. Ele assentiu com a cabeça em sinal de aprovação completa.

— Bem feito — Então a segurando pelo ombro, Alek não lhe deu outra alternativa a não ser segui-lo enquanto dizia: — Agora venha conhecer o restante da família, minha lady. Lady Aeron está grávida e não irá querer ficar entre ela e uma barra de chocolate Lithorian. Ela pode arrancar sua mão com uma mordida.

— Maravilhoso — Disse Clara, voltando a sorrir para Vlad. — O primeiro de vinte.

Alek abriu a boca para perguntar, mas Vlad negou com a cabeça.

— Não irmão, não pergunte.

Capítulo 15

Clara olhou através da porta transparente grossa para a câmara de isolamento onde Lady Riona dormia. A mulher estava coberta com bolhas vermelhas e era mantida sob constante vigilância médica em um ambiente estéril. O longo cabelo castanho avermelhado estava preso na parte superior de sua cabeça, limpo e de forma simples. Clara estava acostumada a ver pessoas imobilizadas por causa de suas irmãs. Nada de grossos tubos amarelos conectados ao pó branco sobre a pele bonita, mas a mulher deveria dormir de forma confortável.

Lorde Mirek não estava em casa, mas sua saída dizia a Clara que ele proporcionou aos demais que visitassem sua noiva com comodidade, assim Clara cumpriu com seu dever e ia todos os dias e ficava em pé em silêncio na porta. A parte da casa de Mirek nas montanhas tinha pisos de pedra, almofadas grossas e moveis de madeira de grande tamanho. Os sofás estavam dispostos em um quadrado ao redor de uma mesa baixa perto de uma lareira no centro. Era cômodo em comparação com a esterilidade fria do ambiente atual de Lady Riona.

— Espero te conhecer logo, Lady Riona — Disse Clara em voz baixa, levantando sua mão para o rosto para projetar uma saudação à mulher. Como sempre Lady Riona não se moveu e Clara duvidava que a dama realmente soubesse o que estava falando.

As últimas semanas na casa do castelo foram interessantes, quando conheceu sua nova família. Lorde Bron era o Gran Duque e sua esposa, Lady Aeron, era uma especialista em comunicação. Lorde Alek frequentemente chamava Clara ao pasto para falar com os ceffyls. Odiava ir, mas pensou que fosse seu dever ajudar quando solicitada. Clara não se queixava. De alguma maneira, continuava sendo a mulher que sua mãe criou para ser. A esposa de Alek, lady Kendall, tinha a mente de uma cientista brilhante. Conversou com Mirek e Vlad sobre as minas de uma maneira que Clara sentiu uma leve dor de cabeça. Ainda que, apesar de Kendall frequentemente mencionar a Galáxia pro-média, Clara gostava dela.

Não havia dúvidas de que os homens Draig amavam suas esposas. As emoções dos irmãos irradiavam deles cada vez que as mulheres estavam perto. As esposas eram recíprocas no sentimento de todo o coração, bem, a exceção de Riona que provavelmente não sabia que Mirek sequer estava ali. Clara sentia-se cheia de amor ao ficar perto deles em grupo. Era uma sensação que não sentiu em sua infância. Clara não tinha dúvidas de que foi amada, mas não era demonstrado, como ali. Quando tivesse seus filhos, eles saberiam o que é amor. O pensamento esquentou o coração.

— Clara?

Clara se voltou para a porta. Os sorrisos estavam ficando mais naturais agora, ainda que suas novas irmãs por casamento confessassem que seus estados de animo eram difíceis de ler. Aeron cruzou o quarto para olhar sua irmã. Uma onda de tristeza saía da mulher.

— Eu já estava indo — Disse Clara. — Vou te dar privacidade.

— Não, não pode ficar. Pediram para te procurar e levá-la ao castelo — Aeron tocou a caixa de vidro levemente antes de voltar a caminhar com Clara para a casa.

— Aconteceu algo? Vlad disse que não voltaria até amanhã.

Pouco depois de sua chegada ao castelo, Lorde Bron enviou um exercito para as minas em busca de estrangeiros. Os informes também vieram com a informação de que o fluido hidráulico estava sendo drenado e os mineiros de Draig poderiam manejar o ar melhor e estavam a salvo. Inclusive tiveram que cancelar o festival anual da mineração para fazer frente às ameaças imediatas. Vlad viajou para as minas em várias ocasiões nas últimas semanas e Clara odiava quando ele ia. No entanto, havia uma conexão entre eles, mais forte que qualquer coisa que jamais experimentou e ela podia senti-lo dentro dela, sem importar a distância. Se estivesse em perigo, ela saberia.

— Eu não sei. Suponho que Mirek pode ter mais noticias do espaço? — Aeron franziu o cenho. — Ou talvez os homens estão de volta das montanhas antes do tempo?

Clara fechou os olhos e respirou fundo.

— Acho que não.

— Consegui pegar algumas antigas transmissões da Terra quando estava na torre instalando um novo modelo de comunicação — Aeron caminhou com ela pelos corredores silenciosos. Passaram por alguns empregados. — Estou gravando o que posso. Poderíamos

estar perdendo um pouco a transmissão, mas se quiser se unir a nós. Kendall e eu vamos passar um tempo de garotas, sozinhas. Vamos nos esconder na casa antiga do meu marido, aonde os homens não irão nos procurar.

Chegaram à casa de Clara e ela assentiu com a cabeça, colocando a mão no escâner.

— Ficaria encantada.

— Disse ao empregado que trouxesse lady Clara de Redding e não duas empregadas mais.

Clara ficou rígida. Um perfume familiar a rodeou.

— Clara? — Sussurrou Aeron.

Clara voltou os olhos muito abertos para encontrar seus pais em pé no meio de sua casa Draig. Seus rostos desapaixoados não demonstraram nada enquanto a olhava.

O grande senhor estava impecável, desde sua peruca até o casaco. Jaene estava adornada com um vestido rosa com pedras preciosas verdes e uma peruca da altura quase da metade da mulher. O rosto de sua mãe estava pálido com a pintura, os lábios e as bochechas de cor rosa brilhante e os cílios e sobrancelhas verdes.

O casal se igualava e isso fez com que Clara se sentisse ainda mais fora de lugar. Clara respirou fundo e logo novamente antes de fechar os olhos. Ambos se olharam, sem perceber quem era. Não era de estranhar. Decoro tinha muitas regras e Clara atualmente estava rompendo a maioria delas.

— Você deve ir — Sussurrou para Aeron. A mulher a olhou como se fosse protestar, mas por fim fez o que Clara pediu.

Clara colocou uma expressão estoica em seu rosto e abriu caminho adiante. Ela mostrou o pulso para sua mãe.

— Bem vinda a minha nova casa, Grande Senhora.

Sua mãe ficou de pé, sem mover-se, simplesmente olhando seu rosto sem pintura. Clara voltou-se para seu pai e levantou o pulso. Antes que pudesse terminar o gesto, ele disse: — Que desonra é esta? Atreve a saudar-nos vestindo-se como uma plebeia? Pensei que fosse uma empregada.

Clara levou os olhos para o chão.

— Perdoe-me Grande Senhor por minha aparência — Sentia-se como uma criança outra vez, apenas que pior. De todas as coisas que fez, das vezes que se atreveu a questioná-los ou atuou inclusive levemente ao contrário, ela nunca rompeu tantos costumes Redding como fez neste planeta. Pensou que quando os visse, não se preocuparia com as tradições, mostrando-lhes o feliz que estava com seu casamento. Em troca, o cheiro do perfume de sua mãe, dois olhares de reprovação e ela se reduziu ao que foi criada para ser, sua nobre filha... que atualmente era uma decepção para eles.

— O que lhe disse quando se foi? — Sua mãe exigiu.

Clara repetiu as palavras: — Lembre-se de ser a dama que foi criada para ser. Você representa todos de sua família com cada ação que toma. Choro sua partida, mas me regozijo com a próxima geração.

— E, no entanto seu cabelo está solto e sua pele nua — Disse Jeane. — Os bárbaros tomaram seus cosméticos?

Clara pensou nos jovens garotos que pensou que seus cosméticos fossem pinturas de guerra. Ela começou a rir. Sua mãe ofegante chamou sua atenção e a parou, deixou a cabeça cair mais baixa.

— Monitore a si mesma — Sua mãe exigiu em um tom plano afiado com a dureza.

— Perdoe-me Grande Senhora, os costumes de minha nova casa — Disse Clara com tom dócil. — Eu apenas estou atuando como o Grande Senhor Redding e Imperador decretou e abraçando a cultura do povo do meu marido. É assim como se espera que as mulheres nobres sejam neste planeta.

— Não vá contra sua mãe, Clara — Seu pai disse.

— Perdoe-me Grande Senhor, por decepcioná-lo— Desculpou-se uma vez mais. No interior, uma sensação pesada começou a enchê-la. Isso a deixou mal do estomago. Sabia que a desaprovavam e era incapaz de dizer algo que pudesse fazê-los entender sua nova vida, uma vida para a qual a enviaram. — Começou a nova geração?

— Todas as mulheres — Respondeu o Grande Senhor. — Não é o bom começo para a nova linhagem.

Jeane levantou a mão e colocou sobre o estomago de Clara. Depois de uns momentos, disse. — Talvez este seja um verão, Grande Senhor.

Clara olhou para seu estomago. Um bebê? O bebê de Vlad? Ela encheu-se de emoção e foi muito difícil contê-la. Por sorte, os nobres estavam mais concentrados em si mesmos que sua filha e perdeu o movimento nervoso de seu peito. A notícia de sua condição pareceu iluminar seu pai de alguma forma.

— Então nosso calendário está bem planejado, Grande Senhora.

Clara se perguntou porque nunca percebeu o quanto eram artificiais quando conversaram entre si. Pensou em Arianwen e seus filhos. Pensou nas risadas alegres e na ternura.

Seu pai continuou: — Quando sua mãe me disse o que sua empregada informou a ela, sabia que deveríamos chegar aqui o mais rápido possível.

— Todo este material precioso perdido no chão — Jaene disse com apenas um movimento da cabeça. — Quando soube do vestido em ruínas, pensei que seria melhor ter te obrigado a aceitar o confidente do Imperador, o Senhor Carmen. Então o Imperador não estaria tão irritado e insistido que viéssemos aqui até estes bárbaros.

Clara levantou o olhar. Essa foi a primeira coisa que ouviu que soou como um castigo? Antes que pudesse pensar em parar, ela disse: — O Senhor Carmen está apaixonado por si mesmo.

— Monitore — Sussurrou ardentemente sua mãe.

Ainda estando no centro da sala, Clara percebeu que seus pais estavam sentados nos moveis Draig.

— Em tão pouco tempo, estes primitivos fizeram muito dano. Choro a perda de meu trabalho duro — A Grande dama compartilhou um olhar estoico com seu marido. — Inclusive tiraram de você os vestidos adequados e a vestiram com este trapo.

Clara olhou para o vestido que Arianwen fez para ela depois do colapso da mina. Gostava das pontas ornamentais e as mangas largas. Ao ver o rosto inexpressivo de Jeane, perguntou-se o que mãe pensaria de Clara presa em uma mina, sozinha com vários homens por dias, comendo aranhas.

— E porque nosso retrato de família está no chão? — Jeane fez um gesto às suas costas.

— Meu senhor marido decidiu respeitar a tradição Redde e está construindo uma sala de retratos para onde este será levado. Será o primeiro colocado em uma posição de honra — Clara achou que foi um gesto muito doce de seu marido. Parecia muito orgulhosos da ideia, assim que ela não disse que sabia que ele pensava que os olhos de sua família olhando enquanto o beijava era muito estranho. Deixaria que ele pensasse que era um segredo.

— Vamos levá-la para casa agora — Seu pai decidiu.

— Como você desejar, sempre como desejar — Jaene esteve de acordo. — Vou manejar o problema e me assegurar que seu neto não seja um primitivo. Não vou ter minha filha sem refinamento nobre. Acho que é suficiente castigo. Ainda que talvez deseje que a reparasse aqui, antes de sermos visto pela tripulação?

— Isso foi porque tomei precauções — Respondeu o Grande

Senhor. — Se os bárbaros tentarem nos deter, enviaremos o exército para destruí-los.

A forma como disse era tão simples como um fato, como se ele tivesse comentado que o céu de Qurilixen era verde.

— Como desejar, marido, sempre como desejar — Disse Jeane, nunca discordando de seu marido. Por último, quando a vontade de seu pai foi decidida, sua mãe pegou a mão de Clara em um gesto carinhoso. Clara sentiu consolo nas veias azuis finas, a pele pálida o perfume, mas não era mais que a comodidade de uma lembrança da infância. Sem tocar o rosto desagradável e nu de sua filha, Jaene deixou cair o gesto.

Clara repetiu instintivamente o movimento com seu próprio pulso. Este era o plano desde o principio. Ir a Qurilixen, casar-se, ficar grávida e logo ir para casa. Fez tudo o que mandaram fazer. Quando ela olhou suas expressões expectantes, sabia que foi uma tola pensar que seria permitido ficar com Vlad, não importava o quanto o amasse. Dever não se preocupava com o amor. Seus pais não se importavam com o que desejava seu coração. Não tinha dúvidas de que seu pai enviaria exércitos para levá-la a força se tentasse ficar sem sua benção. Ela não tinha nenhum desejo de que outros morressem por causa dela.

Quando olharam para ela, seu rosto se converteu em uma máscara estoica, o que esperavam de sua filha. Ela tensou seu corpo e imitou suas poses esculturais. O gesto era mais fácil agora que aceitou seu lugar.

— Será como deseja — Disse Clara, com toda força que tinha

para não chorar. — Mas tenho uma condição que primeiro devo cumprir antes que possamos ir.



Vladgrunhiu quando o castelo finalmente apareceu a vista. Ele esteve funcionando durante quase uma hora em forma de dragão, tentando chegar em casa. Algo não estava bem. Seu coração sentia-se como se estivesse sendo arrancado de seu peito. Clara era uma constante em seu interior e logo de repente, sem aviso prévio, desapareceu. Ainda que seus músculos queimassem e seus pulmões pedissem ar, empurrou com mais força.

Seguiu seus instintos pelo corredor central para o salão comum. Agarrando a borda do canto da parede para se impulsionar, deslizou até parar na porta da habitação. Uma luz piscou, mas não importava. Seus olhos buscavam desesperadamente por Clara e suspirou com alívio quando percebeu que ela estava ali e estava bem. Então viu sua alta peruca e o rosto pintado. Ela estava quieta, sentada no extremo de uma grande cadeira. O mobiliário acomodando sua ampla saia.

A lenta exalação era apenas perceptível para o ouvido humano, mas seus sentidos dragão detectaram facilmente. Junto a sua esposa estava uma mulher Redde mais velha. Seus olhos estavam muito abertos assim como os lábios. Ainda que seu rosto estivesse desprovido de qualquer emoção verdadeira, ele sabia pelo som de seu coração batendo freneticamente que a aterrorizava. Por seu rosto, sabia que era a mãe de Clara. Vlad ao instante voltou a

sua forma humana e aproximou-se.

— Minhas desculpas, não era minha intenção assustá-la — Disse. — Deve ser a mãe de Clara, Lady Redding.

— Lady Jaene, a Grande Dama Redding — Jaene corrigiu secamente. Ele reconheceu o tom. Era o mesmo tom que Clara usou em sua cerimônia de casamento para corrigi-lo.

— Lady Jaene — Vlad reconheceu. Encontrava-se em pé em resposta a sua posição rígida. Olhou inquisitivamente para sua esposa, esperando um sorriso dela. Seus olhos se encontraram brevemente antes que ela desse a volta e olhasse para frente.

— Eu sou o pai de Lady Clara, o Grande Senhor de Redding — Disse um homem. Vlad não o viu em pé no canto quando entrou. Voltou-se e inclinou a cabeça educadamente. Por alguma razão, sentia-se como uma criança sendo chamada atenção quando o homem o olhou. — Pode se dirigir a mim como Grande Senhor. Minha esposa Grande Dama.

—Grande Senhor — Vlad inclinou a cabeça novamente, sentindo-se um pouco obrigado à formalidade. — Sou Lorde Vladan, Duque Honorário de Draig, Alto Oficial da Mineração.

— Assim foi como minha filha informou — Disse o Grande Senhor. Olhou para Vlad, estudando-o. — Não, no entanto — Ele disse com um olhar desapaixonado para Clara — Informou que é um shifter.

— Tenho certeza que ela estava respeitando o costume de nosso planeta de não compartilhar o fato que somos dragões —

Vlad chegou a seus sentimentos e tentou conseguir uma sensação de emoção em sua esposa, mas não detectou nada. Ela o bloqueou. Não gostou disso.

O homem assentiu com a cabeça, aceitando a resposta.

— Isto sem dúvida trará um novo sangue a nossa linhagem — Ele olhou para sua esposa. — Vamos ter que reconsiderar nossa posição.

Jeane assentiu com a cabeça de acordo.

— Clara, deverá ter mais que o filho que agora tem.

— Está grávida? — Vlad sorriu. De repente não se preocupou com os pais dela. Foi até sua mulher e se ajoelhou a seus pés. — É verdade? Um bebê?

Clara tentou não olhá-lo. Viu tremer o lábio inferior. Um fio fino de umidade se reuniu ao longo de seus cílios, mas não caiu. Depois de várias respirações profundas, ela disse: — Meu pai concordou em falar com o Embaixador Tøye. Não vão incomodar seu povo novamente, meu senhor. Se o fizerem, meu pai prometeu enviar o exército Redde e derrotá-los com apenas sua presença. Os Tøyes não se arriscarão a irritá-lo.

— Clara? — Sussurrou. Porque não olhava para ele? O que estava acontecendo?

— Saia do chão — Exigiu o Grande Senhor.

Vlad não obedeceu facilmente. No entanto, quando ficou evidente que Clara não iria olhar para ele, lentamente ficou em pé. O

fizeram com sua esposa?

— É como minha filha disse — O Grande Senhor continuou quando Vlad ficou de frente para ele. — A enviamos aqui para se casar. O dever dita que devemos honrar a conexão com nossa família e proporcionarmos ajuda ao planeta se necessitar. Clara nos pediu que honrasse esse dever. Os Toyes são inimigos facilmente controláveis. Eles se dobrarão a minha vontade, como a maioria dos inimigos o faz.

— Então em nome de meu povo agradeço sua interferência. Podemos lutar, mas evitar a guerra e a perda de vidas é sempre preferível. Sabia que havia uma razão para os deuses me abençoarem com uma esposa assim — Vlad tentou muito forte ocultar sua irritação. Oh, mas estava muito irritado. Este homem era insuportável e arrogante e... o que em universos conhecidos fez com sua esposa? Queria pular e gritar para os céus sua boa sorte com o bebê. Em troca, sentia-se como o personagem de alguma história estranha, atuando como se fosse outra pessoa. — Os deuses me enviaram Lady Clara...

— Eu enviei Lady Clara para se casar com um nobre — O Grande Senhor corrigiu.

— Em sua cultura, Grande Senhor — Disse Clara com voz baixa. — Aqui os deuses estão por todas as partes.

O Grande Senhor assentiu compreendendo, mas não se desculpou.

— Minha filha pediu um momento com você antes de irmos —

Disse o Grande Senhor.

— Não vai ficar? — Inclusive enquanto dizia, Vlad sentiu-se aliviado. O fato de serem os pais de Clara o fez sentir-se culpado por isso. — Posso pedir aos empregados que preparem uma ala para vocês. Está decorado para o Gran Duque.

— Não — Disse o Grande Senhor. Estendeu o braço para sua esposa, que enganchou para ficar em pé. O peso de seu vestido se abriu ao seu redor antes assentar-se. Ela assentiu com a cabeça e seguiu seu marido. Clara estendeu o braço como o fez sua mãe. Vlad enganchou e a ajudou a se levantar. Sorriu agora que estavam sozinhos. — É verdade, doce esposa? Um bebê? — Moveu-se como se fosse segurar seu rosto para beijá-la.

Ela afastou a cabeça para trás. Clara colocou distância entre eles.

— Quando meu pai disse que iria embora, quis dizer que... vou com eles.

Vlad franziu o cenho e apertou os punhos.

— Não vão levá-la. É minha esposa, Clara. Você me ama. Não sei que tipos de drogas colocaram nesta sua pintura de guerra. Se tiver que esfregar eu mesmo para limpá-la, o farei.

Clara soltou um suspiro trêmulo.

— Vlad, por favor, não — Sua força de vontade estremeceu e sentiu em seu interior. Ela o fez amá-la. Tentou tocá-la e ela outra vez se afastou dele, desta vez colocando os moveis entre eles.

— Clara não pode ir embora — Declarou.



—Não faça isto mais difícil.

Clara queria nada mais que lançar os braços ao redor de Vlad e o manter ali para sempre. Quando ela concordou em ir com seus pais, pediu em troca ajuda com os Toyes, sabia que seria difícil, mas nunca pensou que seria tão difícil assim. No interior, sentia seu coração batendo no peito. No exterior, tinha que projetar calma. Se ela o olhasse por muito tempo tudo se perderia. Seu pai ficaria furioso.

— Não entendo — Seu rosto endureceu.

— Meu pai concordou em... — Ela odiava tudo isso e estava fazendo um grande esforço para não chorar.

— Acha que estamos por baixo dele — Vlad concluiu. — Ele a enviou aqui para se casar com um nobre para poder ter seus netos e agora que está grávida, veio buscá-la para se reunir ao rebanho familiar. De verdade acha que apenas vou esperar e deixar que isto aconteça? Acha que vou deixar que levem minha esposa e meu filho?

— Não é simples assim — Protestou.

— É simples assim, Clara. Você pertence a mim — Vlad fez um movimento para se aproximar dela. Aventurou-se ao redor da cadeira entre eles.

— É a única maneira. Já viu o que aconteceu quando lidou com apenas um Toye. Como acha que será quando mais vierem? Já sequestraram o Gran Duque sem serem detectados. Vão invadir suas minas. Um quase mata você — Uma lágrima caiu e ela tentou segurá-la para não arruinar seu rosto e irritar seus pais. — Está é razão pela qual os deuses me enviaram aqui. Você mesmo disse. Nosso casamento foi uma aliança. O exército Redding pode derrotar facilmente os toyes. Eles nem sequer tem que lutar. Se ficar vou correr o risco de vê-lo morrer, vendo todos com quem cheguei a me preocupar morrer — Ari, Tomos, Sven, Matus, Nolan, Aeron, Bron, Alek, Kendall, Riona e...

— Não estava mentindo quando disse a seu pai que lutaríamos com os toyes se precisarmos fazê-lo — Disse Vlad. — Não somos covardes.

— Eu sei. Todos vocês são tão fortes e valentes, mas também disse que a melhor maneira de colocar fim a uma guerra antes que morra alguém.

— Então vou com você — Disse Vlad.

Clara ficou sem fôlego.

— Você deixaria tudo para...? — Não podia pedir para fazer isto, mesmo sabendo o muito que a amava para fazer isto. — Não, eu...

— Lady Clara.

Clara piscou ao ver sua mãe.

— O Grande Senhor disse que eu teria mais tempo que isto. Por favor...

— Monitore a si mesma — Advertiu sua mãe. Clara assentiu, secando os olhos.

Vlad teve a oportunidade de saltar sobre a cadeira para ficar ao lado de Clara. Ele envolveu seu braço ao redor de seus ombros e a puxou para seu lado.

— Eu vou com você.

As sobrancelhas de Jaene se franziram lentamente e Clara sabia que sua mãe estava horrorizada com a ideia de um bárbaro em sua casa.

— Falei com seu pai — Jaene olhou para o corredor antes de entrar. Clara assumiu que seu pai esperava no corredor para escutar. Será que ouviu sua conversa com seu marido? — É evidente que este planeta precisa de mais ajuda que um exército Redding. Não há nenhuma razão para guardá-lo se não vale a pena salvá-lo.

Vlad começou a mover-se para frente com a ofensa. Clara enganchou o braço em seu cotovelo e apertou com toda sua força.

Jaene concentrou sua atenção em seu genro.

— Acha que nossos títulos são meramente conchas? Uma chave para a posição e o poder para que possamos brincar como quisermos? Posso dizer olhando para você que não nasceu na nobreza. Nenhum verdadeiro nobre atuaria como o faz. No entanto, não importa como chegou ao título. É seu. Vou explicar como fiz

com meus filhos quando eram crianças e tive que impedi-los de brincar com os empregados de classe baixa. Você é um lorde, Vladan. Os homens que lhe servem não necessitam um amigo. Necessitam um líder. Esta é sua carga e seu dever. Não hesite. Tome seu lugar. Lorde Vladan, Duque Honorário de Draig e Alto Oficial da Mineração. Sim, nós como nobres temos privilégios, mas também temos responsabilidades. Fazemos sacrifícios. É seu dever atuar em consequência.

Vlad não respondeu. Clara se aproximou de sua mãe.

— Sabia palavras, Grande Dama.

— Lembre-se então de dizer a seu filho quais os deveres que o esperam, quando nascer — Ela disse.

— Não vai estar lá para lhe dizer? — Perguntou Clara, tentando ocultar a esperança em sua voz.

— Sempre teve olhos muito expressivos — Sua mãe disse. — Seu pai quer que permaneça aqui e instrua a estes bárbaros. Ele vê a sabedoria nisto. Se quisermos conectar nosso nome a este planeta, pelo menos um Redding deveria estar aqui para supervisionar nossos interesses — Ela lançou um olhar mordaz para Vlad. — Além disso, como sua família, podemos receber como agradecimento, minerais.

Ali estava. O que seu pai achava mais valioso do que ter sua filha em casa. Minério para alimentar suas naves.

— Com prazer — Disse Vlad, aceitando facilmente os termos da proposta de suborno.

Clara sabia que esta troca era obra de sua mãe. A Grande Dama mencionou a sabedoria de seu pai, que então tomou a ideia como sua. Clara assentiu. Tentou lutar contra suas emoções, mas era difícil.

— Obrigada, mãe — Sussurrou.

— É como seu pai quer — Disse a Grande Dama. Ela levantou a mão para sua filha.

Clara não pode resistir. Inclinou-se para frente e colocou os braços ao redor de sua mãe, deixando-a sentir todo o amor e a gratidão em seu interior. Suas perucas se golpearam. Jeane ficou rígida e não se moveu. Seus vestidos pesados apertados, ficaram presos um pouco quando Clara se afastou.

Sua mãe abriu a boca e logo fechou várias vezes. Suas palavras foram baixas quando ela disse:— Nunca volte a fazer isto.

— Como minha mãe desejar— Disse Clara.

Jaene negou com a cabeça uma vez.

— Sempre teve olhos expressivos. Não tema aos toyes. Seu pai vai para a nave agora, saudar seu Embaixador.

— Obrigada, Grande Dama — Disse Clara, levantando o pulso. Este gesto era muito mais familiar para a mulher e sua mãe levantou o pulso, sem tocar.

Quando se foi, Clara voltou-se para seu marido, sorrindo.

— Parece que precisa tanto da minha ajuda que fui forçada a

ficar aqui.

— Se pensa que vou usar uma peruca você está... bem, o farei se isso a fizer feliz — Ele deu um passo para ela. — Precisa se despedir?

— Estava implícito.

— Muito para me ensinar sobre ser um nobre — O sorriso travesso de Vlad dizia que ele não tinha a intenção de se tornar um cavalheiro Redding. Ela estava muito, muito de acordo com este ponto. Clara queria seu dragão da maneira como era.

— Já ouviu minha mãe. Ainda somos nobres, isso não significa que devermos viver vidas horríveis — Ela se moveu um pouco para ele, balançando cuidadosamente suas botas. — Temo que precise muito treinamento.

Ele arqueou uma sobrancelha. Seu vestido lhe impedia aproximar-se muito dele. Inclinou-se para frente para seus lábios pudessem se tocar suavemente.

— Você me ensinou a sorrir. Vou lhe ensinar como ser meu homem nobre — Sussurrou antes afastar-se. — Mas primeiro me ajudar a tirar esta peruca? Sinto que vou cair.

— Como minha esposa desejar — Murmurou. Ele estendeu o braço para ela e enganchou por trás e a acompanhou até seu quarto. Logo, sorrindo, disse. — Se nos apressarmos, talvez possa deixa-la grávida de gêmeos.

Clara começou a rir.

— Ah, marido, não acho que seja assim que as coisas funcionam.

— Ainda assim, sem dúvida, gostaria de tentar.



—Marido—Clara passou a mão pelo ventre arredondado enquanto seu marido massageava seus pés.

— Esposa?

— Disse algo para mim em nossa noite de casamento nessa sua língua de dragão. O que era? — Ela moveu os dedos dos pés quando suas mãos pararam.

— Disse muitas coisas a você nesta noite — Levantou o pé descalço para colocar beijos nele. — E eu queria dizer muito mais a você, bonita tentadora.

Clara puxou o pé e se inclinou sobre o sofá para que pudesse pressionar o rosto em seu pescoço. Sabia que ele gostava quando ela o beijava ali.

— Foi algo que disse que seu pai costumava dizer para sua mãe, mas nunca disse o que significava.

Vlad inclinou a cabeça para trás e começou a rir.

— O quê? — Ela se afastou.

— Espero não estar interrompendo — Alek caminhou pela porta que se abriu. Tinha as mãos sobre os olhos.

— Você está, vá embora — Vlad exigiu brincando, com um

grunhido.

— Tenho que falar com... — Alek tirou a mão para dar uma olhada. Ao vê-los no sofá com a roupa posta, foi até Clara. — Eu sei o que estavam tentando lhe dizer. Estava pensando nas imagens e flores solares. Eles...

— Não — Queixou-se Clara. — Não flor solar novamente. Volte amanhã. Não quero falar sobre ceffyls hoje.

— Não, os filhotes perdidos. Estão tentando nos dizer que as flores solares ajudam durante gestação. Coloquei três fêmeas em gestação que estavam perto de parir em uma dieta de flor solar. Ficaram felizes, ativas e tiveram filhotes saudáveis. Vamos ter que tomar cuidado, mas funcionou. Flores solares — Alek disse com uma pequena onda de emoção. — Ordenei que as sementes fossem plantadas. Vamos começar o cultivo em poucos meses. Mas, sabe o que isto significa? Não mais de cinquenta por cento de probabilidades de um nascimento vivo.

Clara lançou um olhar sério.

— Contou a sua esposa esta notícia?

Alek pareceu surpreso por um momento.

— Não. Não o fiz.

— Tenho certeza de que ela ficará encantada com a notícia — Afirmou Clara. — Precisa contar para ela.

— Tem razão! — Alek se apressou em sair da sala.

— Kendall pode não apreciar tanto — Vlad brincou.

Clara se inclinou para ele.

— Agora, marido, não pense que esqueci. O que me disse em nossa noite de casamento?

Vlad colocou os lábios perto dela. Por um momento ela pensou que iria tentar não responder. Logo, um segundo antes que sua boca a tocasse, admitiu: — Traduz-se como minha florsolar.



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (a).

By Lola